

O ESTUDO GEOGRÁFICO DA CIDADE NO BRASIL: EVOLUÇÃO E AVALIAÇÃO

Contribuição à História do Pensamento Geográfico Brasileiro*

*Maurício de Almeida Abreu ***

INTRODUÇÃO

É sempre importante que, a intervalos periódicos de tempo, uma comunidade científica reflita criticamente sobre a sua própria produção. Ao fazer isto, ela não apenas resgata e recupera todo o esforço já empreendido de construção do conhecimento, valorizando-o portanto, como identifica problemas e propõe soluções de encaminhamento para o futuro.

No que diz respeito à Geografia Urbana Brasileira, esta tarefa já vem sendo realizada há algum tempo, tendo dado origem a diversos trabalhos (Corrêa, 1967 e 1978a; Müller, 1968; Fredrich, 1978; Mamigonian, 1978). Por serem historicamente determinados, esses estudos constituem-se hoje em verdadeiros depositários, tanto da produção realizada pelos geógrafos brasileiros

sobre a cidade, como da própria história da Geografia no País.

O objetivo do presente trabalho é o de oferecer mais uma contribuição a essa avaliação que os geógrafos urbanos brasileiros efetuam periodicamente sobre a sua produção. Pretende-se, com este trabalho, resgatar muito do que já foi abordado em estudos anteriores, e acrescentar também coisas novas, fruto das discussões mais recentes que vêm sendo travadas na Geografia.

Dada a magnitude do objetivo que se pretende avaliar (o estudo geográfico da cidade), algumas decisões tiveram que ser tomadas no sentido de limitar o universo a ser pesquisado. Assim, foram incluídos na presente pesquisa os seguintes tipos de trabalho:

a) **trabalhos realizados apenas pelos geógrafos brasileiros.** Estão excluídos, pois todos os estudos realizados por outros

* Recebido para publicação em 28 de agosto de 1992.

Este trabalho foi realizado com apoio da FINEP e do CNPq, e apresentado no I Simpósio Nacional de Geografia Urbana (São Paulo, Novembro 1989). O autor agradece à Rosa Ester Rossini por ter facilitado o acesso a diversas obras que são aqui comentadas, e a Roberto Lobato Corrêa pela crítica que realizou a uma versão preliminar do texto.

** Professor adjunto - Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ.

profissionais, excetuando-se aqueles que foram realizados pelos pioneiros da Geografia no Brasil (muitos dos quais não tinham formação específica nessa disciplina) e os trabalhos que, embora de autoria de não-geógrafos, foram defendidos em Programas de Pós-graduação em Geografia. Estudos realizados por geógrafos estrangeiros e por outros estudiosos das cidades estão também presentes no texto, já que servem de ponto de referência para as discussões que são aí levantadas.

b) trabalhos que tratam apenas da escala intra-urbana. O objetivo de estudo está limitado aos trabalhos que focalizam a cidade propriamente dita; que tratam da sua organização interna e dos processos que a determinam. Deixamos assim, para outros, a tarefa de analisar a produção geográfica realizada a nível interurbano e a nível do processo de urbanização.

c) trabalhos que atingiram o domínio público. Estão incluídos nesta avaliação apenas os trabalhos publicados ou defendidos em Programas de Pós-graduação em Geografia. Optou-se por considerar também aqueles trabalhos que foram publicados sob a forma de resumo, geralmente incluídos em anais de congressos. A dificuldade de acesso dos geógrafos aos meios editoriais é notória, razão pela qual muitos dos estudos que são realizados conseguem apenas ser publicados de forma resumida, ou então em veículos de circulação bastante restrita, de difícil acesso. Acreditamos, assim, que os trabalhos publicados sob a forma de resumo traduzem um esforço muito maior, que merece ser valorizado. Por esta razão, fazem parte desta avaliação.

A tarefa a que nos propusemos revelou-se, na prática, muito maior do que a havíamos imaginado inicialmente. Com efeito, a produção realizada pelos geógrafos brasileiros sobre a cidade é não apenas antiga, como numerosa e diversificada. Conseqüentemente, tivemos que trabalhar com um número bastante elevado de referências bibliográficas, que estão devidamente listadas ao final deste estudo. Resta dizer, para finalizar, que este trabalho não pretendeu (e nem poderia) cobrir toda a produção realizada pelos geógrafos brasileiros sobre a cidade. Estão incluídas aqui apenas aquelas fontes às

quais foi possível ter acesso. Acreditamos entretanto que elas revelam, com bastante clareza, o que tem sido este longo e profícuo processo de produção de conhecimento sobre a cidade, que é agora recuperado, discutido e avaliado.

PENSAMENTO GEOGRÁFICO E A CIDADE: PRIMÓRDIOS

Ao analisar-se a evolução do pensamento geográfico mundial após a institucionalização da Geografia como disciplina universitária, por volta de 1870, nota-se com certo espanto que a cidade é um tema de atenção relativamente recente dos geógrafos. Com efeito, embora Ratzel tenha dedicado a ela diversos capítulos da segunda parte da "Anthropogeographie", é somente a partir da década de 20, quase 30 anos depois do aparecimento daquela obra (Ratzel, 1891), que a cidade passará a ser um objeto sistemático de investigação da Geografia. No Brasil, serão necessários ainda mais 15 anos para que o mesmo possa vir a acontecer.

Ratzel conferiu às cidades um papel importante na evolução da humanidade. Para ele, o conceito fundamental da análise geográfica da cidade era o de "Lage", "palavra que em português corresponde ao mesmo tempo à de posição (isto é, de localização segundo as coordenadas geográficas) e à de situação, ou seja, de localização, por exemplo, em relação a outro elemento ou conjunto de elementos" (Backheuser, 1944b, p. 401). Dentre esses elementos, Ratzel enfatizou principalmente o papel desempenhado pelas vias de comunicação através da História, chegando mesmo a dizer que a cidade deveria ser estudada a partir de sua situação em relação a essas vias. As grandes cidades foram, inclusive, definidas por ele como "uma reunião durável de homens e de habitações humanas que cobre uma grande superfície e se encontra no cruzamento de grandes vias comerciais" (Ratzel, 1903).

É, pois, a partir do conceito de posição/situação que a cidade entra no cenário geográfico moderno. Vindo de Ratzel, isto não poderia deixar de ocorrer. Com efeito, este

conceito é fundamental em toda a sua obra, especialmente na "Politische Geographie", que tem toda a sua quarta parte dedicada ao tema (Ratzel, 1987). Embora outros grandes autores alemães tenham também dedicado atenção à posição das cidades (Schlüter, 1899; Hettner, 1902), o fato é que, a partir da morte de Ratzel (em 1904), o estudo das cidades vai se transformar, deslocando-se do eixo preferencialmente estratégico e econômico da posição, para caminhar em direção a novos elementos balizadores. Isto já era notado por *Fèbvre* em 1922, que acusava os geógrafos alemães de se preocuparem agora excessivamente com o estabelecimento dos mais diversos esquemas classificatórios de cidades¹, tarefa que ele considerava importante mas que não refletia "a verdadeira contribuição geográfica ao estudo do tema" (*Fèbvre*, 1922).

E que contribuição seria essa? Para *Fèbvre*, era a Geografia Francesa que estava contribuindo de forma mais efetiva para a compreensão da cidade. E isto ela fazia a partir da orientação geral de Vidal de la Blache que, segundo ele, "havia colocado e resolvido de uma só vez o problema geográfico da cidade" quando escrevera: "La nature prépare le site et l'homme l'organise pour lui permettre de répondre à ses désirs e à ses besoins" (Vidal de la Blache, 1898, p. 107). Ou seja, o estudo geográfico das cidades deveria pautar-se principalmente pelas questões referentes ao sítio, que transformava-se agora no principal elemento conceitual do estudo urbano. A cidade seria, então, mais um palco de demonstração da superioridade da "vontade humana" sobre o jugo ambiental, e assim contextualizada passava a fazer parte, também, do temário principal do debate franco-alemão daquela época.

Dados esses objetivos maiores, não é de se estranhar que os trabalhos franceses de Geografia Urbana, que *Fèbvre* tanto elogiava, tenham optado preferencialmente pelo estudo de cidades localizadas em sítios desfavoráveis, como provam os estudos realizados sobre Friburgo (Girardin, 1909/10), sobre

Grenoble (Blanchard, 1911), sobre Lille e Nancy (Blanchard, 1914/15), sobre Lausanne (Biermann, 1916), sobre Annecy (Blanchard, 1916), sobre Bordeaux (Blanchard, 1917), e sobre Marselha (Blanchard, 1918; Rambert, 1919). Como conclusão, esses estudos proclamavam, invariavelmente, as "grandes vitórias humanas" sobre o meio natural².

Essa "naturalização" do estudo geográfico da cidade se inscreve perfeitamente bem no contexto dos debates da época. Não é o lugar, aqui, de comentar tudo o que se escondia por trás dessa opção, ou seja, o estatuto de ciência natural que Vidal de la Blache defendia para a Geografia, as pressões externas vindas de outras disciplinas (que contestavam a validade da existência da Geografia como ciência), o significado político-ideológico do debate franco-alemão, etc. O que importa referir é que o projeto naturalista foi vitorioso da França, e que embora La Blache tenha deixado apenas algumas poucas páginas escritas sobre as cidades³, sua orientação foi decisiva para o delineamento do tipo de estudo urbano que iria agora predominar naquele país e, mais tarde, nos países que receberiam a influência da "escola francesa", dentre eles o Brasil.

O projeto naturalista imposto ao estudo geográfico das cidades transparece claramente nos trabalhos realizados pelos geógrafos franceses do início do século. Jean Brunhes, por exemplo, na sua "Géographie Humaine", de 1913, define a cidade como um dos "fatos da ocupação improdutivo do solo", como "uma espécie de organismo vivo ao qual se aplicam os métodos comparativos das ciências de observação" (Brunhes, 1912, 2ª Ed., 187-00). Blanchard, por sua vez, no prefácio de seu livro pioneiro sobre Grenoble, afirma claramente que a idéia essencial do estudo é que a origem e o desenvolvimento da cidade são explicados pelas condições físicas do seu sítio" (Blanchard, 1911, p.5). Assim, no coração mesmo dessa Geografia Urbana que se iniciava, conforme lembra Pinchemel, reinava imponente o conceito de sítio, com a noção de posição ocupando um nível subsidiário (Pinchemel, 1983, p. 298).

¹ Veja-se, por exemplo, Hassert, 1907; Oberhummer, 1907; Kröcher, 1913; Geisler, 1920.

² Aliás, Pierre Deffontaines iria caracterizar mais tarde, e dessa mesma forma, o resultado da luta que se estabeleceu entre homem e meio natural no Rio de Janeiro (Deffontaines, 1937).

³ Compiladas por Emmanuel De Martonne para a publicação *post-mortem* dos "Principes de Géographie Humaine" (Vidal de la Blache, 1922).

Discípulo fiel de Brunhes, morto em 1930, Pierre Deffontaines trará em sua bagagem, ao chegar ao Brasil em 1934, toda esta opção preferencial pelo natural. Antes de discutir mais detalhadamente o início dos estudos de Geografia Urbana no Brasil, é preciso destacar, entretanto, um outro elemento importante do ambiente da época, e que também afetou, a nosso ver, a opção naturalista pela qual votaram os geógrafos franceses. Trata-se da necessidade de diferenciar claramente os estudos geográficos daqueles realizados por outros profissionais, principalmente pelos sociólogos.

Com efeito, se a alocação metodológica de Vidal de la Blache sobre as "características próprias da Geografia" (1913) parece ter dado resultado, tranqüilizando a disputa com a História e dando lugar, inclusive, à uma fase de maior integração entre as duas disciplinas⁴, o mesmo não acontecia com a Sociologia. As polêmicas de Vidal de la Blache com Durkheim, na virada do século, são bastante conhecidas. Outras influências, entretanto, surgiram a partir de então, e podem ter ameaçado a nascente Geografia Urbana Francesa. Maunier, por exemplo, escrevera em 1910 importante estudo sobre a origem e a função econômica das cidades. Já na década de 20, por sua vez, surgiram os estudos sistemáticos de Ecologia Humana da "escola de Chicago", que propunham não apenas uma abordagem diferente do estudo urbano (a ser discutida mais adiante), como apresentavam também um modelo geral (e espacial) de crescimento das cidades. A nível de hipótese, podemos argumentar que urgia diferenciar claramente o estudo geográfico das cidades dos trabalhos realizados por outros profissionais, o que acabou acontecendo a partir da promoção da "monografia urbana" como estudo-padrão de cidades feito pela Geografia. Isto ficará mais claro agora, quando passamos a tratar especificamente da introdução da chamada "escola francesa" no Brasil.

A ESCOLA FRANCESA CHEGA AO BRASIL: A "GEOGRAFIA TRADICIONAL"

É comum assinalar o ano de 1934, data da criação da Universidade de São Paulo, como o marco de fundação da moderna Geografia Brasileira. Com efeito, é nesse ano que, convidados pelo governo daquele estado, chegam ao Brasil os mestres franceses que viriam ocupar as cátedras abertas na nascente Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Dentre eles estava Pierre Deffontaines, que não só participou da fundação da USP como, no ano seguinte, transferindo-se para o Rio de Janeiro, emprestou seu prestígio também à criação da Universidade do Distrito Federal - UDF -, sendo substituído na USP por Pierre Monbeig.

Embora seja inegável que, com a criação dos cursos universitários, a Geografia atingiu um patamar novo em seu processo de desenvolvimento no Brasil, fixar o seu nascimento em meados da década de 30 acaba por encobrir o importante papel que vinha desempenhando, já há 25 anos, aquele que foi o verdadeiro introdutor da chamada "escola francesa" no País: Carlos Delgado de Carvalho.

Com efeito, se é em 1910, data da publicação de "Le Brésil Meridional", que as idéias lablacianas são introduzidas no Brasil (Delgado de Carvalho, 1910), serão nos 20 ou 25 anos subseqüentes que Delgado irá travar uma verdadeira guerra contra o ensino descritivo e enciclopédico então reinante nas escolas de nível elementar e médio do País. Datam desse período, por exemplo, a sua ação efetiva para mudar o currículo do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro (considerado colégio-padrão); suas intervenções em diversas sociedades científicas, dentre as quais a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro (depois Sociedade Brasileira de Geografia); a publicação de compêndios escolares, dentre os quais a "Geographia do Brasil" (Delgado de Carvalho, 1913); e, principalmente, a publicação

⁴ Vide, por exemplo, os títulos dados por Fèbvre e por Brunhes e Vallaux a duas de suas grandes obras: "La Terre et l'évolution humaine - Introduction géographique à l'Histoire" (Fèbvre, 1922 e "La géographie de l'Histoire" (Brunhes e Vallaux, 1921).

de sua "Methodologia do Ensino Geográfico", trabalho em que revela estar a par do que de mais recente havia, àquela época, em termos de teoria e método geográficos (Delgado de Carvalho, 1925).

Pode-se afirmar então, seguindo Vânia Vlach, que a chegada dos mestres franceses em meados da década de 30, ao invés de detonar um processo inteiramente novo, veio é dar impulso a um processo que já havia se iniciado nas décadas anteriores e que, tal qual havia ocorrido na Alemanha e na França do Século XIX, teve sua origem nas pressões, estímulos e demandas provenientes do ensino médio (Vlach, 1988). Corroborando esta opinião, assim falava Maria Conceição Vicente de Carvalho na década de 50, em reunião que homenageou a memória de José Veríssimo da Costa Pereira, recentemente falecido:

"Quando pois, a geografia moderna ensaiava os primeiros passos no Brasil pela mão de Delgado de Carvalho, e muito antes que os mestres franceses viessem trazer a sua contribuição através das faculdades de filosofia, já Veríssimo se familiarizara com a obra de um Ratzel, de um Vidal de la Blache, de um Penck, de um Marinelli. Daí a sua formação eclética, não filiada a esta ou àquela escola, mas conhecendo-as todas" (Leite et al., 1955, p. 42) (grifo nosso).

Se Delgado de Carvalho e outros foram precursores da chamada "Geografia Moderna" no País, não há dúvida, entretanto, que foi com a chegada dos mestres franceses que ela realmente se instalou com solidez no Brasil. É agora não apenas a nível do ensino, mas também através da pesquisa. Conforme bem atestou Aroldo de Azevedo (1954, p. 49):

"Criada a Universidade de São Paulo e, com ela, a Faculdade de Filosofia, passou a Geografia a ser ensinada em nível superior, com o objetivo de formar bons professores para o magistério secundário e pesquisadores para o trabalho no campo."

Esse trabalho no campo a que se referiu Azevedo sintetiza bem o que seria, de 1934 em diante - e por um bom tempo! - o trabalho geográfico "par excellence" no Brasil. Com efeito, diretamente influenciada pela Geografia Francesa, já tradicionalmente retratária à teorização, a Geografia Brasileira fez do trabalho **no campo**, do contato direto

com a observação, uma atividade não apenas fundamental de pesquisa, como também de aprendizado. Não seria exagero afirmar que foi no trabalho "no campo" - e não nas faculdades - que a primeira geração de geógrafos obteve, verdadeiramente, a sua formação.

A "geografia moderna" e a cidade

Ao falar-se especificamente da pesquisa geográfica urbana, o ponto de partida inequívoco de sua realização no Brasil encontra-se na atuação de Pierre Monbeig na USP e, mais especificamente, em seu trabalho sobre "O estudo geográfico das cidades" (Monbeig, 1941b), obra metodológica que viria orientar o pensamento de inúmeros geógrafos brasileiros por mais de um quartel de século.

Houve, é verdade, trabalhos anteriores sobre as cidades brasileiras realizados por geógrafos. Caio Prado Júnior, por exemplo, no início de sua brilhante carreira, publicou dois artigos sobre a posição da cidade de São Paulo (Prado Júnior, 1935 e 1941). Deffontaines, por outro lado, escreveu alguns artigos a respeito da origem de nossas cidades que são, hoje, considerados clássicos. Destacam-se aqui o estudo sobre Sorocaba e sua feira de burros (Deffontaines, 1935) e, principalmente, seu longo ensaio sobre as diversas formas de origem dos centros urbanos brasileiros (Deffontaines, 1938), temática que não deixará de cativar a atenção do geógrafo nas décadas seguintes, como atestam os trabalhos de Aroldo de Azevedo sobre as vilas e cidades do Brasil colonial (Azevedo, 1954/55), sobre embriões de cidades brasileiros (Azevedo, 1957a), sobre arraiais e corrutelas (Azevedo, 1957b), além dos trabalhos de Soares (1958), sobre "a primeira vila portuguesa no Brasil" e de Bernardes (1960a), sobre a "função defensiva do Rio de Janeiro e seu sítio original".

Houve também outros estudos, que resultaram de pesquisa de campo aqui realizada por geógrafos estrangeiros, dentre os quais podemos citar A. Haushofer (1925), que estudou Ouro Preto e Belo Horizonte; Otto Quelle (1931), que estudou o Rio de Janeiro; Preston James, que realizou trabalhos sobre

Belo Horizonte e Ouro Preto (1932) e sobre Rio de Janeiro e São Paulo (1933); e, finalmente, Philippe Arbos, que estudou Petrópolis (1938) quando aqui esteve em 1937 dando aulas na Escola de Economia e Direito da Universidade do Distrito Federal. Isto sem falar do capítulo dedicado às duas maiores cidades brasileiras por Deffontaine (1939) em sua "Geografia Humana do Brasil".

Apesar da precedência desses estudos sobre o ensaio metodológico de Pierre Monbeig citado acima, a verdade é que eles aqui pouco tiveram repercussão, já que foram originalmente publicados no exterior e, em alguns casos, em língua de difícil acesso (alemão). O trabalho de Monbeig, ao contrário, não só foi publicado no vernáculo, como revestiu-se de significado ainda maior por ter sido o carro-chefe de uma série de estudos apresentados à discussão no IX Congresso Brasileiro de Geografia, reunido em Florianópolis em 1940, sob o patrocínio da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro (tradicional promotora do evento) e do agora recém-criado Conselho Nacional de Geografia.

Tratava-se, na verdade, da primeira incursão da nova Geografia acadêmica, da Geografia das faculdades de filosofia, na seara dos congressos científicos. E essa era uma incursão aguardada com expectativa pelos que trabalhavam na Academia. Para eles era fundamental impor definitivamente no País a "Geografia Moderna", e cortar os laços, de uma vez por todas, com a Geografia Enciclopédica que ainda teimava em se manter por aqui. Colaborando também nessa direção, o IBGE fez divulgar com bastante antecedência o evento, transcrevendo na Revista Brasileira de Geografia o teor de vários discursos de adesão ao certame, dentre os quais figurava um pequeno artigo de autoria de João Dias da Silveira, docente de Geografia Física da USP. Esse artigo, originalmente publicado na Folha da Manhã, revela claramente o que representava, para a nova geração de geógrafos que surgia no Brasil, o congresso a ser realizado em Florianópolis. Dizia Silveira naquela ocasião:

"Como é domínio público, está marcada para setembro próximo, a realização, em

Florianópolis, do Nono Congresso Brasileiro de Geografia Muito embora iniciativa como essas devam, já de *per se*, ser elogiadas o Congresso de Florianópolis assume aspecto particular. Preenhem-se-lhe detalhes e questões que o transformam em verdadeiro centro de atração, que fazem dele uma prova para as elites intelectuais do país A Geografia, não é novidade para os que estudam, evoluiu muito nos últimos tempos. Atualmente suas linhas diretrizes, seus métodos e objetivos fazem dela uma ciência que, se não pode ser chamada de nova, deve ao menos ser considerada como rejuvenescida. Mas, entre nós, não faz muito tempo que começou a ser entendida em suas modernas tendências. Na realidade a nova Geografia ainda não conquistou todos os centros cultos do país. Há muitos que não a conhecem na nova roupagem e que continuam a praticá-la como era feito há cem anos atrás. É necessário considerar, porém, que algo já vai sendo feito. Já aparece reação animadora Os estudos nas escolas superiores, feitos muitas vezes com a assistência de mestres vindos de fora, já produziram bastante, muito mais mesmo do que se poderia esperar, dadas as dificuldades encontradas. Em Florianópolis, esperamos, iremos ver quão profundo tem sido esse trabalho das Universidades e como se tem alterado a técnica do ensino da Geografia" (Silveira, 1940).

As expectativas de Silveira foram plenamente preenchidas. Dentre os trabalhos aprovados para publicação nos Anais do congresso⁵, diversos eram de alunos de Monbeig, destacando-se aí uma série de monografias urbanas, que aplicavam em contextos espaciais diferentes, o método proposto pelo mestre francês. São essas monografias - sobre França (Ribeiro, 1941); sobre Casa Branca (Pantoja, 1942); sobre Jaboticabal (Matos, 1942); sobre Palmital (Dias, 1944); sobre Poços de Caldas (Ramos, 1944); sobre Santo André (Silva, 1944); e sobre Catanduva (Pantaleão, 1944) - além de um trabalho de Monbeig (1941a) sobre Marília, e de outro sobre Campos re-

⁵ Listados na Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, jul./set., p. 651-66, 1942.

alizado por Pessanha (1941) - que inauguraram a "Geografia Moderna" (hoje tradicional) no País, alçando o estudo geográfico da cidade a novo e desafiante patamar. Aliás, para finalizar esta parte, é importante destacar que entre as noções discutidas ao final do congresso figurava uma proveniente da "Secção de Geografia Humana", e que pedia a inclusão da "Secção de Geografia Urbana" no congresso seguinte. Foi aprovada por unanimidade!

A monografia urbana

O que era monografia urbana sugerida por Monbeig em seu artigo pioneiro? Em poucas palavras, pode-se dizer que era o resultado da aplicação do método da Geografia Regional à cidade. Era, na realidade, uma monografia regional, só que a região, neste caso, era a cidade.

Assim delineada, o que se poderia esperar então de uma monografia urbana? Nada menos do que uma síntese urbana. E como fazer esta síntese? Da mesma forma como vinham sendo feitas as "sínteses regionais", ou seja, através da integração analítica de dados físicos e humanos, objetivando com isso demonstrar a individualidade deste "fato geográfico" que era a cidade.

O trabalho de Monbeig é, neste sentido, perfeitamente claro e didático. O estudo geográfico das cidades deveria ser o resultado final da superação de uma série de etapas metodológicas, cada uma direcionada à observação e obtenção (*in locu* ou a partir de fontes secundárias) dos dados exigidos para a elaboração de cada segmento da monografia.

E que segmentos seriam esses? Eles eram basicamente seis: **o sítio, a posição, a evolução histórica, a fisionomia e estrutura, as funções urbanas, e o raio de ação da cidade.** Antes de comentá-los, é necessário alertar, entretanto, que o esquema apresentado por Monbeig nada tinha de original, já que as monografias urbanas vinham sendo elaboradas na França há quase 40

anos (Vacher, 1904), e seguiam sempre o mesmo modelo que, aliás, já haviam sido sistematizado anteriormente por Blanchard (1922). Philippe Arbos, por sua vez, ao dar uma aula de Geografia Urbana na Universidade do Distrito Federal, em 1937, também havia proposto esquema semelhante (Arbos, 1946).

O que deve ser creditado a Monbeig com justiça, neste caso, é que foi ele quem elaborou o primeiro trabalho metodológico e didático sobre o assunto no Brasil (necessidade, talvez, de sua atividade docente num país sem qualquer tradição acadêmica em Geografia), reunindo num único texto proposições de pesquisas que haviam sido encaminhadas, nos últimos 40 anos, pelos mais variados pesquisadores.

Logo no início do trabalho, Monbeig credita a Ratzel, Vidal de la Blache e Brunhes a fonte de sua aspiração. A partir daí, entretanto, esquece esses pioneiros, não ficando claro - como era de se esperar num texto metodológico - quais foram as fontes inspiradoras de cada uma de suas partes⁶.

Para Monbeig, a cidade era não apenas "um organismo, mas também uma forma de ato de posse do solo por um grupo humano". Para se compreender a cidade havia que se estudar, então, como funciona esse organismo, e como se efetuou (e ainda vem se efetuando) esse ato de posse. Em outras palavras, era preciso saber "qual é este solo?" e "quais são esses homens?", visando, com isso, à obtenção de elementos que destacassem "o papel da vontade humana no crescimento das cidades" (Monbeig, 1941b, p. 8).

O estudo deveria começar pela posição, e seguir as etapas já consagradas pela prática de pesquisa. Não é o lugar, aqui, de discutir cada um dos elementos que compunham a monografia urbana. Para um esclarecimento maior, o leitor deve dirigir-se diretamente ao texto de Monbeig que, como já foi dito, é claro e didático. Vale pinçar, entretanto, algumas passagens específicas do trabalho, já que elas são bastante esclarecedoras da proposta científica da chamada "Geografia Moderna" (hoje transformada em "tradicional").

⁶ Aliás, o descuido (ou pouco caso) com as citações bibliográficas é uma característica marcante de diversos geógrafos regionais franceses dessa época, resultando daí uma impressão - falsa - de que as discussões por eles elaboradas eram fruto, quase que exclusivo, da genialidade do próprio autor.

Em primeiro lugar, é digno de nota a atenção que Monbeig dá às representações cartográficas: "todo trabalho geográfico supõe o estabelecimento de mapas", dizia ele (p. 9). Ciência empírica pautada na observação, a Geografia teria, com efeito, que dar atenção especial à sistematização das observações obtidas em campo, razão pela qual Monbeig não cansa de alertar para a importância do mapa, sugerindo a necessidade de obtenção de uma carta topográfica aqui, ou de elaboração de um mapa de densidade ali. Chama a atenção, sobretudo, para aquelas cartas que, produzidas pelo próprio pesquisador, revelariam a paisagem invisível da cidade: mapas de isócronas, de proveniência de alunos, de deslocamentos diários da população, etc. Estas cartas, por sua vez, deveriam ser elaboradas a partir de dados em "inquéritos", elemento fundamental da pesquisa de campo em Geografia.

A representação cartográfica, considerada como o "melhor meio de esquematizar e dar da realidade uma representação a um tempo exata e eloqüente" (p. 9), deveria entretanto ser judiciosamente considerada pelo geógrafo. Com efeito, se a vulgarização do mapa era um fato inconteste entre as ciências humanas, já que seu emprego "foi adotado pela sociologia e pela etnografia, sobretudo americana, e os estudos clássicos da escola de Chicago mostram tudo o que era possível conseguir desse emprego" (p. 9), era necessário, entretanto, que o geógrafo não extrapolasse demasiadamente as conclusões obtidas a partir dele. Assim, ao comentar a necessidade de descrever o dinamismo das diversas partes constituintes da cidade, Monbeig afirma que "pode-se procurar sistematizar a distribuição dos diferentes tipos de bairros, como fizeram os americanos ... (com) ... a série de círculos concêntricos". Não se deve, entretanto, "procurar enquadrar de qualquer modo o caso especial estudado nesta sistematização ... (a não ser como hipótese) como fio condutor (Monbeig, p. 18).

Para Monbeig, a cidade, assim como as diversas partes que a constituíam, tinham uma "alma", que cabia ao geógrafo descobrir. Por essa razão, não havia lugar no es-

tudo urbano para modelos, para "sistematizações". O objetivismo científico (da Escola de Chicago, por exemplo), deveria ser rejeitado pela Geografia, pois ele levaria necessariamente à sua "desumanização", já que "ninguém acredita ter mostrado o homem, quando este foi contado como um rebanho de gado". Para ele, já era tempo "de fazer uma injeção de Elisée Réclus na Geografia dos *synclinaux* e das estatísticas, como na Sociologia que crê exprimir o real por colocá-lo em equações" (p. 19).

A passagem acima é extremamente significativa, pois revela claramente as dimensões teórico-metodológicas da chamada "Geografia Tradicional". Em primeiro lugar, ela enfatiza a opção prioritária pelo idiográfico, pelo singular. Assim, as sistematizações, as posturas nomotéticas, deveriam ser evitadas. Se elas já vinham ocorrendo na Geomorfologia, era preciso não só estancá-las aí, como impedir que chegassem à Geografia Humana⁷.

E quanto à Sociologia? Por que a constante referência a ela no artigo? A resposta a esta pergunta não é fácil, mas há elementos que podem servir de "pistas" esclarecedoras. Falamos, em primeiro lugar, da antiga rixa com a morfologia social durkheimiana, que fazia com que o geógrafo francês visse, já há décadas, contrapondo sistematicamente o *esprit géographique* aos trabalhos produzidos pela Sociologia. Embora importante, acreditamos, entretanto, não ser esta a principal razão dos ataques de Monbeig à Sociologia.

Qual seria ela então? A nível de hipótese podemos argumentar que, no final da década de 30, a Sociologia americana vinha também influenciando os jovens universitários brasileiros, e isto representava um perigo para a então nascente Geografia Urbana de base vidalina que estava sendo introduzida formalmente na Academia Brasileira. Com efeito, desde meados da década de 20 que uma nova proposta de estudo urbano vinha sendo pregada pela chamada escola de ecologia humana, e esta proposta ousava inclusive, como já vimos, utilizar-se de representações car-

⁷ Note-se que a tentação de percorrer o caminho do neopositivismo já afetava a Geografia bem antes da chegada "Revolução Quantitativa".

tográficas! E ela também já havia chegado ao Brasil.

Geografia humana ou escola humana?

Há indícios que apontam para um elemento de disputa teórico-metodológica na discussão que se realiza sobre a cidade nos meios universitários brasileiros (sobretudo paulistas) por volta de 1940. De um lado, Monbeig (ligado à USP) defende a monografia urbana. De outro, a ecologia humana tenta penetrar no País, propondo uma abordagem nova, processual. Seu grande arauto era Donald Pierson que, desde fins de 1939, também estava em São Paulo e, tal qual Monbeig, também estava "treinando jovens pesquisadores", só que na Escola Livre de Sociologia e Política (Pierson, 1948).

Ou seja, por volta de 1940, época em que Monbeig escreve seu famoso artigo, o estudo da cidade vinha sendo defendido a partir de duas vertentes distintas. De um lado, o mestre francês preconizava o estudo de base idiográfica. Por seu lado, Pierson defendia a ecologia humana, "campo às vezes erroneamente confundido com outros campos afins mas bastante diferentes, especialmente a Geografia Humana e a Antropogeografia" (Pierson, 1948, p. 9).

Havia entretanto razões para essa confusão. E isto devia-se, principalmente, ao fato de que "o desenvolvimento deste novo campo tem sido, na sua maior parte, empírico" (Pierson, 1948, p. 10), grifado no original). Ou seja, campo ainda em formação, a Ecologia Humana vinha acumulando conhecimentos da mesma forma que a Geografia o fazia: através do trabalho de campo. A proposta ecológica, entretanto, não era a mesma da Geografia. Se na concepção de Pierson a cidade também era um organismo, "um produto natural que surge da interação de forças naturais" (Pierson, 1943, p. 51) - uma definição que embutia o mesmo viés naturalista daquela usada na Geografia Humana - o método que ele apresentava para o seu estudo era radicalmente oposto.

Para Pierson, já que a cidade era um "ser natural", ela, por definição poderia ser es-

tudada segundo o método das ciências da natureza e investigada com o objetivo da busca de suas leis. Dizia ele:

"Se a cidade é um fenômeno natural - uma "coisa", em linguagem científica - sabemos que está sujeita a mudança ordenada O que a princípio talvez pareça um emaranhado confuso de elementos desconexos pode se tornar cada vez mais inteligível.... Para o sociólogo, a cidade é uma "coisa dinâmica"... Seu objetivo é descobrir as leis de seu crescimento, descobrir o que é comum, genérico, uniforme em todas as cidades, desprezando, por enquanto, o que é particular e único" (Pierson, 1943, 51-52).

A proposta de Pierson não contemplava, entretanto, o estudo do meio natural, e nem buscava a "alma" da cidade. Conforme ele afirmava:

"A Ecologia Humana ... estuda as relações que existem, não diretamente entre o meio físico e o homem, seja a influência deste sobre aquele, ou daquele sobre este, e sim as relações **entre os próprios homens**, na medida em que estas relações são por sua vez influenciadas pelo Habitat. Por outras palavras, o interesse principal da Geografia Humana e da Antropogeografia é a localização espacial, enquanto que o da Ecologia Humana é o processo" (Pierson, 1948, p. 12, grifado no original).

Duas propostas científicas, duas propostas antagonicas. De um lado, a busca do peculiar e do único; de outro, a procura do geral, do uniforme. Há indícios de que Pierson foi ouvido pelos geógrafos. Suas propostas estão transcritas inclusive no Boletim Geográfico, cujo redator o apresenta como "um eminente sociólogo americano, que vem desenvolvendo eficiente atuação nos meios universitários pelo desenvolvimento das pesquisas sociológicas em nosso País (e que) estuda a cidade sob o prisma social" (Pierson, 1943, p. 51). Essas propostas eram, ademais, bastante atraentes, principalmente para o estudo dos "aspectos humanos" das cidades, e é exatamente ao abordá-los que Monbeig dá suas estocadas à Escola de Ecologia Humana.

Temas tais como "relações entre os próprios homens" e "processo social" não eram, para Monbeig, de interesse da Geografia Humana. Em seu artigo pioneiro, por pelo menos duas vezes ele deixara isto bem claro. Ao discutir, por exemplo, o estudo das "pessoas" (no caso, a população), ele afirmara que a população só tinha interesse na monografia urbana enquanto dado mensurável ou cartografável. Havia que se discutir a evolução demográfica, a composição por idade e sexo, a distribuição das densidades, a formação dos bairros. Poder-se-ia também "colocar em mapa a Geografia das profissões e das classes sociais: zona dos operários de fábricas, dos trabalhadores de estrada de ferro, dos burgueses abastados e da classe média". Entretanto, para ele, estes eram **"fatos sociais que o geógrafo não sabe e não precisa estudar"** (Monbeig, 1941b, p. 17, grifo nosso).

Numa outra passagem, ao falar da função bancária, Monbeig ressaltou a importância do "dinheiro", que reconhecia ser a mola-mestra da cidade. Dizia ele: "falar dos homens e de suas casas é bom, mas se se esquece o dinheiro, nada se disse e apenas se mostraram corpos inertes". Com essa frase, ele pretendia realçar a importância do capital financeiro no crescimento das cidades da zona pioneira paulista mas, julgando estar saindo dos limites de um trabalho geográfico, logo cortou a discussão desta forma: "Dir-se-á que nos afastamos (com esta discussão) demasiado do meio natural ..." (Monbeig, 1941b, p. 23).

Entfim, a proposta da Ecologia Humana era demasiadamente contraditória para o Modelo de Geografia que se implantava no Brasil no final da década de 30. Por isso, apesar de atraente, ela foi desconsiderada pelos geógrafos. Quando os termos da equação se inverteram, 40 anos mais tarde, quando a busca do geral e do constante passou a tomar o lugar do particular e do único, ela será entretanto resgatada do esquecimento, e fará sua estréia na Geografia Urbana brasileira. Sobre isso falaremos adiante.

Concluindo esta parte, é inegável que o método sugerido por Monbeig não apenas se afirmou na Geografia Brasileira, como teve também um papel orientador funda-

mental na evolução subsequente dos estudos urbanos no País. É a partir dele, baseado nele, que a monografia urbana vai se generalizar como o estudo-padrão de Geografia Urbana no Brasil. Mas isto só virá a ocorrer de forma mais sistemática a partir da década de 50, e sob a égide da Associação dos Geógrafos Brasileiros. Antes de passarmos a esta discussão, é necessário que sejamos capazes de recuperar, um pouco mais, os estudos que resultaram desta fase inicial de estabelecimento da Geografia universitária no País.

Os outros estudos urbanos da década de 40

Ainda comentando a produção da década de 40 é preciso falar do aparecimento de uma série de trabalhos que, embora seguindo o método monbeigiano, não se estruturaram necessariamente como "monografias", isto é, não deram atenção igual a todas as fases de análise propostas pelo mestre. São estudos que privilegiaram a função (Carvalho, 1944b; Müller, 1952) ou que, por analisarem pequenos núcleos urbanos (e mesmo vilas) acabaram se direcionando para o modelo conceitual do "gênero de vida". Estão neste grupo, por exemplo, os trabalhos de Valverde (1944) sobre Pirapora e Lapa; de Azevedo (1946) sobre Juazeiro e Petrolina; de Peluso Júnior (1948, 1952a) sobre vilas no Estado de Santa Catarina; de Müller (1949a) sobre a vila de Icapara, no litoral sul paulista; e de Silva (1949) sobre Atibaia. Destaques especiais merecem ser dados, entretanto, ao estudo de Peluso Júnior (1952b) sobre Lajes, apresentado no X Congresso Brasileiro de Geografia (Rio de Janeiro, 1944). Trata-se de um estudo de fôlego, bastante original, difícil de ser enquadrado em classificações.

Há que se referir ainda, nesta época, ao aparecimento de alguns trabalhos que, por sua abrangência, constituem-se em verdadeiros pontos de referência. Trata-se do surgimento das primeiras monografias regionais brasileiras, que inauguram no País a *tradition vidalienne*. São trabalhos belíssimos, que dedicam um capítulo (estruturado como monografia) à análise do centro ur-

banco principal da região estudada. Incluem-se aqui as teses de doutorado de Maria Conceição Vicente de Carvalho (1944a) sobre "Santos e a geografia humana do litoral paulista" (a primeira tese de Geografia defendida no País), e de José Ribeiro de Araújo Filho (1950) sobre a "Baixada do Rio Itanhaém".

Por outro lado, como toda regra tem exceção, e como a história do pensamento geográfico no Brasil está cheia de temáticas e de indivíduos precursores, é também nesta década de 40 que Aroldo de Azevedo realiza suas primeiras pesquisas urbanas. Estas, iniciadas com dois trabalhos modestos sobre Goiânia (Azevedo, 1941) e Salvador (Azevedo, 1942), logo se deslocaram para a temática metodológica (Azevedo, 1943a) e para o estudo dos "subúrbios" da capital paulista (Azevedo, 1943b e 1944), culminando, finalmente, na publicação de sua tese de concurso à cátedra de Geografia do Brasil da USP, que analisou os "subúrbios orientais de São Paulo" (Azevedo, 1945a).

Este último estudo constituiu-se em trabalho verdadeiramente inovador, já que não se restringiu à análise fechada, isto é, centrada em si mesma, de apenas uma cidade (como era praxe na monografia urbana), mas tratou de uma série de núcleos urbanos que não poderiam ser estendidos apenas em função de suas características peculiares, posto que já estavam sofrendo os efeitos do crescimento acelerado da capital paulista. Enfim, um estudo que, dentro das limitações teóricas da época, já fazia a ligação do local (no caso, a periferia urbana) com uma totalidade maior (a dinâmica da grande cidade), antecipando-se assim à discussão da temática das áreas metropolitanas, que só vingaria na Geografia Urbana brasileira a partir de meados da década de 50.

Será nessa década de 50, também, que a monografia urbana vai "explodir" no temário geográfico. E isto tem muito a ver com a mudança dos estatutos da Associação dos Geógrafos Brasileiros - AGB -, ocorrida em 1945, e com o início das suas reuniões anuais. Isto discutiremos agora.

A AGB - seu papel na produção do conhecimento geográfico brasileiro (1946-1970)

Fundada "naquele já remoto mês de setembro do ano de 1934 na residência do eminente professor Pierre Deffontaines, na capital paulista", como não cansará de lembrar Aroldo de Azevedo em suas alocações às Assembléias Gerais (vide, por exemplo, Azevedo, 1953/54), a verdade é que, de início, como bem lembra Pierre Monbeig, "a despeito de seu nome, não conseguiu a Associação dos Geógrafos Brasileiros estender sua atividade além das fronteiras do Estado de São Paulo" (Monbeig, 1946, p. 119). E mesmo dentro dessas fronteiras, manter viva a associação nesses primeiros anos foi tarefa quase que impossível, mas bem desempenhada por Monbeig. Como lembra novamente Aroldo de Azevedo:

"Recordamo-nos bem nitidamente dessa fase "heróica" da AGB, quando suas reuniões não contavam com mais de quatro ou cinco pessoas No entanto, Monbeig conseguiu mantê-la de pé, fazendo reuniões bimensais, em que temas resultantes de pesquisas eram expostos e discutidos" (Azevedo, 1954, p. 52).

Foi realmente uma fase desbravadora. É nela que surge, publicada pela AGB, a primeira revista "moderna" de Geografia do Brasil, a qual, não obtendo "o necessário apoio material", foi posteriormente transformada "num boletim mais modesto, mas sempre estritamente científico"⁸ (Monbeig, 1946, p. 119).

É nessa época "heróica" que surge também, no Rio de Janeiro, o Conselho Nacional de Geografia. Fundado em 1937, no bojo da política de Vargas de controle centralizado do território brasileiro, ele logo passou a contar em seus quadros com a participação de jovens geógrafos egressos da Universidade do Distrito Federal, dando também estágio a uma ampla gama de estudantes que ainda estavam em formação nessa Universidade, a partir de 1939 denominada Universidade do Brasil (hoje UFRJ).

⁸ O autor refere-se à revista "Geografia", que se publicou em 1935/1936, e ao "Boletim da Associação dos Geógrafos Brasileiros", publicado de 1941 a 1944.

Embora não filiados a uma associação cultural como a AGB, os geógrafos do Rio também passaram a se reunir periodicamente em "tertúlias geográficas semanais", patrocinadas pelo CNG. Essas tertúlias, iniciadas em 1943 e cujas atas estão publicadas no Boletim Geográfico, constituíram-se em importante elemento de agregação da comunidade geográfica carioca. Realizadas de 1943 a 1947, essas reuniões em nada diferiam daquelas que vinham, a duras penas, acontecendo em São Paulo. Nelas discutiam-se os resultados de pesquisa de campo (em andamento ou já concluídas), palestravam os grandes mestres, etc. Seu sucesso foi enorme nessa época, chegando o número de tertúlias ao total de 135.

Atuando separadamente mas percorrendo caminhos semelhantes, posto que tinham a mesma origem, os grupos de São Paulo e do Rio de Janeiro logo decidiram congregar esforços, surgindo daí a idéia de reunirem-se periodicamente para discutir, em conjunto, aquilo que já faziam paroquialmente. Delineou-se então uma vontade maior, de ampliar o escopo da AGB, tornando-a uma associação verdadeiramente digna de seu nome. Conforme recorda Monbeig, esse desejo de integração "foi o que, em 1945, levou a sociedade a passar por completa reforma, que lhe desse o caráter e, sobretudo, lhe assegurasse uma atividade verdadeiramente nacional" (Monbeig, 1946, p. 119).

Reformados os estatutos, surgiram então as "secções regionais" (de início, apenas as de São Paulo e do Rio de Janeiro), que passaram a se reunir anualmente, sob o patrocínio da AGB-Nacional, em Assembléias Gerais. A história dessas assembléias ainda está por ser contada e analisada criticamente. O que sabemos delas provém apenas das atas de cada um (que estão publicadas, mas que são documentos formais) e das ricas lembranças das gerações mais velhas, que delas participaram ativamente mas cujas recordações correm o risco de se perderem para sempre, comprometendo o conhecimento pleno do que foi o processo de construção do pensamento geográfico brasileiro, caso não sejam transformadas logo em fontes formais de referência (livros, artigos, gravações).

A recuperação da memória de nossa associação é, pois, um desafio que se impõe a todos nós, e que precisa ser logo enfrentado. Isto porque o papel da AGB na formação do pensamento geográfico brasileiro foi tão importante que, a partir da realização de suas Assembléias Gerais, tornou "venerandas" as Sociedades de Geografia que lhe antecederam, algumas existentes há bastante tempo.

E não podia ser de outra forma, já que as propostas que norteavam a AGB eram radicalmente diferentes daquelas que orientavam a ação das antigas sociedades de Geografia. Como bem lembrou Aroldo de Azevedo, ao inaugurar o 1º Congresso Brasileiros de Geólogos (Ribeirão Preto, 1954):

"Em um Congresso de **Geografia**, tomam parte ativa todos quanto nele se inscreveram, bastando que se interessem pelo seu sucesso; geólogos ou economistas, matemáticos ou juristas, militares ou geógrafos profissionais, cirurgiões ou historiadores, odontologistas ou etnógrafos, químicos ou arquitetos, sumidades em qualquer ramo do saber humano ou simples curiosos, todos, indubitavelmente, na medida de seus conhecimentos ou de sua audácia, podem oferecer sua contribuição O resultado, como era de se esperar, nem sempre é muito lisonjeiro e a Geografia deixa de receber, via de regra, o ambicionado número de contribuições realmente valiosas e verdadeiramente geográficas. A situação, muitas vezes, torna-se bastante delicada, porque os geógrafos presentes vêem-se, com frequência, numa difícil encruzilhada: ou fechar os olhos e tapar os ouvidos, deixando que tudo seja aprovado, embora em desacordo com a própria consciência; ou agir com relativo rigor, numa tentativa de separar o joio do trigo, o que sempre traz contrariedades, quando não mágoas que ficam. Muito pelo contrário, no Congresso que hoje inicia os seus trabalhos, são os Geógrafos que têm voz ativa e dão a última palavra, não podendo jamais ser esquecido o ponto de vista, o interesse e a metodologia da Geografia" (Azevedo, 1953;54, 13-14, grifado no original).

Com efeito, a partir da 2ª Assembléia Geral (Lorena, 1946 - logo após a reforma dos es-

tatutos), o panorama geográfico brasileiro havia mudado substancialmente. Reunidos com a finalidade precípua de apresentar trabalhos e, principalmente, de realizar pesquisa de campo em conjunto - conforme era esperado de uma "ciência empírica" - os geógrafos da AGB logo tornaram suas reuniões não apenas estimulantes, como bastante singulares, qualidade que seria sempre reafirmada com o decorrer dos encontros.

O que era esta singularidade das Assembléias Gerais da nova AGB? Conforme bem assinalou o seu presidente, ao relatar os resultados da reunião de Lorena:

"Desejávamos evitar o mais possível, tudo o que há de acadêmico no ritual tradicional dos Congressos Nosso intuito era trabalhar, e não fazer discursos; confrontar nosso ponto de vista, criticar-nos mutuamente para chegarmos a conclusões positivas, e sobretudo, desembaraçar-nos dos micróbios da geografia de gabinete, indo junto ao terreno objetivo - tal era nosso fim

Como em todos os Congressos, começaram os trabalhos da Assembléia pela leitura e discussão de algumas comunicações. Breves e preciosos, desprovidos de "leroleros" pseudocientíficos, os trabalhos submetidos à Assembléia Geral tratavam de aspectos geográficos de diferentes regiões brasileiras Não é preciso acentuar o interesse prático que esses estudos apresentam (mas) A parte mais proveitosa da Assembléia foi certamente a das excursões A Assembléia Geral dos geógrafos não representou uma simples formalidade administrativa. A boa vizinhança entre cariocas e paulistas ganhou, certamente, não graças a belas palavras, mas em consequência de esforço coletivo de pesquisa em comum" (Monbeig, 1946, p. 120-121).

Este comentário de Pierre Monbeig resume bem, a nosso ver, o que foram - de Lorena em 1946, a Vitória em 1969 - as Assembléias Gerais da AGB: reuniões anuais nas quais os geógrafos brasileiros se encontravam para apresentar comunicações, trocar experiências e, principalmente, para fazer trabalhos de campo em conjunto.

A importância do trabalho de campo para a Geografia, nessa época que hoje chamamos de "Geografia Tradicional", foi fundamental. E há que se notar que, ao dar-se início à prática de reuniões periódicas, esta atividade já havia assumido, há muito, o papel de motor principal da pesquisa geográfica. Como dizia Aroldo de Azevedo em 1954, ao relembrar os tempos iniciais das Faculdades de Filosofia de São Paulo e do Rio de Janeiro:

"Os trabalhos de campo, titubeantes a princípio, apareceram depois feitos com melhor técnica e segurança maior. Veio a tornar-se um espetáculo comum a realização de excursões geográficas, didáticas e de pesquisa, e não tardou que grupos numerosos de geógrafos permanecessem dias e semanas a fio, a realizar trabalhos de campo" (Azevedo, 1953/54, p. 24).

Não é de se espantar, pois, que com a institucionalização da prática de se fazer trabalho de campo durante as Assembléias Gerais, esta atividade tenha não só se tornado ainda mais importante, como também definidora do caráter "singular" dessas reuniões de geógrafos, razão pela qual (face à impossibilidade de realizar um trabalho de campo eficiente com um grande número de participantes), as inscrições para participar das Assembléias Gerais eram muitas vezes limitadas.

A partir de Lorena, todas as Assembléias Gerais da AGB se estruturaram em torno do trabalho de campo. E isto foi uma decisão mais do que coerente com a proposta empirista que orientava, então, a Geografia Brasileira. Era através dele e do conhecimento que proporcionava a partir do contato direto com a paisagem, que poder-se-ia chegar, sem "leroleros", às conclusões positivas (isto é, baseadas na observação) de que nos falava Monbeig. Ademais, ao se estudar, a cada Assembléia, uma região distinta, os geógrafos contribuiriam, por acumulação de conhecimento de cada parte, para o conhecimento do todo, isto é, da "superfície da Terra" que era o somatório de todas elas.

Por esta razão, havia também que se preocupar muito com os critérios de escolha da sede de cada encontro. Além dos inevitáveis critérios logísticos (tão mais importantes quanto mais nos distanciamos no tempo),

havia que se atentar também para o “interesse geográfico da área”, isto é, para a riqueza de paisagens (de preferência, a reunião deveria se realizar em “áreas de contato” de paisagens diferentes) e para a falta (ou o reduzido número) de estudos a respeito do local escolhido. Já que o interesse fundamental das reuniões era “desembarçarmos dos micróbios da Geografia de gabinete, indo junto ao terreno objetivo”, era preferível também que fosse escolhida como lugar do encontro uma cidade de pequenas dimensões, já que aí o contato com a paisagem (especialmente a natural) era facilitado, e as tentações da cidade grande evitadas.

Os trabalhos de campo realizados durante as assembleias, no período 1946-1969, tiveram, ademais, duas outras funções importantes. Por um lado, proporcionaram aos geógrafos mais experientes a oportunidade, sempre renovada, de aplicar os saberes já adquiridos e de acumular conhecimentos novos via contato direto com diferentes realidades regionais. Por outro lado, proporcionaram também àqueles geógrafos recém-saídos das faculdades, ou ainda em formação, a oportunidade não só de trabalhar diretamente com os grandes mestres, como de adquirir o *know-how* necessário para fazerem eles também, no futuro, seus próprios vôos.

Em 1972, ao saudar os congressistas reunidos em Presidente Prudente para o I Encontro Nacional de Geógrafos, o primeiro a se realizar após a nova mudança de estatutos ocorrida em 1970 (que acabou com a prática do trabalho de campo durante as reuniões), Marcos Alegre enfatizou bem este último ponto:

“Vale dizer que essa nova modalidade de reunião veio substituir nas Assembleias da AGB, o trabalho de pesquisa que durante muito tempo se fez através de grupos que se organizavam e saíam a campo para estudar os variados aspectos da geografia local e regional. Estudos de vulto realizados e posteriormente publicados fornecem cabal demonstração da importância que essas atividades tiveram e da imensa contribuição que deram para o progresso da Geografia do Brasil. Mas esses estudos e pesquisas de campo, tradicionais na AGB desempenharam ainda um outro relevante papel: con-

tribuíram, e muito, para a formação de alguns dos maiores nomes da Geografia brasileira já que, nessas reuniões e grupos, estudantes jovens licenciados tiveram a oportunidade de trabalhar ao lado dos mais experientes e renomados geógrafos não só do País como não raro, do exterior. Foram, portanto, verdadeiras escolas de Geografia” (Alegre, 1973, p. 11-12).

A geografia tradicional e a produção de conhecimento sobre a cidade (1950 -)

Como não poderia deixar de acontecer, dado o que acabou de ser discutido, as Assembleias Gerais da AGB tiveram papel bastante importante na estruturação do pensamento geográfico brasileiro sobre a cidade no período em apreço. Inicialmente este papel foi direto, fruto da prática do trabalho de campo durante as reuniões, que acabaram por consagrar a monografia urbana como estudo-padrão dos geógrafos sobre a cidade. Com o passar do tempo, entretanto, esta influência passou a ser menor, o que pode ser creditado à consolidação dos centros de pesquisa em Geografia do País. Nem por isso, entretanto, as Assembleias Gerais deixaram de ser o foro privilegiado para as discussões. Com efeito, foram em algumas delas que importantes avanços se realizaram, redirecionando inclusive a pauta da pesquisa geográfica sobre a cidade no País.

A década de 50 foi, efetivamente, a década da monografia urbana. Ela apareceu sob variadas formas, seja como resultado do trabalho de campo efetuado durante as Assembleias Gerais, seja por iniciativa própria de pesquisadores isolados (que seguiam, entretanto, o mesmo método monbeigiano), seja ainda como capítulo específico de estudos regionais.

No que diz respeito ao primeiro tipo, isto é, às monografias urbanas realizadas a partir das reuniões da AGB, há que se mencionar que elas eram um produto intelectual no qual se misturavam o trabalho coletivo e a capacidade de sistematização final de um único profissional. O processo de sua elaboração, embora variando no detalhe, seguiu sempre a mesma seqüência, tão bem descrita

por Azevedo ao relatar o que eram as Assembléias Gerais:

"Discutem-se teses ou comunicações, é bem verdade; porém a principal tarefa consiste em realizar pesquisas em trabalhos de campo, o que é feito através de três ou quatro equipes (cada qual sob a direção de um dos associados), que se dirigem, simultaneamente, para áreas diferentes dentro do raio de influência do local escolhido como sede da assembléia, entregando-se a um trabalho ativo e intenso. Fazem lembrar verdadeiros "comandos", pela rapidez de sua ação e pela área que conseguem percorrer, graças a uma inteligente divisão de tarefas. Diariamente, nas primeiras horas da noite, realiza-se a coordenação do material recolhido na pesquisa; ao fim de três ou quatro dias, retornam as equipes ao local da assembléia e passam a preparar os relatórios parciais, em febril atividade, para que seus respectivos chefes possam, ainda no decurso da própria assembléia, apresentar o relatório final preliminar (que é então discutido por todos os presentes). Mais tarde, com o necessário vagar, tais relatórios são redigidos de forma definitiva e publicados nos "Anais" (Azevedo, 1953/54, p. 53-54).

Estes "comandos" a que se referia Azevedo geralmente se dividiam em grupos de "Geomorfologia", "Geografia Agrária" e "Geografia Urbana". No caso da equipe urbana, o trabalho de campo era geralmente realizado na própria cidade, e a divisão de tarefas seguia as determinações especificadas por Monbeig, com os integrantes se estruturando com grupos de estudo de "sítio e posição", "evolução histórica", "funções urbanas", "raio de ação da cidade", etc. Como resultado final desses diversos esforços de pesquisa contamos hoje com vários estudos monográficos, que estão listados no Quadro 1.

Além desses trabalhos, resultantes de pesquisas realizadas nas próprias Assembléias da AGB, vieram à luz também, especialmente na década de 50 mas prolongando-se até à década de 70, uma grande quantidade de estudos que, embora diferentes entre si, tiveram em comum a utilização, em sua totalidade ou em parte, do método

monbeigiano. Para efeito de agregação, podemos classificá-los da seguinte maneira:

Monografias urbanas

São estudos do tipo padrão, muitos deles apresentados e aprovados em reuniões da AGB. Estão aqui trabalhos sobre Diamantina (Bernardes, 1949/50); Águas da Prata (Souza, 1950); São Luiz do Maranhão (Azevedo, 1950/51); Olímpia (Araújo, 1950/51); Cruzeiro (Bernardes, 1951/52); Londrina (Prandini, 1951/52); Manaus (Ab'Saber, 1953); Ubaitaba (Santos, 1954); Cataguases (Cardoso, 1955); Porto Alegre (Roche, 1955); Crato (Petroni, 1955); Ponta Grossa (Santos, 1956); Pesqueira (Sette, 1956 b); Contagem (Guimarães, 1957); Mogi das Cruzes (Tirico, 1957/58); Marabá (Dias, 1958); Pirapora do Bom Jesus (França, 1961); Aracaju (Diniz, 1962 e Castro, 1967); Taubaté (Müller, 1965); Teresina (Moreira, 1972); e Belém (Barcellos, 1974). Podem ser citados aqui também alguns trabalhos que, embora mais direcionados à temática interurbana (determinação da área de influência de uma cidade; análise do grau de centralidade de pequenos núcleos urbanos), dedicam uma parte essencialmente monográfica ao estudo da cidade em questão. É o caso, por exemplo, dos estudos de Cardoso sobre Campina Grande (1963) e Caruaru (1965), e dos trabalhos de Perides (1971) sobre Dois Córregos, e de Gams (1977) sobre Paraguaçu Paulista.

Estudos regionais com capítulo monográfico urbano

Trata-se, neste caso, de trabalhos tipicamente regionais, mas que dedicam uma parte da análise ao estudo da cidade principal da área estudada. Incluem-se aqui o estudo da Região de Santa Isabel (Ab'Saber, 1950/51); da Região de Corumbataí (Petroni, 1951/52); da Zona do Cacau da Bahia (Santos, 1955); da Zona da Mata de Minas Gerais (Valverde, 1958); da Região de São Luís do Paraitinga (Petroni, 1959); da Região do Alto Curso Superior do Tietê (Tirico, 1960b); da Baixada do Ribeira (Petroni, 1961); do Nordeste Potiguar (Valverde et al. 1962); e do Nordeste da Mata Pernambucana (Valverde, 1960).

Este último trabalho merece destaque especial, já que se constitui num dos poucos estudos dessa fase que ousaram não seguir a regra monbeigiana de que temas sociais, como o das relações de classe, são “coisas que o geógrafo não sabe e não precisa estudar”. Ao descrever a cidade de Timbaúba,

Valverde dá atenção especial à miséria aí reinante, à disparidade entre as classes sociais, utilizando em sua análise, ainda que timidamente, categorias que só muito mais tarde seriam incorporadas ao temário geográfico, tais como “exercício industrial de reserva” e “capital constante”.

QUADRO 1

AS ASSEMBLÉIAS GERAIS DA AGB (1945 - 1969)

A. G.	ANO	LOCAL	TRABALHOS DE CAMPO/MONOGRRAFIA URBANA/OBSERVAÇÕES
1ª	1945	São Paulo	Não houve trabalho de campo. Mudança de estatuto.
2ª	1946	Lorena	Excursão à Serra da Bocaina.
3ª	1947	Rio de Janeiro	Excursão às Baixadas Litorâneas e a Campos.
4ª	1948	Goiânia	Mato Grosso de Goiás e Região do Jaraguá
5ª	1950	Belo Horizonte	Lagoa Santa/Região do Caraça/Belo Horizonte. Monografias urbanas: Azevedo (1949-50); Mattos (1949-50)
6ª	1951	Nova Friburgo	Município de Nova Friburgo. Monografias urbanas: Bernardes (1950-51).
7ª	1952	Campina Grande	Brejo Paraibano; Sertão de Curema, Campina Grande. Monografias: Müller (1951-52); Carvalho (1951-52).
8ª	1953	Cuiabá	Médio Cuiabá/Chapada dos Guimarães. Monografia: Azevedo (1952-53).
9ª	1954	Ribeirão Preto	N/SE/SW de Ribeirão Preto. Monografia: França, Ary (in.)
10ª	1955	Garanhuns	Catende/Arcoverde/Borborema. Monografia: Azevedo (1954-55)
11ª	1956	Rio de Janeiro	Reunião administrativa.
12ª	1957	Colatina	Linhares/Reg. colon. antiga e nova; Monografia: Bernardes (in.)
13ª	1958	Santa Maria	Município de Santa Maria/Depressão do Jacuí/Reg. São Gabriel. Monografias urbanas: Mattos, Dirceu (inéd.); Müller (1962)
14ª	1959	Viçosa	Viçosa/Ponte Nova/Ubá. Monografias: Keller (in.); Andrade (1961).
15ª	1960	Mossoró	Área salineira; Várzea do Açu; Região do Apodi. Monografia urbana: Santos, Milton (inédito).
16ª	1961	Londrina	Jacarezinho/Maringá/Cianorte. Monografia: Geiger (inédito)
17ª	1962	Penedo	Baixo S. Francisco/Regiões de Arapiraca/Itabaiana. Monografia urbana: Bernardes (inédito)
18ª	1963	Jequié	Zona cacauzeira; Plan. de Maracás; Zona de Conquista. Monografia urbana: Müller (1970)
19ª	1964	Poços de Caldas	Poços de Caldas/Reg. de Andradas. Monografia: Tírico (in.)
20ª	1965	Rio de Janeiro	Não houve trabalho conjunto. Só excursões.
21ª	1966	Blumenau	Blumenau; Região de Timbó. Monografia urbana: Mamigonian (in.)
22ª	1967	Franca	Planalto de Franca. Monografia: Mesquita, Myriam (inéd.)
23ª	1968	Montes Claros	Não houve trabalho de campo conjunto. Só excursões.
24ª	1969	Vitória	Baixo Rio Doce/Médio Itapemirim/Vitória. Monografia urbana: Keller, E. (in.); Est. área infl.: Corrêa, R. (inéd.)

Monografias urbanas parciais

Neste caso estão incluídos os trabalhos que se dedicam ao estudo de uma cidade pelo método monbeigiano, mas que não resultam em monografias completas já que privilegiaram apenas algumas das análises que compõem a monografia-padrão. Podemos destacar aqui, em primeiro lugar, as análises realizadas sobre o **sítio e/ou posição** de Sorocaba (Santos, 1950); de Nazaré e Ituberá (Santos, 1954/55 e 1955/57); do Rio de Janeiro (Bernardes, 1957/58 e Deffontaines, 1959; das cidades de Pernambuco (Melo, 1958); de Porto Alegre (Ab'Saber, 1965); de Belém (Bernardes, 1974), e de Recife, Lins (1987).

Muito mais numerosos, entretanto, são aqueles trabalhos que se dedicam à análise da origem e evolução histórica das cidades e/ou das funções predominantes, como atestam os estudos sobre São Paulo realizados por Canabrava (1949/50), Monbeig (1954) e Azevedo (1961); sobre o Rio de Janeiro, de autoria de Bernardes (1959, 1961a), de Castro (1965a, 1965b), de Pinto (1965), e de Cardoso (1968a); sobre cidades de origem portuguesa e alemã em Santa Catarina, de Peluso Júnior (1953); sobre Garanhuns, de Sette (1956a); sobre pequenos centros paulistas de função religiosa, de Franca (1972); sobre antigas capitais do café, de Pazera Júnior (1974); sobre Mossoró, de Felipe (1982); sobre Águas de São Pedro, de Rodrigues (1985); e, principalmente, sobre o Recife, de autoria de Castro (1948), de Melo (1978), e de Andrade (1979).

Outra temática que atraiu a atenção dos geógrafos nesse período foi a da análise da **estrutura urbana**. Neste caso privilegia-se a descrição das diversas partes que compõem o "organismo urbano", não sendo rara a seleção de um desses componentes para que seja objeto de análise mais detalhada. Alguns trabalhos de peso resultaram desses esforços de pesquisa como, por exemplo, o estudo pioneiro de Penteado (1954/55) sobre a "região suburbana de São Paulo", embrião de trabalho sobre a temática das áreas metropolitanas; o ensaio de Geiger (1960) sobre a estrutura urbana do Rio de Janeiro; e o belo estudo de Soares (1965), também sobre o Rio de Janeiro.

A temática do **bairro** também foi seguida em trabalhos menos ambiciosos, destacando-se aqui o estudo metodológico de Soares (1958b) sobre a conceituação dessa unidade urbana, e os estudos cariocas sobre Laranjeiras (Simões, 1952/53) e Santa Teresa (Boynard, Soares, 1958b). Até mesmo uma rua foi objeto de análise, no caso um dos grandes eixos de circulação da capital paulista: a rua da Consolação (Tírico, 1958).

Grandes estudos urbanos

O período que hoje chamamos de "Geografia Tradicional" produziu também alguns trabalhos que, por sua abrangência e pela riqueza da análise empírica, merecem certamente um destaque especial. São trabalhos de fôlego, fruto de pesquisa exaustiva, que demandaram longos períodos de preparação mas que resultaram em obras que merecem, com justiça, um lugar de destaque na história do pensamento geográfico sobre a cidade no Brasil.

Dois desses trabalhos privilegiaram a análise da área central, e resultaram num minuciosíssimo estudo sobre a organização do centro de Salvador em fins da década de 50 (Santos, 1959), e do centro do Rio de Janeiro, aproximadamente dez anos depois (Duarte, 1967a). A temática do bairro, de sua integração do conjunto maior que é a cidade, e de sua estruturação interna, também resultou num trabalho de grande envergadura, conforme demonstra o estudo de Petrone (1963) sobre Pinheiros, na capital paulista. A temática regional, por sua vez, também se fez presente através do estudo sobre a "Baixada Santista" coordenado por Aroldo de Azevedo (1965a), que contém análises monográficas e funcionais de diversos centros urbanos dessa parte do litoral paulista.

Frutos de teses de doutoramento ou de livre-docência, riquíssimos em conteúdo e bem mais abrangentes em escopo, merecem destaque também o estudo monográfico sobre Belém, de Penteado (1966); a análise abrangente da estruturação da Grande São Paulo realizada por Langenbuch (1968); o estudo de Müller (1967) sobre as cidades do vale do Paraíba paulista; e os trabalhos de Araújo Filho sobre a função portuária de Santos (1969) e de Vitória (1974).

Para concluir, há que se falar daquela que foi, sem sombra de dúvida, a obra mais importante de Geografia Urbana desse período.

Fruto de longos anos de trabalho, já que foi idealizada em 1948 e só publicada dez anos mais tarde, "A Cidade de São Paulo" (Azevedo, 1958a), homenagem da Seção Regional de São Paulo da AGB (em associação com o Departamento de Geografia da USP) ao quarto centenário de fundação da capital paulista, é hoje um marco histórico dos estudos urbanos no País. Esta obra, que teve a coordenação geral de Aroldo de Azevedo, é, sem dúvida, a mais abrangente "monografia urbana" que já foi realizada no Brasil. Nos quatro volumes que a compõem, o leitor encontra um variedade de ricas análises - cada uma enfocando uma das temáticas-padrão do estudo monográfico - assinadas pela "nata" da Geografia paulista de então. Obra premiada pela Câmara Brasileira do Livro, é referência obrigatória hoje para todos os que estudam a metrópole paulista.

Sinais de mudança na geografia tradicional

A realização do Rio de Janeiro, em agosto de 1956, do XVIII Congresso Internacional de Geografia representa um marco divisório importante na história do pensamento geográfico brasileiro. Símbolo da "maturidade" a que havia chegado nossa disciplina em tão pouco tempo, como não cansarão de salientar alguns geógrafos, ele não apenas demonstrou a capacidade da comunidade geográfica brasileira de organizar uma reunião infinitamente mais complexa do que as assembleias da AGB, como propiciou a essa mesma comunidade uma oportunidade ímpar de intercâmbio científico.

Para Nice Lecocq Müller, 1956 representa o fim de uma era e o início de outra. Falando especificamente da Geografia Urbana, ela considera que o XVIII Congresso Internacional da UGI separa, claramente, uma fase de consolidação gradual de conhecimentos (fase de desenvolvimento) de outra época: a fase da afirmação. Segundo suas próprias palavras:

"O XVIII Congresso Internacional de Geografia.... além de propiciar renovação de pontos de vista e de métodos pelo contato com especialistas estrangeiros, estimulou uma série de estudos urbanos, quer para serem apresentados ao congresso, quer para se-

rem incluídos nos vários livros-guia das excursões realizadas" (Müller, 1968, p. 16).

Nessa mudança de fases esconde-se algo, que Müller não salienta de forma explícita, mas que flui claramente de seu discurso: o sentimento de autoconfiança que o congresso deu à comunidade geográfica brasileira. E isto já pode ser observado na preparação da XII Assembléia Geral da AGB que, marcada para Colatina em julho de 1957, pela primeira vez passou a se organizar sob a forma de simpósio, com os participantes sendo convocados e reunirem-se na cidade capixaba de forma diferente, isto é, para debater e apresentar trabalhos sobre um tema específico e (para a época) atual: o "habitat rural no Brasil".

Apesar da temática agrária, foi entretanto nessa mesma reunião, conforme lembram Müller (1968) e Corrêa (1967, 1989a), que a Geografia Urbana atingiu um novo estágio. A partir da iniciativa de Lysia Bernardes, a monografia urbana tradicional das reuniões da AGB sofreu modificação importante, passando também a incluir uma análise do grau de centralidade urbana, da determinação da área de influência da cidade.

Se a reunião de Colatina representa um marco dos estudos interurbanos no Brasil, a XIV Assembléia, reunida em Viçosa em 1959, teve papel semelhante no que diz respeito à temática intra-urbana. Com efeito, convocados novamente para um simpósio, desta vez dedicado ao estudo do "habitat urbano no Brasil", os geógrafos brasileiros optaram por debater ali uma temática que era tão nova quanto a da centralidade urbana, e que era também de grande importância para a época: a das metrópoles e áreas metropolitanas. E o fizeram de maneira bastante diversa daquela que era característica das reuniões anteriores.

Com efeito, ao debruçarmo-nos sobre os trabalhos apresentados em Viçosa, sentimos claramente a mudança. São estudos principalmente de caráter metodológico, que suscitaram, por conseguinte, acirrados debates conceituais. Observados com os olhos de hoje, esses trabalhos e debates podem parecer simplórios e até insignificantes. Eles tiveram, entretanto, um papel fundamental no posterior redirecionamento da pauta da pesquisa geográfica urbana no País.

Em Viçosa, discutiu-se basicamente questões de método e de terminologia, tais como:

a) **qual o critério de definição de metrópole?** Seria ele quantitativo, como sugeria Aroldo de Azevedo (1958/59) - ou seja, metrópoles seriam as cidades de mais de 100 000 habitantes - ou deveríamos optar por um critério funcional, limitando, ademais, esse conceito às cidades "ca-beças de rede urbana", como sugeria Geiger? (Melo, 1958/59).

b) **quais os tipos de metrópole?** Houve consenso em que haveriam dois tipos de metrópole: nacionais e regionais.

A temática da **organização interna das cidades** também foi objeto de ampla discussão. E de forma nova! Não mais se dava prioridade ao estudo estanque das diversas partes da cidade, da fisionomia e funções de cada bairro tomado isoladamente, como era típico da monografia-padrão. Já, ao que parece, sob a influência do trabalho de Tri-cart (1954) sobre o habitat urbano, aos geógrafos importava agora analisar principalmente a **estrutura urbana**, definida de forma dinâmica, a partir das relações que se estabeleciam entre cada parte da cidade.

Mas como fazer isto? Se os trabalhos e debates que aconteceram em Viçosa indicam claramente a existência de dúvidas, de hesitações, eles também revelam - ainda que timidamente - a tomada de iniciativas novas, a busca de um pensamento próprio. Para comprovar isto, reproduzimos abaixo o teor de alguns debates ocorridos naquela reunião:

a) **que critério utilizar para caracterizar um aglomerado como urbano?** Critério numérico, administrativo, funcional?

b) **o que é um subúrbio?** O subúrbio no Brasil tem algo a ver com o *suburb* norte-americano e com a *banlieue parisienne*?

c) **qual a distinção entre urbano e sub-urbano?**

d) **que critérios utilizar para diferenciar as diversas partes da cidade?** Seriam critérios de fisionomia (de paisagem) e de função, como defendiam Therezinha Soares, Antonio Penteado e Ary França? Ou será que um estudo

como esse, "do processo de diferenciação das zonas constitutivas da estrutura urbana ... (não seria) menos de Geografia e mais de Ecologia Humana", como alertava Mário Lacerda de Melo (1958/59)?

O simpósio encerrou-se com uma grande discussão sobre a necessidade de harmonização da terminologia adotada em Geografia Urbana. Com efeito, o que era "subúrbios próximos" para Penteado (1958/59) correspondiam aos "subúrbios periféricos" de Maria Therezinha Soares (1958/59). E o que aquele denominava de "subúrbios remotos", para esta eram "núcleos pioneiros suburbanos". Tentando chegar a uma conclusão conciliatória, Bernardes (1958/59) apresentou um "quadro sumário da nomenclatura de zonas urbanas", que deveria servir de base para a meditação e aprimoramento futuros⁹.

A década de 60 viu prosperar as temáticas que foram debatidas no simpósio de Viçosa, que passaram a atrair cada vez mais a atenção dos geógrafos. Com efeito, num país que passava por transformações radicais em sua base econômica, onde as forças de acumulação capitalista redesenhavam toda a estrutura espacial de fixos e de fluxos, seja através da aceleração do processo de formação de áreas metropolitanas, seja via a reformulação do padrão de relações interurbanas, seja ainda mediante o redesenho de toda a organização interna das cidades, não eram mais possível e nem relevante concentrar esforços no estudo monográfico tradicional. Como já visto, as monografias urbanas até continuaram a ser realizadas, mas já não expressavam mais o estudo geográfico padrão de cidade, tanto que muitas daquelas que foram elaboradas nas assembleias da AGB da década de 60 jamais foram publicadas (Quadro 1). Aliás, a partir dessa década a Geografia urbana brasileira deixou de ter estudos-padrão, um sinal evidente de amadurecimento.

Reflexos na Produção Geográfica

A mudança de temário ocorrida no final da década de 50 na Geografia Urbana pode

⁹ Iniciava-se aí uma grande discussão sobre a necessidade de harmonização do vocabulário de Geografia Urbana, que se prolongou por toda a década de 60 e resultou, inclusive, numa publicação especial, patrocinada pela Comissão de Geografia do Instituto Panamericano de Geografia e História (IPGH, 1971).

ser claramente verificada pela análise do que foi produzido por seus profissionais. Conforme salientado por Corrêa (1989a) em sua avaliação dos estudos sobre hinterlândias e redes, a mudança de temário que afetou a Geografia Urbana após a realização do XVIII Congresso Internacional de Geografia refletiu-se principalmente na ênfase que se passou a dar, a partir de então, aos estudos de centralidade urbana. Uma análise dos trabalhos publicados nessa época indica que será também a partir dessa vertente que o processo de transformação chegará ao estudo intra-urbano, conforme demonstramos agora.

O grande interesse despertado nos geógrafos brasileiros pelo estudo de redes urbanas (a partir da inspiração original de Tricart e de Rochefort) levou, de início, a uma desaceleração no ritmo de produção de trabalhos a nível intra-urbano. Isto se deve, por um lado, à extrema identificação desse tipo de estudo com a monografia urbana, agora considerada um símbolo de uma fase já superada. Por outro lado, o desafio representado pela nova temática, um território que praticamente ainda estava por ser explorado, atuou como foco irresistível de atração. Finalmente, a difusão das atividades de planejamento territorial na Europa no período do pós-guerra, e sua expansão no Brasil no final da década de 50, constituíram-se em força centrípeta de grande intensidade, completando o processo de atração dos geógrafos para a chamada área urbano-regional¹⁰.

Se Chabot (1948) já dissera antes que "não existe cidade sem região nem região sem cidade", nunca essa frase teve tanto *appeal* na Geografia Brasileira quanto na década de 60. A perspectiva de que, a partir da cidade, poder-se-ia intervir no quadro regional, alterando-o, acabou por dar à Geografia um sentido de aplicabilidade que nunca tivera antes. Planejamento, Geografia ativa, Geografia aplicada, Geografia voluntária Eis, agora, as novas dimensões da Geografia, que abriram novos horizontes aos geógrafos (ver, por exemplo, as discussões realizadas por Carvalho e Santos (1960) e por Santos (1965).

Principais pólos de organização regional, não é de se estranhar que foram as metrópoles e suas funções regionais que mais captaram o interesse dos geógrafos nessa época. Os trabalhos então desenvolvidos já foram comentados por Corrêa (1989a) e não precisam ser novamente discutidos aqui. O que é importante destacar, no entanto, é que gradualmente a atenção dos geógrafos também se deslocou para o estudo da organização interna e dinâmica de estruturação do espaço metropolitana, que se transformou então em palco de investigação igualmente privilegiado da Geografia.

Já nos referimos, há pouco, às discussões iniciais travadas em 1959 em Viçosa. Deu-se ali um início tímido, que foi entretanto ganhando "momentum" a partir da elaboração de uma série de estudos pioneiros, que abriram caminhos importantes. É preciso, agora, que sejamos capazes de recuperá-los.

Metropolização

A temática da metropolização teve em Maria Therezinha de Segadas Soares uma grande incentivadora e sistematizadora. Sua tese sobre "Nova Iguaçu, absorção de uma célula urbana pelo Grande Rio de Janeiro" (Soares, 1962) é hoje um clássico da Geografia Urbana brasileira. É dela também o primeiro trabalho que trata explicitamente da questão das áreas metropolitanas. De fato, em artigo que discute os critérios de delimitação dessas unidades territoriais e a possibilidade de sua aplicação ao Brasil (Soares, 1968b), a autora abriu uma trilha importante, que foi posteriormente ampliada por um grupo de geógrafos do IBGE (Galvão et al., 1969), também chamamos a refletir sobre o tema já que este órgão se transformara, agora, em eixo importante de sustentação do sistema brasileiro de planejamento territorial.

A década de 70, por sua vez, assistiu ao desenvolvimento de inúmeros trabalhos de caráter empírico sobre as formas de integração de municípios periféricos ao aglomerado metropolitano. São estudos que, na maioria, se estruturam a partir do esquema monográfico clássico, mas cuja análise já

¹⁰ Note-se, por exemplo, que a XVII Assembléia Geral Ordinária da AGB, reunida em Penedo (AL) em julho de 1962, teve como tema central "Geografia e Planejamento Regional", e contou com a presença de Celso Furtado.

está orientada basicamente para a temática das relações, dos fluxos. Incluem-se aqui estudos sobre Itaboraí (Abreu e Diniz, 1970; Mizubuti, 1972); sobre Guaíba (Becker, 1971); sobre Tapes (Copstein, 1971); sobre Maricá (Teixeira e Soares, 1973-75; Castro et al., 1974). Destaque especial, entretanto, precisa ser dado à série de dissertações de mestrado e/ou teses de doutoramento desenvolvidas na Universidade de São Paulo sobre o chamado "cinturão caipira" da capital paulista, e que versaram sobre Cotia (Lemos, 1972); Embu (Oliveira, 1972); o setor metropolitano ocidental de São Paulo (Almeida, 1975); Nazaré Paulista (Merino, 1976); Barueri (Cavalcante, 1978); Salesópolis (Le Bourlegat, 1978); Jandira (Cardieri, 1980); Itaquaquetuba (Lemos, 1980); e Caieiras (Pazera Júnior, 1982).

Na maioria orientadas por Pasquale Petrone, essas teses e dissertações cobriram uma grande parte do anel periférico externo da metrópole paulista, ou seja, daquele setor que estava então em processo de integração metropolitana. Embora pouco teóricos (como, aliás, foi toda a produção da Geografia Tradicional), esses trabalhos são entretanto extremamente ricos a nível empírico, e constituem-se hoje em fonte de consulta essencial para outros estudos, em especial para aqueles que se propõem a repensar o processo de metropolização ocorrido em São Paulo a partir do referencial teórico do materialismo histórico.

Organização Interna da Cidade

A orientação em direção a estudos mais dinâmicos, que levassem em conta relações, fluxos e processos (indicando também uma influência marcante de Pierre George) acabou por se refletir em outras dimensões do estudo geográfico da cidade, alterando conteúdos e estimulando investidas exploratórias.

A nível metodológico, destacamos a preocupação de Milton Santos em definir o que seria a cidade nos países subdesenvolvidos (Santos, 1962 e 1965). Partindo da noção de paisagens derivadas de Sorre, o autor dedica uma longa reflexão ao assunto: Que fatores seriam comuns a todas as cidades do mundo subdesenvolvido? Que outros as individualizariam externa e internamente? Esta temática também interessou à Maria

Therezinha Soares que, ao analisar a "organização interna das cidades brasileiras segundo seu estágio desenvolvimento" (Soares, 1968a) numa perspectiva evolucionista, sugeriu um método que classificava os núcleos urbanos a partir de critérios formais, paisagísticos, diferenciando-os segundo uma escala que ia das "formas simples" às "formas de grande complexidade": as metrópoles.

A nível empírico, há que ressaltar o aparecimento de alguns trabalhos que enfocaram temas novos e/ou apresentaram análises pioneiras. É o caso, por exemplo, do estudo de Anna Carvalho (1955/57) sobre o "crescimento recente da cidade do Salvador", que já detecta o papel que as políticas públicas de provisão de infra-estrutura urbana vinham tendo sobre o mercado de terras (ao concentrar investimentos em "áreas nobres de expansão"), e alerta para a existência de um processo perverso de periferização dos grupos sociais mais pobres da capital baiana, antecipando um debate que só viria a ser desenvolvido plenamente na década de 80. São palavras dela:

"Enquanto o setor costeiro passa por uma fase de valorização (em muitos casos prematura e artificial), como que profetizando a futura ocupação pela classe abastada, a parte Norte apresenta o problema oposto. A população menos favorecida da Cidade vai sendo não só cada vez mais proletarizada, como também "empurrada" para N-NE, pelo nível de vida do povo, pelas dificuldades de casa e transporte, pela valorização exagerada de outras áreas periféricas ou urbanas" (Carvalho, 1955/57, p. 95).

A análise do que hoje se denomina "**agentes modeladores do espaço**" também tem o seu início no período ora em análise, com atenção especial sendo dada ao papel da indústria. Ainda na década de 50, Santos e Carvalho (1955/57) publicam um trabalho pioneiro sobre localização industrial em Salvador, identificando diferentes tipos de área industrial na cidade e discutindo critérios de localização. Essa temática seria depois retomada por Santos (1958), e ampliada por Mamigonian (1960), que chama a atenção para o papel desempenhado pela indústria na produção de um espaço heterogêneo, em forma e em conteúdo, na cidade de Brusque, e por Davidovich (1966), que chegou à mesma conclusão ao estudar Jundiá.

Coroando esses esforços iniciais, encontramos outros estudos que analisam mais profundamente o tema, destacando-se aqui os trabalhos de Turnowski (1967, 1968, 1969) sobre a Geografia das Indústrias no Rio de Janeiro; de Andrade (1979) e de Pontuschka (1979) sobre o impacto da indústria no processo de transformação de dois municípios da periferia metropolitana paulista (Diadema e Suzano, respectivamente); e de Sampaio (1975), sobre a Geografia Industrial de Piracicaba. Anterior a esses últimos, é inovador quanto à temática e ao método de análise, a tese de doutoramento de Léa Goldenstein (1970) sobre o desenvolvimento de "um centro industrial satélite" (no caso, Cubatão), é outro daqueles grandes estudos que a Geografia Tradicional produziu, e que podem ser considerados hoje, com toda justiça, como clássicos da nossa bibliografia.

Finalmente, há que se referir aos estudos que abordaram a cidade a partir da ótica dos fluxos. Isto ocorreu sob diversas formas e contemplou dimensões diferentes, que só foram mais plenamente desenvolvidas em períodos mais recentes.

A questão da **descentralização das atividades terciárias** na cidade foi inicialmente estudada por Botelho e Cardoso (1960/62), a partir da aplicação à escala intrametropolitana dos métodos de determinação de hinterlândias. Seu estudo sobre o raio de atuação do subcentro carioca de Madureira lançou uma semente fértil que, embora não aproveitada por Pegaia (1965) em seu trabalho descritivo sobre a rede bancária da cidade de São Paulo, foi entretanto aprofundada mais tarde por Duarte (1974) e por Langenbuch (1974). Atualmente, o estudo da descentralização das atividades terciárias voltou novamente à pauta, enfatizando as suas formas mais recentes (os *shopping centers*). Segue, entretanto orientação teórico-metodológica bastante diferente, como será discutido mais adiante.

A questão do abastecimento urbano também teve seus primeiros estudos desenvolvidos nessa época, através do trabalho pioneiro de Mesquita (1959) sobre os "aspectos geográficos do abastecimento do Distrito Federal em gêneros alimentícios de base", logo seguido pelos estudos de Joviano (1960), Lavareda (1961), Magalhães

Filho (1961) e Seabra (1969). O rebatimento intra-urbano e intermetropolitano da questão do abastecimento, por sua vez, apareceu no trabalho de Guimarães (1968) sobre as feiras livres paulistanas; no estudo de Abreu (1969) sobre as funções urbanas da zona do mercado central de São Paulo; e no estudo de Bicalho (1971) sobre transformações na periferia urbana do Rio de Janeiro. Ainda hoje esta temática vem atraindo a atenção do geógrafo, como demonstram os estudos mais recentes realizados por La Corte (1976) para São Paulo, por Lima (1984) para Recife, e por Sérgio (1985) para Teresina.

Para concluir esta avaliação da chamada Geografia Tradicional, resta dizer que pode ser creditado a Rosa Ester Rossini o mérito de ter introduzido, no temário geográfico urbano, o papel desempenhado pela **mudança das relações de produção** no campo. Seu estudo sobre Serra Azul (Rossini, 1971), de caráter monográfico, parece ser o primeiro a tratar do impacto causado, na cidade, pelo processo de assalariamento da força de trabalho rural. Segundo ela, as mudanças que então ocorriam no campo paulista estavam dando origem a uma nova classe de habitantes urbanos, que residiam em "vilas pobres na periferia" (o bóia-fria).

O legado da geografia tradicional

A geração de conhecimentos sobre a cidade brasileira, propiciada pela fase de produção científica que hoje denominamos de Geografia Tradicional, foi, como já pôde ser observado, bastante extensa. E isto se aplica tanto à quantidade de trabalhos realizados, quanto à qualidade de uma parcela considerável desses. Com efeito, datam desse período uma série de estudos que hoje fazem parte, merecidamente, da galeria de honra da produção geográfica nacional.

O elogio acima é proposital. A sucessão de movimentos de renovação pela qual passou o pensamento geográfico brasileiro, a partir do final da década de 60, resultou, infelizmente, no aparecimento de uma seqüência de posturas nihilistas em relação à produção da Geografia Tradicional, que pretenderam reduzir a zero todo um esforço intelectual de mais de 40

anos, como se fosse possível avançar em Ciência a partir do vácuo, isto é da ausência de uma base anterior. Tais posturas, embora minoritárias, acabaram produzindo entretanto um efeito-demonstração considerável, levando ao ostracismo, por algum tempo, todo um esforço realizado por gerações mais velhas de profissionais da Geografia do Brasil.

É necessário, pois, que recuperemos o legado da Geografia Tradicional, o que não quer dizer que deixemos de apontar suas limitações. Com efeito, se sua proposta empirista-naturalista parece pertencer hoje apenas à história do pensamento geográfico, sua rica produção científica constitui-se em ponto de partida fundamental para o avanço teórico e conceitual da Geografia. É o caso, por exemplo, de categorias como paisagem, região, território e espaço que, recuperados e repensados teoricamente nos últimos anos, voltaram a frequentar o temário da disciplina, e têm orientado o desenvolvimento de estudos empíricos de alta qualidade.

Há que se falar, também, sobre a variedade de técnicas de descrição e de representação que resultaram desse período e, especialmente, da riqueza empírica dos trabalhos que foram nele elaborados (Moraes, 1980). Esta última vem se revelando, inclusive, imprescindível ao desenvolvimento de inúmeros trabalhos, pois retratam com nitidez toda uma estruturação espacial que já não mais existe, mas se pode ser resgatada e servir de ponto de apoio para análises processuais. Como veremos mais tarde, as pesquisas que vêm hoje sendo desenvolvidas sobre as periferias metropolitanas de São Paulo e do Rio de Janeiro, de cunho materialista histórico, têm-se beneficiado, em muito, da produção realizada nas décadas de 50, 60 e 70 sobre essas mesmas áreas.

Resta citar o caráter de documento histórico que muitos desses trabalhos passaram a incorporar. Com efeito, o crescimento urbano avassalador, a que estiveram sujeitas diversas cidades brasileiras nos últimos 40 anos, resultou em mudanças tão radicais em sua paisagem que nem mesmo rugosidades de períodos anteriores conseguiram sobreviver. Das formas e conteúdos espaciais anteriores só restaram

muitas vezes as análises geográficas tradicionais, eternizadas no papel.

A GEOGRAFIA NEOPOSITIVISTA E A "REVOLUÇÃO QUANTITATIVA"

Desde a sua implantação como curso de nível universitário, na década de 30, e até meados da década de 60, a Geografia Brasileira foi essencialmente uma disciplina voltada para a chamada "escola francesa". Foi da França que vieram os seus primeiros mestres; foi com esse país que o intercâmbio científico foi mais intenso; foram autores franceses os que mais influenciaram a geração de geógrafos aqui formada nesse período¹¹.

Na segunda metade da década de 60, entretanto, esta situação começou a mudar. É a partir daí que a chamada "revolução quantitativa" - que já vinha ocorrendo nos EUA e no Reino Unido há cerca de dez anos - chega ao Brasil, no bojo do processo de intensificação das atividades de planejamento territorial promovido pelo governo militar de então.

Conforme relata Geiger (1988), tudo parece ter começado com a chegada ao Brasil do economista e planejador John Friedmann, convidado pelo IPEA para prestar consultoria especializada àquele órgão. No decorrer dessa consultoria, contatos com outros órgãos de planejamento do Governo Federal (dentre eles, o IBGE) foram inevitáveis, surgindo aí a sugestão de que os geógrafos brasileiros deveriam praticar a Geografia que vinha sendo realizada por Brian Berry e outros nos EUA, a qual, por basear-se na linguagem franca da Matemática era mais precisa e acessível aos economistas (Geiger, 1988, p. 77). Posteriormente, chegou ao Brasil o Prof. John P. Cole que, ao oferecer um curso sobre técnicas quantitativas no IBGE em 1969, introduziu formalmente o seu estudo no País¹². O próprio Berry esteve no Brasil logo a seguir, difundindo ele mesmo a "Geografia Quantitativa", da qual

¹¹ É verdade que alguns profissionais brasileiros optaram por outras escolas (alemã, anglo-americana), influenciados que foram por mestres como Leo Waibel, Carl Troll e Preston James. Eles foram, entretanto, minoria.

¹² Vale lembrar que, em momento algum, Cole se preocupou com a introdução das bases epistemológicas do neopositivismo, limitando-se ao ensino das técnicas.

era um dos pais. A Comissão de Técnicas Quantitativas da União Geográfica Internacional, ao reunir-se no Rio em 1971, deu, por sua vez, um impulso adicional à introdução da chamada "New Geography" no País. A partir de 1970 a proposta atingiria também outra instituição importante, com os docentes do Departamento de Geografia da UNESP-Rio Claro aderindo "entusiástica e ruidosamente à "Geografia Quantitativa" provocando o desencadeamento de uma série de eventos acadêmicos" (Langenbuch, 1983, p. 5).

É bom lembrar que, mesmo antes desses contatos, os geógrafos brasileiros já vinham acompanhando, com vivo interesse, o crescente relacionamento de sua disciplina com as atividades de planejamento territorial. Com efeito, desde a década de 50 que profissionais de renome (inclusive da França) defendiam uma maior participação da Geografia nos sistemas de planejamento (Gottman et al., 1952/ Mayer, 1954; Thomas, 1956; Freeman, 1958), propagando inclusive a idéia de uma "Geografia Aplicada" (Philipponeau, 1960; Stamp, 1960; George, 1963), de uma "Geografia Ativa" (George et al., 1965, de uma "Geografia Voluntária" (Labasse, 1966). E conforme já visto anteriormente, os ecos dessas idéias já haviam chegado ao Brasil desde finais da década de 50, tendo inclusive dado alguns frutos na década seguinte (Bernardes, 1966; Bernardes, 1967 e 1969; Geiger, 1967). Não foi, portanto, por obra e graça da "quantitativa" que a vinculação da Geografia com o planejamento se realizou no Brasil. A nível de hipótese, pode-se afirmar, inclusive, que as mudanças que já vinham ocorrendo na Geografia Tradicional brasileira levariam-na certamente a essa direção, ainda que seguindo, talvez, um roteiro diferente.

O que parece ter sido realmente novo nos contatos estabelecidos por Friedmann, Berry e Cole foi o acoplamento perfeito do discurso neopositivista (que eles trouxeram), tanto às exigências do momento político-econômico pelo qual passava o país, quanto às pretensões de cientificidade e de aplicabilidade que afetam periodicamente a Geografia e que, àquela época, estavam novamente em alta.

Com efeito, num país que tinha o sistema político amordaçado e expurgado, e no qual as tentativas de organização (e de contestação) da sociedade civil eram desencora-

jadas e reprimidas, a ditadura militar pôde implementar, sem oposição, o seu projeto de aceleração do ritmo da acumulação capitalista. E nesse projeto assumiu lugar de destaque a atividade de planejamento que, inicialmente restrita às esferas setoriais, logo se espalhou também para a escala territorial, trazendo consigo toda a ideologia tecnocrática, toda a crença na supremacia do discurso técnico sobre a prática política. Afinal, se a nível setorial era possível intervir na economia e colher "milagres econômicos", o mesmo poderia ser feito a nível territorial.

Ademais, a redefinição da "estrutura espacial" do país era uma condição necessária à manutenção dos altos níveis de crescimento do PIB. Havia que fazer o bolo crescer primeiro para depois dividi-lo, conforme *slogan* da época. E um dos fermentos que faziam parte dessa receita era justamente o da ordenação territorial, razão pela qual passaram a proliferar planos dos mais diferentes matizes: Planos de Desenvolvimento Regional, Planos de Desenvolvimento Local Integrado, Planos de Regionalização, Planos de Ação Imediata, etc.

Num contexto como esse, os atrativos da "Nova Geografia", que Berry e outros anunciavam, tornaram-se irresistíveis para alguns geógrafos brasileiros, que viram nela a resposta para duas angústias que assolam periodicamente a Geografia (ou melhor, os geógrafos): a do seu reconhecimento externo como ciência (como cientistas) e a da relevância e aplicabilidade do saber geográfico, por muitos considerado como um saber inútil.

Como resposta a essas angústias, a proposta neopositivista era bastante atraente. Por um lado, ela dava à Geografia, através da Matemática, a linguagem científica que já era característica de outras ciências, facilitando assim a sua integração com essas. Por outro lado, sua nova capacidade preditiva - fruto da adoção dessa nova linguagem - integrava-a perfeitamente às exigências do planejamento territorial.

De fato, a "Nova Geografia" tinha muito a aproveitar de seu acoplamento à matriz científico-planejadora. Falando a mesma linguagem dos demais integrantes dessa matriz, mas focalizando temáticas que eram pouco consideradas por eles (o território, a

região, a cidade, etc.), a Geografia poderia lhes oferecer os insumos empíricos que demandavam. Por outro lado, pelo fato mesmo de ocupar uma célula dessa matriz, na qual imperava soberanamente, a Geografia também se habilitava a receber auxílio das demais ciências. E a ajuda de que necessitava traduzia-se em teorias e modelos que, embora desenvolvidos em outros contextos, poderiam muito bem ser apropriados e retrabalhados pelos geógrafos em suas tentativas de construção de teorias eminentemente geográficas. O desenvolvimento dessas teorias permitiria, por sua vez, que a Geografia também oferecesse às outras ciências uma contribuição teórica, e era nessa direção que estavam trabalhando, já há algum tempo, diversos geógrafos "quantitativos" que agora tornavam-se conhecidos no Brasil: o próprio Berry, William Bunge, Michael Dacey, Richard Chorley, Peter Haggett, David Harvey ...

O que houve a partir desse momento na Geografia Brasileira tem sido objeto de acalorados debates, que resultaram em publicações prenhes de paixão, tanto por parte daqueles que defenderam/defendem o neopositivismo, como principalmente por parte dos que lhe foram/são contrários. Resta perguntar, passados já 20 anos, se houve realmente uma "revolução quantitativa" no País, ou se o que acabou acontecendo aqui àquela época foi outra coisa, que os acalorados debates então ocorridos - basicamente centrados na dimensão política - acabaram por não perceber. É para essa direção que nos dirigimos agora, tendo como base de discussão a produção que foi realizada sobre a cidade.

A produção geográfica sobre a cidade

Introduzida no País a partir de uma preocupação com o planejamento, e não a partir de uma inquietação teórica interna, não é de se estranhar que a produção geográfica sobre o urbano durante a década de 70 (época áurea do neopositivismo no País), tenha se orientado essencialmente para essa direção. E ao fazer isso, privilegiou, como era de se esperar, os temários que estavam sendo demandados pelo sistema

de planejamento, dentre os quais despontavam agora as temáticas interurbanas.

Ao fazer uma avaliação da produção geográfica interurbana realizada no Brasil, Corrêa (1989a) afirma, com razão, que é nesta época que os estudos interurbanos tomam a dianteira da produção geográfica sobre a cidade. Com efeito, após um longo período em que a cidade em si foi o foco maior de atenção dos geógrafos, a década de 70 viu essa tendência ser revertida, e isto deveu-se em grande parte às demandas provenientes do sistema de planejamento territorial e regional. Esta é a época em que predominam os estudos sobre hinterlândias e redes urbanas, sobre pólos de crescimento, sobre centralidade urbana, sobre fluxos interurbanos e inter-regionais, sobre regionalização, etc., em sua maioria apoiados na fenomenal base de dados que foi o Recenseamento Geral do Brasil de 1970, a mais completa "radiografia" até então realizada do País.

Embora minoritária em termos da produção realizada, a pesquisa intra-urbana sofreu entretanto, nesse período, uma transformação significativa. Invocando o novo objetivo de busca de generalizações, de leis, de abandono do excepcionalismo, conforme pregado pelo neopositivismo, os geógrafos deram uma guinada brusca em suas pesquisas, largando de vez a monografia (que, de resto, já não lhes atraía tanto a atenção), e orientando seus esforços para o estudo daquilo que era geral, que era comum a todas as cidades. Na ausência de bases teóricas próprias, recorreram então, como ocorreu em outros países, às teorias desenvolvidas por outras ciências, notadamente a Economia e a Sociologia.

A grande ironia é que, dentre essas teorias, nenhuma teve tanto atrativo para os geógrafos brasileiros quanto a velha Ecologia Humana que Pierson tanto defendera no passado, e que Dickinson (1947) já expusera há tanto tempo em seu clássico livro. Processos como os de centralização, descentralização, invasão-sucessão, etc., passaram então, com 30 anos de atraso, a fazer parte do temário dos geógrafos brasileiros, que também incorporaram em suas pesquisas outros referenciais de análise, vindos principalmente da teoria econômica neoclássica e da teoria geral dos sistemas.

Apoiados nessas teorias, os geógrafos passaram então a esquadrihar as mais diversas realidades urbanas do País, buscando verificar aí os padrões reveladores da sua validade. Para tanto, contaram não apenas com a existência de estudos empíricos similares já realizados em outros países (que lhes serviram de modelo), como beneficiaram-se bastante da melhoria significativa das bases de dados produzidas no País.

Ao analisar-se a produção realizada, nota-se que a busca e/ou a explicação de padrões são, de fato, uma característica comum a todos os trabalhos produzidos. É possível entretanto diferenciá-los segundo o objetivo a partir do qual essa tarefa foi realizada, o que nos permite separá-los em dois grupos distintos:

- trabalhos que dedicaram-se apenas à determinação de padrões espaciais.
- estudos que objetivaram mais do que isso, isto é, que pretenderam determinar também a relação que se estabelece entre processos e padrões.

A procura de padrões espaciais

A grande maioria dos trabalhos intra-urbanos realizados pelos geógrafos, sob a influência do neopositivismo, objetivou apenas a determinação de padrões espaciais. Esta constatação, que será comentada mais adiante, posiciona bem o que foi o "quantitativismo" no Brasil, e coloca em dúvida a afirmação de que teria havido uma "revolução neopositivista" no País no início da década de 70.

Independente desses questionamentos, não há dúvida que o "tipo" de trabalho que passou a ser realizado pelos geógrafos a respeito da cidade modificou-se sobremaneira na década de 70. Amparados por bases teóricas novas - o que os diferenciava do trabalho geográfico tradicional, de cunho essencialmente empirista - esses profissionais pretenderam, com seus estudos, apontar os mais variados padrões de distribuição de fenômenos no espaço urbano, revelando não apenas as configurações visíveis da cidade, como também uma série de outras dimensões do urbano que não poderiam ser observadas, nem a olho nu, nem através da superposição de mapas. Pretenderam tam-

bém, em muitos casos, oferecer "subsídios ao planejamento".

Com o intuito de diferenciar esses trabalhos, podemos agrupá-los em dois grandes grupos: o primeiro agregaria os estudos que se propuseram a trabalhar com diversas dimensões do urbano ao mesmo tempo, e o segundo reuniria os trabalhos que privilegiaram o estudo de um único tipo de padrão. Este último grupo, por sua vez, pode ser subdividido em função do tipo de padrão que foi singularizado.

Padrões multidimensionais

A característica principal deste tipo de estudo é a sua preocupação de "varrer", o mais que possível, as dimensões fenomênicas do urbano, procurando detectar padrões de associação entre elas. O trabalho típico é aquele que utilizou a análise fatorial e/ou de agrupamento para condensar, em poucas dimensões (ou fatores), variáveis que apresentavam um padrão de distribuição semelhante no espaço urbano. Foi a partir de estudos como esses que a "revolução quantitativa" chegou ao País, devendo-se aos geógrafos da Fundação IBGE o papel de divulgadores dessa nova forma de se fazer Geografia no Brasil.

Não é de se estranhar que tenha sido no IBGE que tudo tenha começado. Desde meados da década anterior que essa instituição havia sido chamada a participar efetivamente do sistema de planejamento nacional, como fornecedora de bases territoriais e estatísticas, já no final da década, toda a regionalização do País para fins estatísticos havia sido modificada pelo IBGE, com a institucionalização da divisão do País em microrregiões homogêneas. A introdução do computador no processo de tratamento dos dados obtidos pelo Censo, por sua vez, abriu todo um mundo novo à curiosidade dos geógrafos, que podiam agora rapidamente recuperar as informações colhidas, e nas mais variadas escalas (microrregião, município, distrito, setor censitário, etc.). E a essas informações, como era de se esperar, os geógrafos do IBGE tinham acesso privilegiado. Puderam então aplicar seus novos conhecimentos quantitativos sobre um material riquíssimo, resultando daí uma série de estudos bastante representativos dessa

época, em sua maioria publicados na Revista Brasileira de Geografia.

Como já foi dito anteriormente, foi em direção aos estudos interurbanos que os novos "geógrafos quantitativos" prioritariamente se deslocaram. Há entretanto uma pequena produção intra-urbana dedicada à determinação de padrões multidimensionais, na qual tem papel pioneiro o estudo realizado por Geiger (1970) sobre as cidades do Nordeste, que objetivou descobrir, via a utilização da análise fatorial, similaridades e diferenças entre os núcleos urbanos dessa região do País. Em estudo imediatamente posterior, Almeida e Lima (1971) fizeram o mesmo com respeito às Áreas Metropolitanas de Belo Horizonte, Curitiba e Porto Alegre, isto é, a partir da utilização de uma gama complexa de variáveis, pretenderam determinar os padrões agregados (fatoriais) da sua distribuição. Já Almeida e Ribeiro (1974) privilegiaram a análise setorial e, a partir de informações obtidas em 152 cidades brasileiras, discutiram aspectos de sua estrutura industrial. Finalmente, Davidovich e Lima (1975, 1976) utilizaram o mesmo método para determinar quais seriam as unidades urbanas de médio porte que transcenderiam à escala municipal, lançando a noção de aglomerações urbanas.

Foi entretanto fora do IBGE que se produziu o trabalho mais completo de análise multidimensional intra-urbana, no caso o estudo realizado por Digiácomo (1979) sobre Florianópolis. Trata-se da chamada "Ecologia Fatorial", um tipo de trabalho que, baseado no conceito de área social de Shevky e Bell, e tendo como unidades de estudo os setores censitários, utiliza-se do poder reducionista da análise fatorial e da análise de agrupamento para associar os padrões urbanos encontrados aos modelos oriundos da Escola de Ecologia Humana, em especial àquele desenvolvido por Burgess (1925).

Padrões simples

Muito mais numerosos do que os estudos que tentaram abarcar várias dimensões do urbano foram os trabalhos que singularizaram uma delas, estudando-a a fundo. Em geral esses estudos remetem o leitor à uma base teórica híbrida, na qual se mes-

clam os processos ditos ecológicos com as determinações microeconômicas neoclássicas. Entretanto, apesar dessa preocupação de ordem conceitual, raramente a ligação entre teoria e realidade se efetiva, resultando daí uma série de pesquisas bastante ricas em termos empíricos, mas deficientes quanto às generalizações a que, pretensamente, queriam chegar. Para fins de análise, e a partir do tipo de padrão que foi privilegiado, esses estudos podem ser reunidos em três grandes conjuntos: locacional, socioeconômico e de interação.

Padrões locacionais

Os estudos chamados locacionais podem ser classificados em dois grupos. Em primeiro lugar estão as pesquisas que objetivaram determinar padrões de localização das mais diversas atividades urbanas. Em segundo estão os estudos que privilegiaram a temática do uso do solo, isto é, que pretenderam identificar os conjuntos de atividades que definem cada porção do espaço intra-urbano.

Dentre os estudos locacionais que privilegiaram a determinação de padrões de distribuição de atividades, merecem destaque aqueles realizados por Mold (1975), por Ribeiro (1982a, 1982c) e por Ribeiro e Almeida (1980) sobre padrões de localização industrial nas Áreas Metropolitanas de Porto Alegre, Salvador e Recife, respectivamente; o estudo realizado por Miranda (1977) sobre padrões residenciais na periferia rica da cidade do Rio de Janeiro; o trabalho de Villaça (1979) sobre a estrutura residencial e comercial da "metrópole sul-brasileira"; e as dissertações de mestrado de Souza (1978) e de Erthal (1980), sobre a implantação de escolas profissionalizantes em Nova Iguaçu e sobre a organização espacial das atividades terciárias em Niterói, respectivamente.

O outro tipo de estudo locacional predominante foi aquele que privilegiou a análise, não do padrão de distribuição espacial de um setor de atividade, mas da forma como as diversas atividades se entrelaçam no espaço da cidade, dando origem a usos do solo urbano diferenciados em cada uma de suas partes. Neste caso podemos distinguir dois tipos de estudo. Em primeiro lugar estão os trabalhos que objetivaram analisar

o padrão morfológico geral da cidade, isto é, que trataram da cidade como um todo e que pretenderam, a partir daí, aferir o grau de adequação do padrão encontrado às expectativas emanadas de diversos modelos normativos (modelo concêntrico de Burgess, modelo setorial de Hoyt, modelo neoclássico do gradiente decrescente de densidades urbanas, etc.). Estão aqui, por exemplo, os trabalhos de Copstein (1977, 1978) sobre a estrutura urbana de Porto Alegre.

Em segundo lugar, por sua vez, estão as pesquisas que privilegiaram o estudo de determinadas parcelas do espaço urbano, merecendo destaque aqui os trabalhos que objetivaram testar a validade das teorias ecológicas para a explicação da estrutura espacial de diversos bairros cariocas (Brito, 1975; Castro, 1975; Lacorte, 1975; Lacorte e Sant'Anna, 1974; Sant'Anna, 1975; Soares, 1975; Vieira, 1975) e os estudos que se dedicaram à caracterização e delimitação das áreas centrais de diversas cidades, como é o caso do trabalho de Liberato (1972) sobre Rio Claro, de Rezende sobre Lorena e de Costa sobre Santa Maria. Menção especial merece ser dada, porém, ao estudo de Helena K. Cordeiro sobre o centro da metrópole paulistana, muito mais abrangente que os demais e que resultou em inúmeras publicações (Cordeiro, 1978; 1979; 1980; 1984).

Padrões socioeconômicos

Os trabalhos que se dedicaram ao estudo de padrões socioeconômicos são também numerosos e foram viabilizados, em grande parte, pela abundância e qualidade dos dados fornecidos pelo Recenseamento de 1970 e por outras fontes de coleta oficiais posteriormente criadas (ENDEF, PNAD, etc.). Em geral estes estudos partem de uma base teórica neoclássica e explicam, via mecanismos e determinações de mercado, os mais diversos atributos e características das populações urbanas.

Merecem destaque, em primeiro lugar, os trabalhos que se dedicaram à análise da pobreza urbana, geralmente referenciada a padrões de salário e de acesso a bens públicos e privados (Pinto et al., 1978; Araújo, 1979; Almeida, 1980; Santos, 1981; Soares et al., 1984). Também importantes, nessa

fase, foram os estudos que pretenderam diferenciar a população urbana entre naturais e migrantes, destacando também, neste último grupo, os migrantes recentes daqueles que já vinham chegando à cidade há mais tempo (Paviani e Barbosa, 1973; Becker e Oliveira, 1975 e 1976; Vianna, 1976). Embora mais recentes, também se inscrevem neste grupo os estudos de Acácio (1983), sobre a absorção de mão-de-obra migrante e natural nos bairros periféricos de Juiz de Fora; de Augusto (1983), sobre moradias e moradores na estrutura urbana de Rio Claro (SP); de Massena (1986), sobre a distribuição da criminalidade violenta na Região Metropolitana do Rio de Janeiro; e de Vasconcelos (1987), sobre o trabalho informal nas metrópoles brasileiras.

Padrões de Interação

Finalmente, há que se mencionar os estudos que, embora tratando também da distribuição de variáveis de estoque, concentraram maior atenção nas variáveis de fluxo, de interação. Estão neste caso o trabalho de Danelli (1979) sobre a mobilidade espacial da população na Grande São Paulo e o estudo de Paviani e Barbosa (1974) sobre movimentos pendulares no Distrito Federal.

Relacionando padrões e processos

Conforme acabou de ser visto, a maior parte da produção geográfica neopositivista sobre a cidade tratou principalmente da identificação de padrões urbanos (locais, socioeconômicos e de interação). Alguns poucos estudos, entretanto, foram além disso, e tentaram - ainda que timidamente - avançar na teoria. Testando hipóteses, calibrando modelos, introduzindo a ação de agentes modeladores específicos dos contextos urbanos subdesenvolvidos e/ou dinâmicas próprias do caso brasileiro, esses trabalhos foram aqueles que, a nosso ver, mais se aproximaram do modo neopositivista de pensar. Geralmente estruturados a partir de matrizes teóricas ecológicas e/ou neoclássicas, estes estudos privilegiaram principalmente o lado processual da análise, cabendo ao estudo de padrões apenas a função de comprovação (ou não) dos parâmetros normativos esperados.

A temática da **mobildade** é um traço comum a praticamente todos os trabalhos incluídos neste grupo. Abreu (1976), por exemplo, apoiado firmemente na teoria econômica neoclássica, analisou a relação existente entre a estrutura de emprego da Grande São Paulo e do Grande Rio de Janeiro e os padrões de mobilidade ocupacional da força de trabalho migrante e não-migrante, e concluiu que os caminhos de mobilidade entre os setores informal e formal da economia se diferenciam não apenas entre ambas as áreas, como também entre cada núcleo central e sua respectiva periferia e, finalmente, entre naturais, migrantes recentes e migrantes antigos. Corrêa (1976), por sua vez, baseando-se na teoria ecológica, contestou a hipótese de que a área degradada periférica ao centro seria o foco principal de localização do migrante recém-chegado ao Rio de Janeiro, hipótese que também não se confirmou plenamente com relação às favelas, conforme demonstraram Bezerra e Cruz (1982).

A questão da mobilidade intra-urbana também atraiu a atenção dos geógrafos. A partir de um referencial em que associa bases teóricas da Geografia Tradicional e da Geografia Neopositivista, Guidugli (1979), por exemplo, analisou as características da população urbana de Marília (SP), destacando os seus padrões de movimento pendular (casa/trabalho) e de mobilidade residencial. Mello (1981), por sua vez, utilizou-se do referencial ecológico para comprovar a existência, na zona sul carioca da década de 70, de processos de segregação e invasão-sucessão. Finalmente, Almeida (1982) associou padrões de mobilidade e de estruturação urbana à atuação recente das empresas de incorporação imobiliária no Rio de Janeiro, apontando tendências espaciais vigentes e alternativas futuras.

Houve afinal uma “revolução neopositivista” na geografia urbana brasileira?

Em sua fase de transição de um posicionamento liberal para um posicionamento marxista, David Harvey escreveu um artigo

que é hoje um clássico da Geografia Urbana (Harvey, 1973). Nesse artigo, ele pregava a necessidade de se fazer uma revolução no pensamento neopositivista (do qual era um dos expoentes) e apresentava as fundamentações que sustentavam o seu argumento.

Para Harvey, o paradigma neopositivista estava, àquela época (início dos anos 70), pronto para ser superado. E isto devia-se à sua incapacidade de dar resposta, de explicar as transformações que então afetavam a sociedade. Com efeito, apesar do enorme esforço empreendido a nível teórico e metodológico, a Geografia Neopositivista mostrava-se incapaz de dizer qualquer coisa relevante sobre essas transformações. Dizia ele:

“Há um problema ecológico, um problema urbano, um problema de comércio internacional e, não obstante, parecemos incapazes de dizer qualquer coisa de fundo ou profundidade sobre qualquer um deles. E quando realmente dizemos alguma coisa, ela parece trivial, ou mesmo ridícula”.

E por que isto ocorria? Porque as teorias e modelos desenvolvidos pelos geógrafos neopositivistas, por serem normativas, não tinham qualquer compromisso com a explicação da realidade. Em outras palavras, os esforços teóricos empreendidos pelos geógrafos ditos “revolucionários”, necessários para que se pudesse superar o paradigma excepcionalista anterior, não objetivavam explicar a realidade, mas indicar, a partir da dedução, o quanto o “mundo real” estava distante de uma situação ideal que - esta sim - era estudada em detalhe e teorizada¹³. Daí, não podiam mesmo dar uma resposta concreta às crises que afetavam o mundo àquela época. Enfim, o que Harvey criticava era a falta de pragmatismo de uma Geografia que, entre nós, acabou ficando conhecida como “Geografia Pragmática” (Moraes, 1983).

As considerações levantadas acima servem de boa introdução à afirmação que desejamos fazer de que, embora tenha havido uma transformação sensível na Geografia Urbana (e humana) Brasileira a partir de 1970, não houve por aqui uma “revolução neopositivista” conforme ocorreu, por exem-

¹³ É significativo citar, neste sentido, que a questão central do trabalho de Lösch, autor que tanto influenciou os geógrafos neopositivistas, era: Será que a realidade é racional? (Lösch, 1954, p. 363).

pio, nos EUA. E isto deveu-se principalmente ao fato de que, aqui, não se seguiu a regra máxima do neopositivismo, qual seja, a de que o avanço da Ciência se realiza apenas a partir do raciocínio, de conceitos hipotéticos, de axiomas e não a partir da observação.

Em outras palavras, embora o discurso neopositivista tenha sido importado, nem o seu objetivo (teorizar), nem o seu método característico (o dedutivo) foram adotados plenamente pelos geógrafos brasileiros, resultando daí um movimento de transformação incompleto, mistura de novo e antigo; enfim, um movimento que trouxe contribuições à Geografia Nacional mas que, por falta de consistência teórica, não conseguiu se impor diante dos ataques que recebeu no final da década de 70. Embora não tenha desaparecido (ao contrário, pode-se dizer mesmo que se fortaleceu), a Geografia Humana/Urbana "Quantitativa" representa hoje uma tendência francamente minoritária no cenário nacional.

O que foi afinal esse movimento quantitativo no Brasil? Para entendê-lo bem, é necessário que discutamos primeiro o que ele não foi. Só a partir daí é que poderemos, então, avaliar a sua produção.

Em primeiro lugar, conforme já indicado acima, ele não foi um movimento teorizador. Com efeito, todo o esforço realizado no exterior para desenvolver uma "geometria do espaço", para descobrir "leis espaciais", para determinar relações entre variáveis e entre áreas num espaço teórico, topológico, criado a partir da lógica formal (como, por exemplo, a planície isotrópica), não teve por aqui qualquer seguidor. Ao contrário, o mais comum foi a introdução da linguagem matemática em pacotes estatísticos fechados, que serviam para "testar" o grau de adequação da realidade brasileira a teorias também importadas, visando-se com isso, muitas vezes, oferecer "subsídios ao planejamento".

Não é o caso de se criticar aqui a importação de teorias e modelos e nem de ser contrário a que a Geografia ofereça contribuições ao planejamento. O que pretendemos demonstrar é que, na busca de um pragmatismo rápido, acabou-se por não fazer aquilo que se dizia estar fazendo e, na ânsia de oferecer subsídios ao plane-

jamento, acabou-se também por não perceber que, apesar da nova roupagem (e com as exceções já apontadas acima), a pesquisa geográfica pouco havia mudado de conteúdo quando comparada com aquela que já vinha sendo realizada na fase "tradicional".

Explicitando melhor, a utilização de teorias de base dedutiva deveria ser precedida de um mínimo de esforço (ou domínio) na esfera da dedução, e isto não foi o que ocorreu na Geografia Brasileira àquela época. Ao contrário, os geógrafos muitas vezes desconheciam o real funcionamento das bases teóricas que diziam utilizar, resultando daí, por exemplo, a prática comum de se trabalhar no espaço geográfico com conceitos e teoremas que se aplicavam apenas ao espaço topológico, e sem que as regras de transformação de um espaço ao outro fossem explicitadas. Este procedimento, é bom que se diga, não foi característico apenas da Geografia Brasileira nesse período, tendo afetado também uma série de estudos realizados em todo o mundo sobre temáticas então em moda como, por exemplo, a dos pólos de crescimento.

À contradição apontada acima deve-se acrescentar outra, qual seja, a de que a opção pelo método indutivo (pelo caminho que tem na observação o seu ponto de partida) continuou a ter a preferência dos geógrafos, sem no entanto levar ao estabelecimento, tal qual na Geografia Tradicional, de qualquer lei ou generalização. Em outras palavras, importou-se um novo discurso mas, na maioria das vezes, continuou-se a trabalhar essencialmente da mesma maneira como se fazia antes.

Para substanciar o que foi afirmado, basta notar que o trabalho "quantitativo" típico dedicou-se, como vimos, basicamente à determinação de padrões espaciais, objetivo que já era característico da Geografia Tradicional. A diferença é que, agora, não mais se chegava a eles por intermédio da superposição de mapas. Técnicas de agrupamento acopladas à análise fatorial poderiam ser utilizadas, tornando possível o que seria inimaginável antes: trabalhar com um imenso número de variáveis. Ademais, os progressos da cibernetica também deram a sua contribuição, facilitando ainda mais o manuseio de tantas informações.

Em outras palavras, embora os geógrafos falassem agora de *factor loadings*, de *factor scores*, de superfícies de tendência, de *clusters*, e embora relacionassem suas pesquisas a inúmeras teorias, a essência de seu trabalho pouco havia mudado, fato que já era comentado por Abreu (1978a, 1978b) na reunião da AGB de Fortaleza, palco máximo do ataque empreendido à chamada "Geografia Quantitativa" no Brasil. Quer isso dizer, então, que não passou de perda de tempo, de esforço inútil, toda a produção geográfica empreendida nesse período? Ou será que deveremos tomar uma postura nihilista, e descartar toda e qualquer contribuição advinda dessa época, "posto que estava intrinsecamente comprometida com a dominação burguesa"?

A contribuição da "geografia quantitativa"

Conforme explicitado acima, a chegada da quantificação à Geografia Brasileira teve alguns pontos de contato com o que ocorreu, por exemplo, nos EUA, diferindo entretanto do processo norte-americano (comentado por Harvey) em dois pontos fundamentais:

a) o débil - ou inexistente - esforço de teorização realizado pelos "neopositivistas" brasileiros até o momento em que se deu a crítica a esse movimento, e que explica, por exemplo, por que nos EUA a crítica ao neopositivismo deu-se no seu próprio interior, isto é, foi formulada pelos seus próprios teóricos (Harvey e Bunge, por exemplo), enquanto que, no Brasil, ela originou-se externamente; e

b) a estreita ligação que a "Geografia Quantitativa" teve aqui com o sistema de planejamento estatal e, mais do que isso, com o planejamento de um Estado autoritário.

Com efeito, ligada intrinsecamente ao "sistema" (com as exceções de praxe), não é de se espantar que, com a crise do modelo econômico do regime militar (e com a posterior crise do modelo político e do próprio sistema de planejamento), a "Geografia Quantitativa" entrasse também em crise. A esta crise somaram-se outras - evidenciadas nas contestações às estruturas de poder então existentes nas universidades, na AGB, nos comitês que controlavam as verbas para pesquisa, etc. - tudo isso resultando num

vigoroso e multifacetado ataque à "quantitativa" e às instituições e indivíduos que a ela estavam mais ligados, que foram então identificados com o próprio diabo.

A distância dos acontecimentos, que o passar do tempo sempre torna possível, permite que analisemos hoje, de forma mais cuidadosa, a produção geográfica então empreendida sobre a cidade naquele período, levando-nos a concluir que, apesar de suas deficiências e de seus impasses, o saldo que restou foi positivo. Esta conclusão se apóia em três grandes argumentos, que são agora apresentados.

Em primeiro lugar, foi a partir da "quantitativa" que a Geografia Brasileira passou a se preocupar mais seriamente com teoria e método, fundamentando suas conclusões, de um lado, em teorias e modelos e, de outro, em observações cuidadosamente coletadas e analisadas. Ao abandonar a prática empirista anterior, seu caráter positivista ficou, pelo menos, mais explícito e também mais sólido.

Em segundo lugar, foi com a "quantitativa" que a Geografia se definiu pela primeira vez como Ciência Social, abandonando o naturalismo que até então lhe era característico. Uma ciência social burguesa, como diriam mais tarde os seus críticos, mas indubitavelmente social.

Finalmente, não se pode negar que, se diversos modelos ou teorizações neopositivistas, por seu caráter linear e determinista, dificilmente podem ser incorporados às matrizes teóricas críticas predominantes hoje na Geografia Brasileira, um bom número de conceitos e/ou bases teóricas dessa corrente científica pode (e deve) ser retrabalhado criticamente. Passado é o tempo (esperamos) em que se associava a construção teórica na Geografia com o não reconhecimento, ou mesmo repúdio, de contribuições anteriores.

A CAMINHO DE UMA GEOGRAFIA RENOVADA

A maior dificuldade que se apresenta a este trabalho é, sem dúvida, a de tentar en-

caixar, em escaninhos claramente identificados, a produção que os geógrafos brasileiros realizaram sobre a cidade. Ao tentar fazer isto, estamos certamente correndo o risco de cometer enganos ou de, pelo menos, estarmos sendo imprecisos. Isto porque os recortes epistemológicos não são absolutos, isto é, nem toda produção intelectual se encaixa precisamente num único tipo de orientação teórico-metodológica. Ademais, esta dificuldade tende a aumentar em períodos de crise, de transição, como foi por exemplo a década de 70.

Foi argumentado anteriormente que a Geografia Tradicional já apresentava, na década de 60, sinais evidentes de mudança. Influenciada por autores como Pierre George, gradualmente ela vinha se distanciando do naturalismo e funcionalismo exacerbados das fases anteriores, passando a dar maior ênfase às questões e processos sociais. Por sua vez, o neopositivismo, logo após a sua chegada ao Brasil, começou a ser criticado por vários de seus próprios teóricos, fato que injetou, sem dúvida um certo teor de inquietação em grande parte daqueles que vinham sendo atraídos por suas propostas. Com efeito, a questão da "relevância social", levantada por Harvey e outros, abalou profundamente a crença no poder mágico da "ciência", fazendo com que vários geógrafos passassem a pensar de forma mais crítica, não apenas a nova proposta que se apresentava, como também a própria Geografia Tradicional, que já mostrava sinais de mudança mas que ainda não era capaz de distinguir claramente os roteiros que se abriam ao seu futuro desenvolvimento. Finalmente, o esgotamento do regime político então vigente, que já se fazia sentir, propiciou uma maior liberdade de pensamento e de expressão, tornando possível não apenas um maior confronto de idéias, como também a abertura a propostas científicas (e políticas) até então combatidas e proibidas pelas forças de repressão.

Tudo isto serve para veicular a afirmação de que, na década de 70, a Geografia Brasileira viveu uma fase de grande abertura às mais variadas correntes de pensamento, resultando desse período uma série de trabalhos que refletem esse momento. Alguns deles já foram discutidos aqui, e se foram

referenciados aos escaninhos discutidos anteriormente é porque, embora abertos a novas influências, apresentaram uma matriz epistemológica nitidamente predominante. Outros trabalhos, entretanto, não se identificam tão precisamente com a Geografia Tradicional ou com a Geografia Neopositivista, refletindo pois, com maior clareza, este momento de transição. Para entendê-los melhor é importante que tenhamos uma compreensão mais adequada no que foi esse momento de transição, já que ele afetou não apenas a Geografia, mas todo o conjunto de disciplinas que estudam as cidades.

Os movimentos sociais da década de 60 e seus impactos

Não há dúvida de que o final da década de 60 representa um marco temporal importante na história do pensamento sobre as cidades. E isto deve-se muito mais à sua incapacidade de dar conta das transformações que aí vinham tendo lugar a essa época, do que às suas qualidades preditivas e/ou explicativas. De fato, num mundo que estava sendo questionado a partir das mais diversas dimensões (surgimento do movimento ecológico, do movimento feminista, de movimentos de emancipação de minorias, de movimentos de afirmação da cidadania, de movimentos reivindicatórios dos mais diversos tipos, etc.), e que tinha nas cidades o seu ponto maior de ebulição, a "questão social", amplamente definida, não apenas se projetou na ordem do dia como acabou assumindo foros de verdadeira "questão urbana". E foi neste momento que as estruturas teóricas então vigentes começaram a entrar em crise.

Com efeito, as brutais transformações que afetaram nessa época as estruturas sociais do mundo capitalista (e especialmente as suas cidades) puseram a nu a fragilidade das concepções teóricas que as sustentavam e exigiram, por conseguinte, um novo e redobrado esforço de compreensão. Havia que repensar essas transformações que estavam ocorrendo. Havia também que repensar as cidades, e foi em direção a esses objetivos que diversos pensadores sociais decidiram investir seu tempo.

Como resultado desse esforço, começaram a surgir, a partir do início da década de 70, novas proposições teóricas sobre as cidades, destacando-se dentre elas, por seu poder persuasivo, duas grandes contribuições. A primeira é resultado de uma crítica interna da teoria econômica neoclássica, e pode ser chamada de proposição explicativa neoliberal. Sua mensagem principal resume-se na afirmação de que, devido ao desenvolvimento de diversas estruturas monopolíticas nas cidades capitalistas do mundo contemporâneo, as condições viabilizadoras do aparecimento da mão invisível, isto é, do mercado, não mais se concretizam de forma espontânea. Conseqüentemente, o mercado privado deixa de funcionar corretamente, isto é, há falha de mercado (*market failure*). E é por causa disso que aparecem os mecanismos perversos de distribuição de recursos nas áreas urbanas, que são os detonadores não apenas de injustiças sociais intra-urbanas, como também dos mais diversos movimentos contestatórios. Como solução para esse impasse, esta escola sugere uma maior presença do Estado na Economia Urbana, cabendo a ele a tarefa de garantir o funcionamento do mercado (via regulação) e de viabilizar o funcionamento de mecanismos de distribuição de renda, quando isto for necessário. No que diz respeito à Geografia, David Harvey (com as proposições liberais contidas no seu clássico *A Justiça Social e a Cidade*, de 1973) foi o grande arauto desta escola.

A segunda grande contribuição teórica emanada desta fase foi, sem dúvida, aquela proveniente do pensamento marxista, mais precisamente do pensamento marxista francês pós-1968. É hoje um fato reconhecido por todos que os acontecimentos de Maio de 1968 na França pegaram de surpresa não apenas o *status quo* gaullista/liberal, mas também os partidos de esquerda, e em especial o Partido Comunista Francês. Com efeito, o maior paradoxo que as revoltas urbanas de 1968 colocaram para a reflexão dos pensadores marxistas foi o da incapacidade das teorias então vigentes de prever, ou mesmo de explicar, o que realmente havia acontecido. Tal qual ocorreu com o pensamento liberal, era mais do que necessário repensar teoricamente as cidades, e a essa

tarefa dedicaram-se intelectuais das mais diversas filiações de esquerda, destacando-se aí Manuel Castells e Jean Lojkin. Seus trabalhos, publicados ao longo da década de 70 (Castells, 1972; Lojkin, 1977), tiveram um profundo impacto no desenvolvimento da pesquisa urbana, tanto no Primeiro Mundo (que foi o principal objeto de suas investigações), como no Brasil.

A PRODUÇÃO GEOGRÁFICA ATUAL

Tal qual ocorreu nas demais disciplinas, a crise que se abateu sobre o conhecimento existente sobre a cidade na década de 70 também atingiu a Geografia. Entretanto, devido à ausência de um pensamento teórico bem estruturado sobre as cidades nessa disciplina, ela aí se manifestou principalmente a nível do temário de pesquisa, que viu surgir a partir de então um novo tipo de trabalho, que objetivava identificar não apenas os mecanismos perversos que estavam em funcionamento no sistema social, mas também as diversas dimensões através das quais eles poderiam se expressar no espaço. Era preciso apontar infratores, denunciar injustiças sociais, falar enfim daquilo que, ao contrário do que pregara Monbeig, o geógrafo não apenas sabia como precisava saber ainda mais. Era preciso ver, afinal, o que se escondia atrás da paisagem visível da Geografia Tradicional, sem entretanto fazê-lo com o auxílio dos óculos da Geografia Neopositivista, já que estes distorciam o objeto observado ao tentar explicá-lo a partir de um referencial que, ou negava o conflito, ou o reduzia a mero estado de desequilíbrio do sistema.

Surge assim uma "Geografia de Denúncia", uma Geografia que, embora não rompendo com os procedimentos de análise da Geografia Tradicional ou da Geografia Neopositivista, alterou substancialmente o seu conteúdo (Moraes, 1980). E esta alteração se realizou sobretudo a partir de uma crescente vinculação dos estudos de padrão, tão a gosto dos geógrafos, a referenciais processuais maiores. Relacionar processo social e forma espacial, eis, agora, a palavra de ordem desta Geografia que se renovava.

Na busca desse relacionamento entre processo e forma, os geógrafos apelaram então para as duas correntes que haviam entrado em cena a partir da crise do início dos anos 70. A crítica neoliberal, por exemplo, orientou uma série de estudos que objetivaram não apenas denunciar as mais variadas injustiças urbanas, como colocar em xeque algumas concepções básicas das teorias do *laissez-faire*. Por sua vez, a vinculação do estudo geográfico com o referencial teórico vindo do materialismo histórico também teve início nesta época, no bojo do processo de implantação da Geografia Crítica no Brasil, e levou a uma transformação radical do processo de produção de conhecimento sobre a cidade.

A influência neoliberal

A crítica interna feita por Harvey (1973) ao neopositivismo, de base liberal e já comentada anteriormente, teve um papel fundamental no redirecionamento da pesquisa urbana em Geografia. Com efeito, foi tão grande a sua importância que ela conseguiu inclusive sobreviver à sua própria crítica (realizada posteriormente pelo mesmo Harvey ao abraçar o materialismo histórico e dialético), e continua a orientar hoje uma grande quantidade de estudos urbanos, tanto no Brasil como no exterior.

A característica principal dessa crítica é a rejeição que ela faz a uma série de pressupostos embutidos nas teorias econômicas neoclássicas como, por exemplo, o do acesso generalizado à informação (qualquer que seja ela), o da homogeneidade de preferências e de comportamentos e, principalmente, o da neutralidade do Estado. Ao ser incorporada ao trabalho geográfico, esta crítica tem dado origem a inúmeros estudos que se propõem a questionar frontalmente esses pressupostos, especialmente o último, sem entretanto romper totalmente com o pensamento liberal. A produção geográfica realizada até agora tem-se revelado bastante rica, com os geógrafos apontando suas baterias neoliberais em direção aos mais variados alvos.

A **temática metropolitana**, por exemplo, mereceu grande atenção, ressaltando-se aqui as análises que enfocaram o processo

de crescimento acelerado das periferias urbanas realizadas por Abreu (1982a), por Bezerra et al. (1983), por Ferreira (1985 e 1987) e, principalmente, por Paviani (1980a, 1980b, 1982, 1984a, 1984b, 1984c, 1986/87, 1987a, 1987b, 1989a, 1989b, 1989c, 1989d, 1989e; Paviani e Barbosa, 1974). Segundo esta perspectiva teórica, o crescimento rápido das metrópoles - e os problemas dele decorrentes - seriam explicados, de um lado, por fatores estruturais (como, por exemplo, a necessidade de polarização espacial que é inerente ao capitalismo e que se expressa na concentração das atividades produtivas em apenas algumas porções do território, que se tornam, assim, focos de atração populacional) e, de outro, por fatores ligados diretamente à apropriação da renda da terra urbana, seja por agentes privados ou pelo Estado. Neste sentido, o crescimento acelerado de um cinturão de pobreza na periferia das grandes cidades estaria associado ao elevado preço que o solo urbano atinge nas áreas mais centrais (que se tornam assim inacessíveis às populações mais pobres); à ausência de uma política severa de controle do solo urbano (que faz com que as cidades cresçam em função dos interesses de maximização de lucro dos agentes privados, e não a partir do interesse coletivo); à natureza regressiva da aplicação, pelo Estado, dos recursos obtidos através do sistema tributário (que se direcionam preferencialmente às áreas mais centrais, reforçando assim o padrão centro-periferia já existente e, conseqüentemente, a marginalização social das camadas mais pobres), etc.

O papel exercido pelo Estado no processo de estruturação interna das cidades também foi objeto de grande discussão, distinguindo-se aí trabalhos que trataram esse papel de forma agregada e outros que privilegiaram a análise de atuações específicas do Estado. No primeiro caso estão, por exemplo, os estudos realizados por Abreu (1978a; 1981; 1982b) que, apoiado em conceitos como os de bens públicos, de externalidades e de grupos de pressão, denunciou o caráter injusto das políticas levadas a cabo pelo Estado, sempre favoráveis aos interesses dos mais ricos e poderosos. Esse caráter discriminatório das políticas públicas também foi amplamente documentado por esse

autor, a partir do estudo de caso da cidade do Rio de Janeiro (Abreu, 1980; 1987a; 1987b). Mold (1978; 1982), por sua vez, também chamou a atenção para esta temática, indicando haver uma relação direta entre a pressão exercida sobre o Estado pelos grupos de interesse mais poderosos da cidade e o conteúdo das políticas públicas por ele adotadas.

Quanto aos trabalhos que privilegiaram a temática setorial de atuação do Estado, merecem destaque os estudos que se dedicaram à análise dos impactos causados pela política habitacional comandada pelo extinto BNH, e que foram desenvolvidos por Lima (1980), por Rodrigues (1980) e, especialmente, por diversos pesquisadores ligados à UFRJ (Hijjar, 1979; Corrêa, 1980a; Vianna e Santos, 1980; Castro, 1982; Castro e Macedo, 1982; Sant'Anna, 1982a e 1982b; Freire et al., 1982; Vinagre e Sant'Anna, 1982; Oliveira e Ramires, 1983/84; Costa, 1984; e Ramires et al., 1984). É importante mencionar aqui, também, os trabalhos que objetivaram demonstrar a falta de equidade existente no acesso das diversas classes sociais urbanas aos mais diversos meios de consumo coletivo, e que foram desenvolvidos por Vetter et al. (1979, 1980, 1981); por Carvalho (1980); e por Massena (1983).

A visualização do *espaço urbano como um campo de forças* também vem caracterizando a produção geográfica neoliberal. Destacam-se aqui os trabalhos desenvolvidos a partir da matriz conceitual dos "agentes modeladores do espaço" (Bahiana, 1978; Neves, 1978) que, ao associar a cidade a uma arena na qual estão presentes diversos atores, propõem-se a identificar cada participante do "jogo urbano", precisar os seus respectivos objetivos, avaliar suas estratégias e lógicas de atuação e, finalmente, explicar - a partir do confronto de todos esses elementos - o padrão espacial resultante. Os trabalhos que têm seguido esta ótica podem ser classificados em dois grandes grupos. No primeiro estão aqueles que analisam o jogo como um todo e trabalham com a atuação de diversos agentes modeladores ao mesmo tempo, visando com isso a explicar as transformações ocorridas na cidade como um todo, ou em partes dela. No segundo grupo estão os trabalhos que dão preferência ao estudo das estratégias loca-

cionais de determinados agentes, ou às transformações ocorridas em áreas específicas da cidade, e que enquadram a análise na temática dos chamados "processos espaciais".

São característicos do primeiro grupo, por exemplo, aqueles trabalhos que objetivaram discutir a *lógica do crescimento urbano* recente de diversas cidades brasileiras e que, embora indiquem a existência de inúmeros participantes no jogo urbano, têm dado destaque especial à atuação do Estado como agente provedor de infra-estruturas urbanas. Muito ricos em termos de conteúdo empírico, esses trabalhos apresentam, entretanto, grande heterogeneidade quanto ao conteúdo teórico e, embora discutam temas e/ou realizem análises semelhantes àquelas da chamada Geografia Crítica, certamente não se filiam a essa corrente do pensamento. Dentre esses estudos merece destaque, em primeiro lugar, a série de dissertações de mestrado defendidas durante a década de 80 sobre o processo de expansão territorial urbana, e que analisaram os casos de São José dos Campos (Andrade, 1980), de Recife (Costa, 1981), de Maceió (Lima, 1982), de Aracaju (Ribeiro, 1985), de Palmas - PR (Mendes, 1988) e de Natal (Cunha, 1987 e Selva, 1989). Há que se mencionar também os trabalhos desenvolvidos na Universidade Estadual do Paraná sob a coordenação de Yoshiya Nakagawara Ferreira, e que objetivaram identificar os agentes responsáveis pela transformação do uso do solo em Londrina (Nakagawara, Ziober, 1982); Hino e Manganaro, 1982; Wada, 1986a e 1986b; Hayashi e Kreling, 1986; Ferreira, 1986; Matsumoto e Sanches, 1986; Barreira, 1986 e Ferreira e Hayashi, 1986).

Quanto ao segundo grupo de trabalhos, destacamos a presença das mais variadas temáticas, que têm sido abordadas nos mais variados graus de profundidade. A proliferação do *comércio ambulante* nas cidades brasileiras a partir da década de 80 foi analisada por Pacheco e Azevedo (1982) para o caso de Natal, por Erthal (1984) para Niterói, e por Mendonça et al. (1984) para Goiânia. Seguindo a matriz teórica dos "dois circuitos da economia urbana" (Santos, 1979a), esses autores buscaram entender as lógicas de localização que orientam este tipo de atividade, mas, infelizmente, não foram muito

além disso, deixando de tirar proveito da grande riqueza contida no texto que os inspirou. A análise do processo de **descentralização de atividades terciárias**, por sua vez, deu origem a diversos trabalhos, que cobriram um espectro analítico amplo, se estendendo desde a análise do processo de descentralização do conjunto de atividades centrais da metrópole paulistana (Cordeiro, 1982) à caracterização do desenvolvimento comercial de apenas uma via de circulação não central (Corrêa, 1982; Machado, 1982), passando por análises preliminares das estratégias de descentralização de grandes cadeias de lojas comerciais (Kossmann e Ribeiro, 1982; 1983/84; 1984) e de grandes organizações financeiras (Natal, 1982).

A temática da **segregação urbana** também tem chamado a atenção dos geógrafos. O'Neill (1983), por exemplo, apontou a presença nas cidades brasileiras atuais de um processo de dupla entrada, no qual intervêm, de um lado, as forças de auto-segregação que orientam as decisões locais de uma elite privilegiada e, de outro, as forças impostas de segregação, que enquadram em limites bastante rígidos as opções que se oferecem às classes sociais dominadas. Também atraídos pela temática da auto-segregação, Abreu (1983) discutiu o processo de crescimento da zona leste de Teresina, enquanto Furlanetto et al. (1987) provaram que, mesmo no espaço onde, numa escala macro, predominam as forças impostas de segregação (no caso, a Baixada Fluminense), o processo de auto-segregação também está presente, levando as elites locais a residirem cada vez mais em condomínios exclusivos. Pompilio (1982), por sua vez, trouxe à baila a questão da segregação étnica, relacionando-a com a diferenciação residencial encontrada em Blumenau.

As transformações verificadas em determinadas áreas da cidade através do tempo também deram origem a alguns estudos de fôlego, que merecem ser destacados. Enquadrados na matriz teórica dos **processos espaciais** e tendo como objeto de estudo alguns bairros da cidade do Rio de Janeiro, esses estudos apresentam o mérito de trabalharem corretamente (e ao mesmo tempo) com diversas escalas de análise (especialmente com aquelas do particular e do singu-

lar), resultando daí análises bastante ricas e esclarecedoras sobre a cristalização e resistência de formas espaciais antigas nas proximidades da área central carioca (Rabha, 1984); sobre o conflito entre permanência e mudança no uso do solo do bairro do Jardim Botânico (Santos, 1985); e sobre as mudanças drásticas a que se viu sujeito o bairro de São Cristóvão, transformado que foi de "arabalde aristocrático a periferia do centro" (Strohaecker, 1989).

Finalmente há que se reservar um lugar especial para comentar aquele trabalho que foi, sem dúvida alguma, o mais importante dessa fase de incorporação da crítica neoliberal à pesquisa geográfica, e que influenciou também uma grande parte da produção geográfica comentada acima: o artigo de Roberto Lobato Corrêa sobre os "processos espaciais e a cidade" (Corrêa, 1978b). Esse trabalho, que objetivou reenquadrar teoricamente os modelos emanados da Escola de Ecologia Humana de Chicago, constitui não apenas a tentativa mais elaborada de reflexão teórica neoliberal realizada no Brasil sobre o espaço interno das cidades, como representa também o ponto a partir do qual esse autor vai ingressar em uma nova fase de reflexão crítica sobre as cidades brasileiras, que será comentada adiante.

A geografia crítica

Conforme já observado anteriormente, a crise que afetou as ciências sociais a partir do final da década de 60 levou ao aparecimento de dois novos referenciais teóricos sobre a cidade. O primeiro se apoiou no que chamamos de crítica neoliberal, ou seja, uma crítica interna ao (neo)positivismo que, embora tenha afetado bastante o curso da pesquisa geográfica nos anos 70 e 80, não rompeu suas ligações com o modo (neo)positivista de pensar. O segundo referencial, ao contrário, caracterizou-se exatamente por esse rompimento (ou, pelo menos, pela tentativa de rompimento). Como resultado, surgiu uma nova forma de se fazer geografia, uma forma que não apenas alterou o temário da produção geográfica, mas que lhe deu também uma dimensão muito mais ampla e analítica.

Que nova forma foi essa? Uma forma mais crítica, poderíamos dizer, daí a razão por que passou-se a chamar essa Geografia Nova de "Geografia Crítica". Mas, perguntaríamos então: E a crítica neoliberal, também não lhe atribuímos esta mesma qualidade crítica? Embora a resposta a esta pergunta seja afirmativa, existe entretanto uma diferença fundamental no significado que este adjetivo assume em cada uma dessas formas de pensar. A crítica neoliberal, por exemplo, opera sempre "dentro do sistema", isto é, critica a forma mas não o conteúdo. Em outras palavras, ela não contesta nem a ordem estabelecida (ao contrário, toma-a como dada), nem aquilo que a Escola (crítica) de Frankfurt chama de "teoria tradicional", ou seja, aquele tipo de teoria que se caracteriza pela derivação lógica de seus enunciados, pela objetividade de suas formulações, pela historicidade de sua análise e pela exigência de comprovação empírica. A Geografia Crítica, por outro lado, tem nas raízes históricas e nas determinações sociais a sua maior fonte de inspiração e de teorização, e na contestação da ordem estabelecida o seu *leitmotiv*.

É importante observar que aquilo que hoje conhecemos como Geografia Crítica é o resultado de um processo de evolução que foi, ao mesmo tempo, rápido, tumultuado e construtivo. Rápido porque suas primeiras manifestações começaram apenas na segunda metade da década de 70; tumultuado porque sua implantação e desenvolvimento ocorreram associados à contestação (política e epistemológica) do *statu quo* profissional, isto é, de um *establishment* geográfico longamente estabelecido; construtivo, finalmente, porque é através da Geografia Crítica que a produção de conhecimento sobre a cidade (e sobre outras dimensões do espaço geográfico) vem hoje se realizando de forma mais sólida, embora já seja bastante clara a necessidade de efetuar correções de rumo no seu processo atual de desenvolvimento.

A preocupação maior da chamada Geografia Crítica é a de tornar a Geografia menos descritiva e mais analítica, um objetivo que, como já vimos, também caracteriza a Geografia Neopositivista. A similaridade entretanto termina por aí, já que tanto o plano teórico que sustenta cada análise, como o

método que lhe é correspondente são profundamente distintos.

As Geografias Positivistas (sejam elas neo ou não) partem do pressuposto de que o espaço é algo exterior à sociedade, isto é, assumem que espaço e prática social são independentes entre si. Assim definida a relação fundamental da Geografia, o corolário que lhe é complementar define então essa disciplina como aquela que analisa os diferentes modos através dos quais a sociedade se organiza e se relaciona com esse espaço que lhe é exterior. É a partir destas premissas básicas que todas as teorizações geográficas positivistas se estruturam, o que não quer dizer que, tendo isso em comum, elas sejam semelhantes em conteúdo. Ao contrário, dependendo da forma como a categoria espaço é definida, as análises positivistas poderão ser bastante distintas uma da outra, como dão prova as diferenças marcantes que separam os estudos da Geografia Tradicional, baseados na noção kantiana de espaço absoluto, dos trabalhos da Geografia Neopositivista, baseados na noção de espaço relativo, topológico.

Ao contrário das geografias de base positivista, a Geografia Crítica rejeita a autonomia do espaço, isto é, a sua exterioridade em relação à sociedade. Para essa corrente de pensamento, o espaço geográfico não deve ser concebido como espaço (externo) organizado pelo homem, mas sim como produto desse mesmo homem. Em outras palavras, o espaço é materialidade social; ele não é organizado pela sociedade, como assume o positivismo, mas produzido por ela através do trabalho. Decorre daí que é o homem, mais especificamente o homem social, o verdadeiro sujeito da produção do espaço, razão pela qual é a partir dele que toda a discussão geográfica deve proceder (Carlos, 1987).

Já que é produto da sociedade, o espaço geográfico irá refletir, obviamente, tanto a sua estrutura como a sua dinâmica. Em outras palavras, como é da sociedade que o espaço geográfico recebe a sua forma e o seu conteúdo, a sua compreensão total só será possível se estiver acoplada à compreensão da sociedade. Esta, por sua vez, não é imutável. Daí, toda compreensão que obtenhamos do espaço será sempre e ne-

cessariamente historicamente determinada, isto é, estará sempre relacionada ao grau de desenvolvimento a que chegaram, nessa sociedade, as forças produtivas, as relações de produção e a cultura. Definida assim esta relação fundamental, é importante ressaltar finalmente que ela não incorpora qualquer teor determinista, isto é, não designa qualquer relação linear de causa e efeito. Com efeito, se o homem produz o espaço através do trabalho social, o espaço é também condição de existência do próprio homem, fechando-se assim o ciclo das múltiplas e interatuantes determinações.

Resta dizer que, sendo o processo de produção do espaço um processo que é ao mesmo tempo histórico e social, ele não apenas está sempre em movimento, como expressa, a cada passo de sua trajetória, as determinações sociais presentes naquele momento. Em outras palavras, estão nele incorporados, a cada momento, as relações de classe então vigentes na sociedade, os conflitos de interesses e de objetivos daqueles que a constituem, e os diversos valores que estruturam a sua cultura. Entender a produção do espaço exige, pois, o entendimento prévio de cada momento de desenvolvimento da sociedade, e é por esta razão que assumem importância fundamental, na Geografia Crítica, as categorias Modo de Produção e Formação Social (Santos, 1977). É por esta razão também que só será possível entender a cidade capitalista - e, em especial, a cidade brasileira - se tivermos um mínimo de entendimento de como se estrutura hoje (ou de como se estruturou no passado) esse modo de produção no Brasil. É esta, enfim, de forma bastante resumida, a proposta fundamental da Geografia Urbana Crítica.

É comum associar-se a introdução da Geografia Crítica no Brasil aos debates que tiveram lugar no 3º Encontro Nacional de Geógrafos, realizado em Fortaleza em 1978. Não há como negar que foi naquele fórum da Associação dos Geógrafos Brasileiros que a proposta de uma "Geografia Nova", pregada por Milton Santos (Santos, 1978a) e por outros geógrafos, revelou-se claramente vitoriosa. É necessário observar entretanto que, no que diz respeito aos debates

urbanos, o Encontro de Fortaleza constituiu apenas desaguadouro (torrencial) de um processo de renovação crítica que já havia se iniciado dois anos antes em Belo Horizonte. Com efeito, foi no Encontro anterior, mais especificamente durante a realização de um simpósio sobre Organização Interna das Cidades, que os primeiros questionamentos sérios foram endereçados ao neopositivismo então reinante na Geografia Brasileira, no bojo de um processo de contestação teórica e política do *statu quo* que já se iniciava, e que também já chegara (ainda que timidamente) às publicações especializadas (Associação dos Geógrafos Brasileiros/Seção Regional de São Paulo, 1976a e 1976b; Silva, 1976).

Os debates travados em Belo Horizonte não foram publicados, talvez porque a crítica ao neopositivismo associou-se, como era de se esperar, a uma crítica maior, ainda sujeita a censura, e que tinha como alvo o regime militar então em vigor. Foi um início tímido, mas que haveria de produzir frutos rapidamente, desembocando no grande fórum de debates que representou a Sessão Dirigida sobre "A Geografia Urbana no Brasil - Uma Avaliação", realizada dois anos depois em Fortaleza sob a coordenação de Roberto Lobato Corrêa (Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1978).

Se os debates urbanos tiveram importância nessa fase inicial de implantação da Geografia Crítica no Brasil, há que se reconhecer entretanto que, logo após Fortaleza, eles entraram numa fase de recesso, consequência imediata da prioridade que se passou a dar à reflexão teórica mais ampla, de caráter teórico-epistemológico, necessária para a afirmação da nova proposta que surgia.

A produção resultante desse esforço teórico foi bastante expressiva, mas não será discutida aqui posto que extrapola os objetivos deste trabalho¹⁴. É importante ressaltar, entretanto, que ela foi complementada pelo aparecimento das mais variadas propostas teórico-políticas, numa demonstração clara da complexidade que caracterizou essa fase inicial de implantação da Geografia Crítica no País.

¹⁴ Um resumo dessa produção pode ser encontrado em Silva (1983-84).

E não poderia ser de outra forma. Como afirmava Moraes em 1980, a Geografia Crítica constituía, naquela momento, uma verdadeira "frente ética", isto é, a sua unidade não se manifestava no plano teórico, mas na "perspectiva de oposição a uma realidade social e espacial contraditória e injusta, fazendo do conhecimento geográfico uma arma de combate à situação existente". Conseqüentemente, abrigavam-se aí as mais variadas tendências, "desde o niilismo radical que vive apenas da destruição da velha geografia até a postura humanista da geografia de denúncia ... desde perspectivas liberais até marxistas" (Moraes, 1980, p. 316). A sua unidade manifestava-se, enfim, num posicionamento político tornado público e no combate ao papel ideológico da ciência neopositivista que, através de sua ilusão objetivista e de sua eficácia tecnocrática, legitimava a ordem estabelecida.

Do final da década de 70 até o momento atual, muita coisa aconteceu na Geografia Crítica Brasileira. De proposta teórica que era veiculada por alguns poucos geógrafos - que se uniam, ademais, numa frente política coesa - esse movimento de renovação crítica logo passou a apresentar contradições internas insuperáveis (como sói acontecer com as "frentes"), e acabou por se transformar numa série de "Geografias Críticas". A uni-las temos, hoje, a rejeição do modo (neo)positivista de pensar e o compromisso explícito com a transformação da sociedade; separando-as temos uma grande diversidade de propostas teóricas e, principalmente, de atuação política. Conseqüentemente, temos também uma Geografia mais diversificada, mais polêmica, e por isso mesmo mais rica.

A produção geográfica crítica

A produção geográfica crítica sobre a cidade é hoje bastante extensa e variada. Ela é também uma produção que prima pela qualidade. Pode-se dizer mesmo, sem medo de errar, que é a partir dessa perspectiva analítica que a pesquisa urbana tem avançado mais na Geografia Brasileira, o que demonstra claramente os enormes progressos (especialmente teóricos) realizados pelos geógrafos nos últimos dez anos. Para se

avaliar o que tem sido essa produção, é necessário, entretanto, que a situemos tanto no contexto interno da disciplina (fato que, aliás, já vimos fazendo), como também no campo maior da pesquisa urbana nas Ciências Sociais. E ao perseguirmos este último objetivo, não há como deixar de fazer referência ao papel desempenhado, na pesquisa urbana em geral, por Manuel Castells.

A *Questão Urbana*, de Castells (1972), foi certamente a obra que mais influenciou o pensamento crítico sobre a cidade nos anos 70 e início dos 80. Partindo de uma crítica radical às teorias da Ecologia Humana - que representavam, àquela época, aquilo que de mais teórico havia sobre a cidade nas Ciências Sociais - Castells propôs toda uma nova forma de se pensar o urbano, uma forma que, segundo ele, libertava o pensamento do conteúdo ideológico e legitimador do *statu quo* presente nos modelos ecológicos. Para ele, a cidade precisava ser pensada a partir de sua inserção num referencial teórico maior, já discutido por Léfèbre, mas que contava agora também com a interpretação estruturalista desenvolvida por Althusser. E dentro desse referencial, o lugar teórico que caberia à cidade era, segundo Castells, o de viabilizador da revolução!

Com efeito, para o Castells da *Questão Urbana*, a contradição básica do capitalismo - aquela que contrapõe o trabalho ao capital - não era mais, no final do Século XX, uma contradição ativa, isto é, era insuficiente para dar origem a uma ruptura revolucionária. Por esta razão, tal ruptura só poderia vir a ocorrer se a contradição básica (sempre presente) fosse alimentada por outras contradições. O acúmulo de contradições, dizia ele, criaria uma verdadeira "unidade de ruptura".

E era nas cidades que, segundo Castells, esta unidade de ruptura poderia se concretizar mais facilmente, já que aí as contradições originárias da produção (bastante localizadas nas áreas urbanas) eram reforçadas por aquelas que diziam respeito ao consumo, principalmente ao consumo coletivo. Para ele, era a partir dos movimentos que surgiam na esfera do consumo coletivo (os chamados Movimentos Sociais Urbanos) que o potencial revolucionário da cidade se efetivava. Havia então que se proceder a um monitoramento constante do nível de tensão

existente na cidade, não apenas na área da produção como também (e principalmente) na do consumo, e aguardar o momento exato da ebulição concomitante de ambas para agir. Entretanto, como essa ebulição conjunta não aconteceria de forma espontânea, era necessário fazer com que ela viesse a ocorrer, tarefa que caberia ao Partido (comunista, naturalmente).

Não é o lugar aqui de se fazer uma avaliação crítica da obra de Castells, mesmo porque são vários os Castells que existem hoje sob a forma de publicação¹⁵. É importante ressaltar, entretanto, que sua *Questão Urbana*, se não levou a nenhuma ruptura revolucionária a partir da cidade (pelo menos nos termos por ele descritos), modificou sensivelmente o curso da pesquisa urbana contemporânea. Chegou-se mesmo a dizer que este trabalho foi um verdadeiro divisor de águas, isto é, que haveria um período pré- e outro pós-Castells (Lowe, 1986).

No caso específico do Brasil, a difusão da obra de Castells deu-se num momento muito especial, potencializando por conseguinte o seu poder persuasivo. Com efeito, ao coincidir com a fase de esgotamento do regime militar (a chamada fase de "abertura", que viu surgir (ou renascer) nas cidades os mais variados movimentos reivindicatórios), a *Questão Urbana* acabou se transformando em obra de apoio fundamental para todos aqueles que pretendiam estudar a cidade brasileira, já que aí passavam a ter lugar muitos dos movimentos sociais que Castells discutira em sua obra. E esses movimentos eram de vários matizes, e "pipocavam" em todo lugar, especialmente nas periferias metropolitanas. Eram movimentos que reivindicavam água, luz, condução, escolas, saneamento, acesso à moradia ... Eram movimentos que lutavam também pelo estabelecimento de uma nova forma de relação entre aqueles que habitavam a cidade e o estado, que exigiam um maior grau de participação popular no processo de tomada de decisões. Eram, enfim, movimentos que ultrapassavam o caráter reivindicatório, pois acabavam por exigir um direito que havia sido negado por

longo tempo à maior parte da população brasileira: o direito à cidadania.

A produção intelectual resultante dessa tentativa de compreender o que se passava então nas cidades brasileiras foi grande (ver, por exemplo, Moisés e Martinez-Alier, 1978; Maricato, 1979; Valladares, 1980; Singer e Brant, 1981; Santos, 1981; Moisés, 1982; Gohn, 1982; Boschi, 1983; Valladares, 1983). Dela pouco participaram, entretanto, os geógrafos críticos. Conforme já discutido antes, esses profissionais estavam, a essa época, muito mais envolvidos com questões internas à Geografia e concentravam seus esforços na areana teórico-metodológica mais ampla. Havia, afinal, que estabelecer bases sólidas para a Geografia Nova que propunham. O tempo era, pois, de "arrumação da casa" e de muito estudo.

Rapidamente, entretanto, começaram a surgir os frutos desse esforço. E vieram com tal rapidez, que inundaram o temário geográfico com os mais diversos tipos de análise sobre as cidades brasileiras. A seguir, recuperamos um pouco do que foi esse processo, apresentando, de forma seletiva, os principais focos de preocupação desta Geografia Urbana Crítica e as suas contribuições mais marcantes.

Inícios

O início da produção geográfica crítica sobre a cidade foi, conforme já citado, bastante tímido. Com o debate interno (tanto teórico como político) se desenvolvendo de forma acirrada, e direcionado mais para um questionamento amplo da Geografia (o que é, para que serve?, a quem serve?), muito pouco foi efetivamente produzido sobre a cidade nesses primeiros anos (que podemos situar entre 1978 e 1983). Houve entretanto alguma produção, e ela refletiu, como era de se esperar, as contradições do momento. De um lado, podemos encontrar estudos que já incorporam uma preocupação teórica bastante grande e que tentam desbravar novos caminhos na pesquisa geográfica. De

¹⁵ Já em 1975 esse autor fazia as primeiras autocríticas ao seu trabalho (Castells, 1975), que logo se transformaram em reavaliação e rejeição do pensamento anterior em *The City and the Grassroots*. Neste livro, o autor faz severas críticas aos ideólogos do PCF e às suas "grandes teorias abstratas", dentre as quais cita a do Capitalismo Monopolista de Estado, que ele agora considerava "uma pseudoteoria inventada pelo Partido Comunista Francês para justificar seu isolamento político" (Castells, 1983, p. 297).

outro, encontramos também trabalhos cuja vinculação com o pensamento crítico é ainda tênue, quase que circunscrita a algumas considerações bastante gerais a respeito do Modo de Produção Capitalista, de seus mecanismos perversos de funcionamento, do processo de apropriação diferenciada do solo urbano pelas diversas classes sociais, etc. Apesar de seu pouco aprofundamento teórico, estes trabalhos já são bem representativos, entretanto, do grande esforço que vinha sendo realizado pelos geógrafos àquela época para dominar um quadro conceitual antigo, mas que só agora era incorporado pela Geografia. Finalmente, há que se referir também aos trabalhos de natureza quase que panfletária, cheios daquelas "saídas simplistas" e do "citacionismo descontextualizado" que eram objeto da crítica de Moraes (1980, p. 318-319) e que não merecem maiores menções aqui. Comentaremos, pois, apenas os dois primeiros tipos de contribuição.

Coube a um grupo de geógrafos, em sua maioria ligados à Universidade de São Paulo, o pioneirismo da introdução do pensamento crítico no estudo geográfico das cidades. Dentre esses merece destaque o nome de Ariovaldo Umbelino de Oliveira que, com seu estudo sobre a lógica da especulação imobiliária (Oliveira, 1978), inaugura esta nova forma de pensar o espaço urbano. Nesse trabalho, que trata da questão da moradia na Grande São Paulo, o autor partiu da forma visível (no caso, o crescimento acelerado dos loteamentos periféricos e das favelas na metrópole paulistana), para demonstrar que não havia nada de "caótico" nesse processo, como queriam alguns. Ao contrário, ele era comandado por uma grande lógica, já bastante discutida pelos economistas clássicos e por Marx: a lógica da renda da terra. Chamando a atenção para os ilusionismos criados pelo "modo capitalista de pensar" (Martins, 1978), que separa forma e conteúdo para depois juntá-los através de chavões ideológicos comprometidos com os interesses das classes dominantes (como o do "caos urbano"), Oliveira conclui então seu trabalho conclamando os geógrafos a analisar a realidade a partir de uma nova ótica, e a assumir um compromisso explícito com a transformação da sociedade, men-

sagem que seria renovada pelo mesmo autor em artigo posterior (Oliveira, 1979).

Seguindo também esta forma de pensar, outros geógrafos propuseram-se a desbravar novas fronteiras explicativas do urbano, contribuindo com suas pesquisas para a afirmação desta Geografia Urbana Crítica no País. Ana Fani A. Carlos, por exemplo; debruçou-se sobre um tema teórico e, ao analisar a evolução dos modos de produção através da História, procurou recuperar a relação dialética existente entre espaço e sociedade em cada um deles, apontando ademais para o papel e o significado assumidos pela cidade nas diversas fases da evolução da sociedade de classes, especialmente no Modo de Produção Capitalista (Carlos, 1979). Esta última preocupação também orientou o trabalho de Pereira (1982), que discutiu como se estabelecia, no Modo de Produção Capitalista, a relação entre espaço, sociedade e renda da terra. Já Silva (1982) retomou essa discussão numa escala ampliada, situando-a dentro do marco conceitual oferecido pela teoria do capitalismo monopolista de Estado.

Milton Santos, por sua vez, que já havia contribuído com alguns trabalhos pioneiros para o estudo crítico do urbano (Santos, 1979a, 1979b, 1979c), viu a cidade (e principalmente a metrópole) como um grande instrumento de criação de mais-valia relativa, já que as infra-estruturas técnicas e físicas aí presentes facilitam a produção das empresas, diminuem-lhes os custos e aumentam-lhes, por conseguinte, os lucros. A partir dessas considerações, o autor abordou então o caso peculiar do Rio de Janeiro, uma cidade que compensava a saída de indústrias do seu território (e a desvalorização do capital produtivo em muitos dos seus ramos industriais) transformando-se ela mesma, enquanto mercadoria, em fator de valorização dos capitais nela empregados pelo setor imobiliário, contando para isso com a colaboração efetiva do Estado (Santos, 1982).

Outros autores preferiram entretanto a abordagem empírica e pretenderam, com suas pesquisas, analisar as diversas transformações que afetaram o espaço interno das cidades brasileiras a partir da década de 50, vinculando-as ademais às mudanças ocorridas na estrutura produtiva e na organização social do País nesse mesmo período. Desse es-

forço resultaram trabalhos também verdadeiramente pioneiros, que merecem ser destacados aqui.

Odetta Seabra, por exemplo, relacionou a grande transformação ocorrida na morfologia urbana da cidade de Santos no pós-guerra - com a criação da "muralla que cerca o mar" - às mudanças ocorridas no comportamento das empresas de construção civil (especialmente as paulistanas), que rapidamente captaram o verdadeiro significado das transformações estruturais que afetavam a economia brasileira e incorporaram-no às suas lógicas de acumulação. Em outras palavras, a mudança dos padrões morfológicos santistas acabou sendo relacionada teoricamente não apenas à ação de processos que atuavam em escalas superiores de análise, como também a características singulares da cidade em questão, que lhe conferiam uma planta de potencialidades de apropriação de renda do solo toda peculiar (Seabra, 1980). Em trabalho posterior, a mesma autora ampliou essa discussão teórica, apontando para o papel fundamental que o Estado e o capital imobiliário passaram a ter nas grandes cidades, papel que os transformavam nos principais agentes de produção do espaço urbano no País (Seabra, 1982). Essa discussão seria retomada um pouco mais tarde por Corrêa (1983/84), em texto bastante didático.

O processo de instalação do complexo industrial da Fiat em Betim (MG) permitiu, por sua vez, que Maria Lúcia Estrada penetrasse na seara das relações Estado x Capital Monopolista, revelando quão vultosas e complexas são as transferências de recursos do primeiro para o segundo (Rodrigues, 1980). O mesmo objetivo norteou o trabalho de Scarlatto (1981), que demonstrou o caráter estratégico da indústria automobilística no desenvolvimento capitalista brasileiro e analisou as relações que se estabelecem entre a expansão desse setor e as transformações do espaço industrial, socioeconômico e físico da metrópole paulista.

Resta falar do "projeto coletivo de pesquisa", realizado a partir de 1977 por Arlete Moysés Rodrigues, Myrna T. Rego Vianna e Regina Célia Bega dos Santos, e que pretendeu estudar o processo de apropriação e consumo do espaço urbano a partir da sua

vinculação com o processo migratório (Rodrigues, 1980, 1981 e 1982; Vianna, 1980 e 1982; Santos, 1980 e 1983). Rejeitando as explicações oriundas da Teoria da Marginalidade e dividindo entre si diversas tarefas, essas geógrafas propuseram-se a repensar a questão da habitação nas cidades brasileiras, descartando, de antemão, as explicações que pretendiam atribuir o "caos urbano" simplesmente às migrações ou à crise da habitação. Ao contrário, a partir de um estudo minucioso, que acompanhou a trajetória de diversos migrantes desde seus locais de origem até à favela ou loteamento de periferia em que estavam residindo, elas puderam recuperar todo um processo de transformação de relações de produção e de trabalho ocorrido no Brasil pós-1950, processo esse que estava por trás do ato de migrar, e chamaram atenção, ademais, para a verdadeira luta travada por esses indivíduos para se inserir no mercado de trabalho paulistano e para apropriar-se de um pequeno pedaço de chão.

A Produção Contemporânea (1983/1989)

Os trabalhos mencionados acima têm o mérito de serem pioneiros. Eles inauguraram uma trilha por onde passaram depois diversos outros geógrafos, que puderam então transformá-la em caminho sólido e permanente. Por esse caminho circulam hoje as mais diversas tendências críticas, e dele têm saído alguns trabalhos brilhantes. A seguir apresentamos as grandes linhas de investigação que caracterizam, na Geografia Brasileira atual, a pesquisa crítica sobre a cidade. Como veremos, a riqueza e diversidade das análises são bastante grandes. Todas têm em comum o pressuposto de que cidade (ou espaço urbano) e prática social são interdependentes entre si. Todas têm em comum, também, um compromisso com a transformação da sociedade que se estuda.

O Direito à Cidade

Uma das grandes características da Geografia Crítica atual tem sido a ênfase dada à análise de como a classe trabalhadora participa do processo de construção do espaço urbano. O que está por trás de grande parte

dessa produção é a rejeição da ideologia do "caos urbano", que relaciona grande parte das carências e "males" urbanos às migrações, à falta de planejamento, etc. Ao contrário, o que se pretende com esta linha de investigação é demonstrar exatamente o contrário, isto é, que o aparente "caos urbano" reflete uma lógica bastante clara (que é a lógica da acumulação capitalista) e que aparente "desordem" que caracteriza grande parte das formas espaciais urbanas e dos processos sociais que se dão na cidade é apenas, como diria Carlos Nelson F. dos Santos, uma "ordem que exige uma leitura mais atenta" (Santos, 1982). E essa ordem seria a ordem do possível a cada momento, seria a maneira através da qual aqueles que produzem a cidade inserem-se nas suas diversas estruturas de poder (econômico, político, etc.), para exigir (pela prática ou pela força) o seu direito, também, à cidade.

Focos de concentração residencial das camadas populares, não é de se estranhar, pois, que tenham sido as favelas os bairros da periferia e os conjuntos habitacionais populares os grandes centros de atenção dos autores que se situam nesta linha de pesquisa. Pacheco (1984), por exemplo, estudou o processo de crescimento da periferia metropolitana do Rio de Janeiro, reconstituindo (a partir do estudo de dois loteamentos) não apenas o cotidiano das populações que ali vivem, como também o alto grau de exploração a que estão sujeitas (tanto a nível das relações de trabalho como da capacidade de acesso a meios de consumo coletivo). A mesma temática foi abordada por Costa (1988), que recuperou todo o processo de implantação de um grande conjunto habitacional na periferia de Fortaleza, chamando atenção para as árduas lutas travadas por seus moradores para a obtenção de direitos urbanos mínimos.

Dentre esses direitos, aquele que estelece que todo homem deve ter uma moradia digna é, sem dúvida, o mais importante. E foi pela afirmação desse direito que, a partir do início da década de 80, e a roboque do processo de recuperação das liberdades políticas, as cidades brasileiras viram-se repentinamente tomadas pelos mais diversos tipos de movimentos organizados, que lutavam não apenas pelo acesso a meios de

consumo coletivo, mas também pelo próprio acesso à terra urbana. Como visto anteriormente, outros profissionais das Ciências Sociais já vinham se interessando por esta temática desde meados da década de 70. Os geógrafos chegaram um pouco atrasados (por razões já explicadas), mas quando chegaram também trouxeram uma contribuição valiosa, iniciada com uma reflexão preliminar realizada por Corrêa (1982a).

Bernardes (1983), por exemplo, debruçou-se sobre o empírico e analisou o Movimento Amigos de Bairro - MAB - (de Nova Iguaçu, RJ), relacionando o seu aparecimento com a agudização do processo de pauperização das periferias metropolitanas. A partir da recuperação da história desse movimento, a autora confrontou as estratégias por ele seguidas às características da base territorial que representava, indicando os pontos positivos a que se chegou e os impasses que não puderam ser resolvidos. Mizubuti (1987), por sua vez, acompanhou de perto o movimento associativo de bairro em Niterói e demonstrou toda a sua diversidade de formas e de conteúdos, consequência da heterogeneidade de bases sociais que estão aí representadas (movimentos de classe média, de periferia, etc.). Silva (1987), por outro lado, analisou o conteúdo das demandas desses movimentos (tal qual veiculados na imprensa periódica) e reconstituiu todo o processo de eclosão e desenvolvimento dos movimentos reivindicatórios urbanos em Fortaleza. Já Souza (1988) deslocou a discussão para o nível exclusivo da reflexão teórica e, a partir de uma análise das limitações e potencialidades do que ele denominou de "ativismo de bairro", introduziu todo o pensamento autonomista de Cornelius Castoriadis numa discussão que, até então, era predominantemente marxista-estruturalista.

A luta pela apropriação da terra urbana pelas camadas mais pobres da sociedade também despertou o interesse dos geógrafos críticos, levando-os inclusive a participar, de forma engajada, desse processo. Paraguassú et al. (1982) e Conceição (1982) foram os que primeiro chamaram a atenção para o significado (teórico e empírico) das invasões organizadas de terrenos, que cada vez mais ocorriam nas cidades brasileiras a partir do

início da década de 80. Ronchezel (1985) por sua vez, baseado em notícias de jornais, não apenas demonstrou que este processo já era antigo no Brasil, como recuperou (através de pesquisa direta) a evolução de três movimentos dessa natureza ocorridos no Estado de São Paulo. Coube entretanto a Arlete Rodrigues elaborar o estudo mais significativo desta linha de investigação. Realizando uma pesquisa participante (ou melhor, militante, como ela mesma afirma), essa autora acompanhou de perto todo o processo de ocupação coletiva de terra para moradia em Osasco (SP), um processo que, segundo ela, representou muito mais do que uma simples luta por moradia ou por equipamentos urbanos, já que constituiu, em última instância, um exercício riquíssimo de construção da cidadania (Rodrigues, 1988a).

Esta mesma temática da luta pelo direito à cidade deu origem ainda a outros trabalhos, que se diferenciaram dos que acabaram de ser mencionados pelo privilegiamento que deram à análise das relações estabelecidas entre cada movimento e o Estado. Kaupatez (1986), por exemplo, tratou do processo de periferização e chamou a atenção, a partir de estudos de casos selecionados, para a viabilidade da instituição no Brasil de uma prática de co-gestão (população/Estado) no processo de produção de moradias. Coutinho (1989), por sua vez, a partir da análise do "Projeto Recife", acompanhou e avaliou todas as fases de desenvolvimento dessa política de assentamento de populações de baixa renda, idealizada inicialmente com apoio do Banco Mundial e depois incorporada à prática de planejamento participativo de um governo municipal de esquerda. Nessa mesma linha, Bitoun e Droulers (1987) chamaram a atenção para as novas territorialidades urbanas que estão emergindo do processo de descentralização de decisões e de busca de maior participação popular, e que estão dando origem a toda uma nova geopolítica urbana. Finalmente, Pinheiro (1989) analisou a organização espacial da polícia civil no Grande Recife no período 1977/1986 e chegou à conclusão de que este órgão do aparelho de Estado é, ao mesmo tempo, um agente repressor/controlador da sociedade e um órgão assistencialista dos movimentos sociais.

Os Agentes da Produção do Espaço

Um dos temas que mais têm despertado a atenção dos geógrafos nestes últimos anos tem sido o do papel exercido pelos mais diversos agentes no crescimento acelerado de diversas cidades brasileiras nas últimas décadas. Como já vimos antes, esta atração tem sido generalizada, tendo afetado também a produção neoliberal. A produção crítica se distingue desta última, no entanto, por ser produto de uma reflexão que é, ao mesmo tempo, mais preocupada com as vinculações teóricas; historicamente determinada; e por ter como objetivo final a demonstração da vinculação estreita que se estabelece entre o processo de expansão territorial e o processo maior de acumulação capitalista.

Nessa vinculação, os estudos até agora realizados têm destacado amplamente o papel exercido pelo Estado, que se transformou ultimamente (seja por ação direta, por ação indireta, ou por simples omissão) num dos principais agentes indutores (senão o principal) do crescimento urbano das cidades brasileiras, especialmente daquelas de porte médio. E isto se deve principalmente ao efeito imediato que as políticas públicas têm sobre a planta de valores do solo urbano. Com efeito, por ser mercadoria que gera rendas àqueles que a possuem e por ser também fixa no espaço, a terra urbana é extremamente sensível a qualquer variação que ocorra no seu entorno. Isto porque a renda que ela aufera a seu proprietário é diferencial, isto é, varia em função dos mais diversos fatores tais como, por exemplo, a presença ou ausência de bens urbanísticos os mais diversos. É por esta razão que os proprietários de terra irão tentar, pelos mais variados meios, influenciar a tomada de decisões do Estado a seu favor, atraindo para as áreas onde possuem terras as políticas que aumentem a sua capacidade de apropriação da renda territorial, e afastando delas qualquer decisão que possa resultar numa diminuição dessa capacidade.

Tentando demonstrar empiricamente como se estabelecem as vinculações acima referidas, Vilarinho Neto (1983) estudou o impacto do Projeto Cura-Cuiabá na estruturação interna daquela cidade e demonstrou que os investimentos realizados acabaram

por gerar efeitos perversos: beneficiaram apenas um setor da periferia urbana (exatamente aquele que já havia sido apropriado pela "classe dominante"); levou a uma febril atividade de especulação com terras, que passaram então por intenso processo de valorização; e acabaram, finalmente, por expulsar grande número dos moradores do local. Machado (1989) também se debruçou sobre uma questão semelhante e analisou as transformações recentes ocorridas em Aracaju. Segundo ela, o processo teve início com a transferência para a capital de Sergipe da Regional Nordeste da PETROBRÁS em meados da década de 60, fato que alterou profundamente as estruturas locais. A injeção de recursos externos numa economia urbana relativamente estagnada até àquela época e num período de intensa concentração de rendas, levou as elites locais a darem início a um intenso processo de especulação com terras, notadamente em direção às áreas praianas, que logo se esterilizaram tornando-se reserva de valor. Logo após, entretanto, o Estado resolveu beneficiar essas áreas com os mais variados projetos de provisão de infra-estrutura, implantando aí, inclusive, um Projeto Cura (Coroa do Meio), que, embora anunciado como de interesse social, resultou na prática num desenfreado processo de especulação imobiliária e na criação de um bairro destinado aos grupos de rendas mais altas.

Seguindo essa mesma linha de análise, outros autores estudaram o processo de expansão territorial recente de algumas cidades de porte médio e apontaram a estreita ligação que se estabelece, nesse processo, entre os interesses de diversas unidades do capital (especialmente o imobiliário) e o conteúdo das políticas de provisão de infra-estruturas urbanas. Assim, Sposito (1984) analisou o caso de Presidente Prudente (SP); Soares (1988), o de Uberlândia; e Lourenço (1988), o de Rio Claro (SP). Um destaque especial merece ser dado a este último trabalho pela originalidade de sua análise. Para testar a hipótese de que os interesses dos proprietários de terra e os interesses dos políticos eram, em grande parte, um só, a autora analisou o processo de expansão territorial em Rio Claro no período 1948-1982, levantando em arquivo os nomes de todos

os proprietários de terrenos situados na periferia da cidade e de todos aqueles que se envolveram em transações imobiliárias nessa área no mesmo período. A seguir, cruzou as informações obtidas com os nomes de todos aqueles que participaram do aparelho de Estado (executivo e legislativo) no período estudado, dando destaque, ainda, aos políticos que elaboraram projetos de extensão de infra-estrutura urbana aos loteamentos periféricos. Provou, finalmente, a existência do que ela chamou de "político-proprietário", isto é, o proprietário de terra urbana que, por exercer o poder político ou por ter grande influência sobre ele, tem capacidade de direcionar investimentos públicos para as áreas em que possui propriedades, internalizando benefícios que são pagos por toda a coletividade.

Finalmente, há que se falar daqueles trabalhos que deslocaram o foco da atenção do Estado e colocaram-no sobre outros participantes do jogo urbano. Campello (1983), por exemplo, estudou o impacto causado pela atividade de confecções no crescimento urbano e na estrutura/dinâmica do emprego/desemprego em Santa Cruz do Capibaribe (PE). Seguindo uma abordagem histórico-estrutural, a autora constatou que as pequenas unidades de produção familiar que surgiram nessa cidade nos últimos tempos cumprem um papel importante no processo de acumulação. Segundo ela, essas microempresas constituem um mercado importante para a produção das empresas do Sudeste, principalmente no que diz respeito ao refugo da produção dessas últimas. Ao se transformar em importante mercado consumidor dessas sobras de produção, a cidade acaba proporcionando emprego para a maior parte da população, e este emprego, ao proporcionar um bom salário, contribui para rebaixar o custo de reprodução da força de trabalho. Araújo (1985), por sua vez, realizou análise semelhante, destacando o importante papel que a atividade de confecção de redes de dormir vem tendo na organização do espaço em Pedro II (PI). E Barros (1987) deslocou a temática para a análise do comércio ambulante em Campina Grande, chegando a conclusões parecidas.

A Produção/Destruição/Reprodução dos Espaços Intra-Urbanos

No Modo de Produção Capitalista, o espaço intra-urbano está sujeito a uma contínua redefinição de formas e conteúdos, que dá lugar, por sua vez, a uma também contínua transformação da estrutura interna da cidade. O significado desta dinâmica intra-urbana só pode ser apreendido, entretanto, se a acoplarmos ao movimento geral da acumulação capitalista. Com efeito, conforme já demonstraram amplamente Folin (1977), Santos (1978b e 1987) e Harvey (1978, 1982 e 1985), dentre outros, a cidade capitalista constitui simultaneamente condição e meio de valorização do capital. Daí, espaços intra-urbanos que tiveram um papel importante no processo de acumulação verificado num determinado período podem deixar de exercer este papel no momento seguinte, ou podem mesmo transformar-se em meio de desvalorização do capital, em obstáculo à contínua acumulação. Por outro lado, certas áreas que foram consideradas como "desvalorizadas", isto é, pouco geradoras de renda da terra numa determinada fase do processo de acumulação, podem logo a seguir transformar-se em verdadeiras "galinhas dos ovos de ouro".

É a partir desses pressupostos teóricos, e atraídos pelas transformações radicais por que têm passado as cidades brasileiras (e em especial as metrópoles nacionais) nos últimos 100 anos, que alguns geógrafos têm dedicado especial atenção à recuperação do processo histórico subjacente a essas mesmas transformações, pretendendo com isso resgatar toda a complexidade subjacente ao processo de produção contínua do espaço urbano. Abreu (1986), por exemplo, analisou a questão da habitação popular no Rio de Janeiro do Século XIX e a relacionou às inúmeras contradições que o espaço urbano carioca apresentava àquela época, chegando à conclusão de que a reforma urbana carioca do início do Século XX, além de atacar obstáculos que a forma urbana antiga antepunha à produção e circulação do capital, constituiu também verdadeira estratégia de classe, destinada a implantar na cidade a forma espacial típica do capitalismo, baseada na separação de usos e de classes sociais. Esta temática foi retomada em artigo posterior pelo mesmo

autor (Abreu, 1987c), que tratou agora de recuperar todo o processo de produção dos bairros suburbanos no Rio de Janeiro no Século XIX, um processo que, pelo grau de exploração a que estava sujeita a população que aí residia (ou fora obrigada a residir), pouco difere daquele a que hoje estão sujeitos aqueles que habitam as periferias metropolitanas. Cardoso (1986), por seu lado, analisou o processo de produção planejada de dois bairros do Rio de Janeiro pelo capital imobiliário (Copacabana e Grajaú) e indicou como, a partir do final do Século XIX, a expansão da malha urbana contribuiu para o processo de acumulação capitalista na cidade.

Focalizando agora a cidade de São Paulo, Martin (1984) abordou a questão da "deterioração urbana" a partir de um estudo sobre o bairro do Brás. Rejeitando a concepção historiográfica tradicional, que insiste em tratar o bairro pelo lado folclórico, o autor parte do pressuposto de que a "deterioração" é produto das contradições capitalistas e, portanto, não pode estar referida à miséria (como queria Patrick Geddes, que criou o termo) e sim à riqueza e ao processo de acumulação. No intuito de buscar as "causas da deterioração", Martin resgata então toda a dinâmica de acumulação do capital em São Paulo, desde finais do Século XIX até o momento atual, e a associa às transformações de forma e conteúdo verificadas no bairro. Chega à conclusão de que podem ser distinguidos dois momentos nesse processo: um de "deterioração espontânea", ligado a fatores nitidamente de mercado (saída das indústrias que buscavam terrenos mais amplos à margem de rodovias; saída de população longamente estabelecida aí, que buscava um emprego melhor ou a casa própria); e um momento de "deterioração planejada", em que o Estado, através de seus projetos de renovação urbana, passa a ter um papel cada vez mais direto nesse processo.

Scarlato (1989), por sua vez, também estudou um outro bairro "italiano" e descaracterizado de São Paulo (o Bexiga), mas revelou uma outra característica que as formas deterioradas podem ter: a de, contraditoriamente, serem também fator de valorização do capital. Transformado ultimamente pela mídia no símbolo da "velha São Paulo", o Bexiga vem sendo vendido como "Bixiga",

como uma imagem, como um bairro italiano que, na realidade, já não existe mais, posto que pouco sobrou de sua forma e conteúdo anteriores. Mas as formas que sobraram têm sofrido um intenso processo de valorização, e o bairro vem sendo invadido por usos que, apenas no imaginário, têm a ver com o espaço que outrora existiu. Numa cidade sem memória como São Paulo, onde a fúria da acumulação capitalista levou a processos de renovação urbana brutais, os resquícios de um tempo passado podem também ser objeto de lucro: basta fingir que as coisas não mudaram. É esta a "ideologia do Bixiga", um "bairro em transe" que Scarlatto tão bem analisa: utilizar a forma para vender um conteúdo que não existe mais.

Finalmente, há que se dar destaque também ao trabalho desenvolvido por Seabra (1987), que estudou o processo de constituição do mercado de terras em São Paulo e, em especial, o processo de incorporação das várzeas do Tietê e do Pinheiros à malha urbana. Baseada em ampla pesquisa documental, a autora recuperou toda a ação da Light no processo de retificação dos leitos e saneamento das várzeas desses dois rios que cortam a capital paulista e chegou a conclusões realmente instigantes. Demonstrando que, por contrato, caberiam à Light todos os terrenos que fossem obtidos a partir dos trabalhos que ela mesma executava nas várzeas do Pinheiros, Seabra apresentou indícios suficientes para que acreditemos que a estratégia que essa companhia adotou para apropriar-se de todas as rendas diferenciais por ela geradas nas margens do Pinheiros foi não só eficiente (para a companhia) como trágica (para as populações ribeirinhas). Posto que, como rezava o contrato, a área que poderia ser apropriada pela Light seria aquela compreendida na "linha da máxima enchente", a autora viu na grande enchente de 1929 uma verdadeira estratégia dessa companhia para definir a maior área possível de apropriação futura. Segundo ela, a liberação pela Light de um enorme volume de água de seus reservatórios situados a montante da capital, muito maior do que seria necessário para manter a segurança dos mesmos (razão alegada pela empresa), permitiu que a linha demarcatória fosse bas-

tante ampliada, garantindo, assim, uma base de apropriação também ampliada.

Espaço e Reprodução do Capital

Sem dúvida alguma, a mais teórica de todas as vertentes da produção crítica contemporânea, esta linha de investigação pretende demonstrar que o capital é uma das categorias determinantes (senão a principal) da análise da cidade. O engate teórico que se estabelece é que o espaço urbano, por ser um produto social e histórico, só pode ser compreendido a partir de sua articulação com as determinações mais gerais que regem o Modo de Produção Capitalista na fase atual, isto é, a partir de sua articulação com os processos de produção e de reprodução (ampliada) do capital monopolista. Essa articulação, entretanto, não é linear, isto é, embora seja produto do processo produtivo, o espaço urbano constitui também condição geral desse mesmo processo, razão pela qual poderá vir a facilitá-lo ou, então, tornar-se um obstáculo à sua realização.

Indelevelmente ligada ao processo de reprodução do capital, a análise do espaço urbano pressupõe então dois momentos distintos de investigação: o da sua articulação com os processos de produção e de troca. Como é no primeiro processo que a mais-valia é produzida, a maioria dos pensadores marxistas do urbano tem enfatizado apenas este lado da moeda, esquecendo-se de que é na circulação, entretanto, que a mais-valia é realizada. Tentando resgatar a importância deste último circuito no processo de produção da cidade, alguns geógrafos vêm tentando estabelecer as conexões necessárias entre ambos, esforço que já tem resultado em contribuições significativas.

Amélia Damiani (1984), por exemplo, estudou o processo de acumulação do capital a partir de um estudo que, inicialmente, pretendia analisar apenas a proliferação de favelas em Cubatão (SP). Conforme a autora mesma relata, ao procurar as favelas ela acabou por encontrar o peão e o que ele significa no processo de reprodução ampliada do capital hoje. E, como resultado desse encontro, brindou-nos com uma análise realmente inovadora.

Cubatão é hoje conhecida por ser um dos maiores pólos petroquímicos do País. Estão aí instaladas diversas indústrias, que se caracterizam pela alta composição orgânica do capital e por seu papel motriz na economia brasileira. Poucos sabem, entretanto, que atuam aí também inúmeras indústrias de construção pesada e de montagem industrial que, por prestarem os mais diversos serviços às primeiras, possibilitam não apenas a manutenção do capital fixo, como viabilizam a sua expansão e acumulação. E isto se realiza a partir de uma extensa divisão do trabalho que se estabelece entre ambos os tipos de indústria e que permite que muitas obras de construção e de montagem de maquinaria, que eram inicialmente feitas pelas próprias indústrias pesadas, possam agora ser contratadas às empreiteiras. Estas, por sua vez, valem-se da subempreitagem para flexibilizar ainda mais a produção de seus serviços, resultando daí uma matriz de divisão do trabalho extremamente complexa. Nessa matriz, conforme demonstrou Damiani, o peão constitui o elo mais fraco. Como o ritmo de expansão da grande indústria é descontínuo, sujeito aos períodos de expansão e recessão da economia, qualquer alteração na demanda por serviços da grande indústria afeta, por efeito cascata, toda a matriz industrial de Cubatão. Nos períodos de expansão, a prática da subempreitagem se reforça, e ele circula constantemente de uma empresa a outra. Como geralmente dorme no emprego, o peão pouco tem oportunidade de travar contato com a cidade. Ao contrário, nos períodos de recessão este contato se torna maior, já que é aí - e nas favelas - que o peão se refugia, na esperança de ser novamente chamado para o trabalho, transformando Cubatão num verdadeiro "mercado de peões".

Ana Fani A. Carlos (1987), por sua vez, analisou o papel da indústria na transformação do espaço urbano de Cotia (periferia metropolitana da capital paulista). Seu trabalho, entretanto, não objetivou estudar Cotia, isto é, não pretendeu estudar este município enquanto palco de localização de indústrias. Ao contrário, o que se pretendeu foi, a partir da análise do lugar, recuperar a totalidade, representada neste caso pela metrópole paulista que, como sede da acu-

mulação capitalista, assume formalmente um papel dinâmico de comando e direciona todo o processo de reprodução do capital e de (re)produção do processo urbano. O espaço urbano cotiano só pode ser entendido, pois, enquanto processo de reprodução da metrópole paulista. E nesse processo, conforme demonstrou a autora, tornou-se cada vez mais imperiosa a necessidade de diminuição dos custos da circulação de mercadorias, razão pela qual o estado empreendeu uma série de investimentos no setor de transportes, tornando acessíveis agora ao capital industrial (que buscava lucros maiores), ao proletariado (que buscava moradia mais barata) e à classe média-alta (que buscava o bucolismo de "viver no campo") a extensa faixa periférica na qual se inclui Cotia. Conseqüentemente, reproduzem-se aí hoje muitas das contradições que caracterizam o conjunto da metrópole, numa clara confirmação de que o todo está em todas as partes e estas refletem o todo.

A relação da atividade comercial com o processo de reprodução ampliada do capital também foi abordada pelos geógrafos. Pintaudi (1982) analisou a transformação do comércio varejista de gêneros alimentícios na Grande São Paulo, dando destaque ao aparecimento do supermercado como forma característica do processo de concentração e de centralização do capital comercial ocorrido a partir da década de 60. Demonstrando que a grande rotação de estoques que lhe é característica acaba por compensar (e muito) a taxa de lucro menor com que trabalha, a autora aponta então para a alta taxa de acumulação verificada nesse setor do comércio, que acabou por extinguir, ou segregar em áreas localizadas, as formas de comercialização características do período concorrencial do capitalismo. Gaeta (1988), por sua vez, estudou a difusão de uma forma mais recente (*shopping centers*) e indicou que, na atual etapa do capitalismo no Brasil (caracterizado pela concentração do capital industrial, bancário e, crescentemente, também do capital comercial), o papel determinante na dinâmica de acumulação está reservado aos investimentos, que passam a determinar também a dinâmica do mercado consumidor. Assim, explica ele, não são as exigên-

cias do mercado que estão por trás da proliferação de *shopping centers* no Brasil. Ao contrário, eles surgem como uma exigência da acumulação, quando empreendedores imobiliários e capitalistas do comércio, com o apoio do Estado, iniciam uma nova estratégia Locacional, uma estratégia mais condizente com a própria transformação do capitalismo no País, e que teve na dinamização do papel multiplicador de investimentos na área de bens de produção e na construção civil e seus pilares de sustentação.

Cidade e Acumulação do Capital no Campo

As transformações que vêm ocorrendo no campo brasileiro nas últimas décadas têm também atraído a atenção dos geógrafos urbanos, já que seus efeitos cada vez mais se materializam nas cidades. Lencioni (1985), por exemplo, discutiu como o processo de mudança de relações de trabalho no campo teve impactos generalizados sobre as cidades do Estado de São Paulo, afetando inclusive as cidades pequenas e de economia estagnada, que viram crescer à sua volta um cinturão de pobreza. A redefinição da cidade como espaço de reprodução da força de trabalho do campo também foi abordada por Silva (1986), que analisou o caso de Ribeirão (PE), por Aquino (1988), que viu o caso de Garanhuns (PE), e por Rodrigues (1989) quanto a Bacabal. Barbosa (1982), por sua vez, após acompanhar o histórico de vida de diversos trabalhadores ligados à cultura fumageira em Arapiraca (AL), demonstrou ser intenso o grau de mobilidade do trabalho nesta atividade, que tem uma fase rural propriamente dita e outra urbana. Finalmente, Silva (1987) deslocou a análise para o campo da cultura e demonstrou como os migrantes que foram expulsos do campo reproduzem na cidade, e em especial nas periferias urbanas onde passam a residir, toda uma série de práticas culturais que trouxeram de seus locais de origem como, por exemplo, as Folias de Reis.

CIDADE E AMBIENTE

Resta falar, para concluir esta avaliação da produção geográfica sobre as cidades, daqueles trabalhos que enfocaram o urbano

a partir da ótica ambiental. Trata-se de uma produção bastante recente e diferenciada, muito mais ligada à escola neoliberal do que à Geografia Crítica (ainda que as discussões teóricas sobre a questão ambiental em geral tenham tido aportes significativos desta última), e que tem avançado bastante o nosso conhecimento sobre o tema da qualidade de vida urbana. Os trabalhos que vêm sendo desenvolvidos, apesar de sua variedade, podem ser agrupados em grandes conjuntos e é a partir deles que iremos recuperá-los.

O papel exercido pela própria cidade, isto é, pelo ambiente construído, na alteração de condições de **conforto ambiental** tem atraído ultimamente a atenção de vários geógrafos. Da contribuição inicial de Monteiro (1976), mais ligada à climatologia, contamos agora com estudos que têm enfatizado o importante papel exercido pela vegetação (pelas áreas verdes em geral) na regulação dos microclimas urbanos, como demonstram, por exemplo, os estudos de Troppmair (1976), de Vasconcellos (1982) e de Carvalho (1982). Merece destaque, entretanto, o trabalho de Lombardo (1985) que, a partir de uma temática discutida também por Pazera Júnior (1976), demonstrou como as grandes metrópoles transformam-se em verdadeiras "ilhas de calor".

Abordando a questão pelo lado da **poluição**, outros geógrafos têm realizado estudos localizados sobre os mais diversos tipos de agressão ao meio ambiente urbano, ressaltando-se aqui os trabalhos realizados por Borges (1980, 1982) e Borges e Moura (1986) em Natal e o estudo de Troppmair (1977) sobre a capacidade que certos vegetais têm de indicar a presença de poluição do ar em áreas urbanas.

O problema da **degradação ambiental causada pela falta de planejamento adequado do uso do solo urbano** foi também discutido por diversos autores. Albuquerque e Coutinho (1987), por exemplo, a partir do caso de Aracaju, chamaram a atenção para a necessidade imperiosa de estabelecimento de uma política ambiental urbana, o mesmo ocorrendo com Suertegaray e Schäffer (1988), que analisaram a degradação ambiental na Grande Porto Alegre. Rocha (1987) e Baumgratz (1988), por seu lado, discutiram a valiosa contribuição que a Geomorfologia pode

dar ao planejamento urbano, especialmente no que toca à prevenção das chamadas catástrofes naturais (como as enchentes). Outras contribuições têm alertado, ainda, para a necessidade de se estabelecerem sistemas de monitoramento constante das condições ambientais urbanas, destacando o importante papel reservado à fotointerpretação (Bochicchio, 1982) e ao sensoriamento remoto nesse processo (Pitanga e Azevedo, 1980; Ferreira e Pereira, 1986; Kurkdjian, 1987; Foresti, 1987).

Apontando agora para situações concretas, Goldenstein e Carvalhaes (1984) discutiram a situação dramática de Cubatão, onde o estado consegue mobilizar enormes recursos de capital, mas nada faz para evitar que tanto as indústrias, como os migrantes por ela atraídos para o local deixem de ocupar "sítios inadequados". Chamadas semelhantes foram realizadas por Müller (1987), que apontou para o problema da degradação ambiental causada pelo parcelamento inadequado do solo na Região Metropolitana de São Paulo; por Mauro e Sanchez (1986/87), que estudaram o caso específico de um conjunto residencial em Rio Claro (SP); por Góes (1988), que analisou o impacto ambiental da urbanização sobre áreas de risco na Baixada de Sepetiba (RJ); e por Pinto et al. (1988), que discutiram como a dinâmica do uso do solo no Distrito Federal tem levado a diversas modificações ambientais na capital do País. Berrios Godoy (1986), finalmente, chamou a atenção para como certos problemas urbanos (como o do destino final do lixo) podem ser facilmente resolvidos, bastando para isso que haja planejamento e vontade política.

Para concluir, é preciso falar dos trabalhos que abordaram o ambiente urbano a partir da ótica da **Geografia da percepção e do comportamento**. As contribuições aqui são poucas, merecendo destaque o estudo de Mocellin (1977), que buscou identificar a imagem do Grande Rio a partir de seu "conteúdo, força e valor"; de Paschoal (1981), que tratou do grau de percepção que a população de um bairro da capital paulista tem dos riscos ambientais (no caso, enchentes) a que estão sujeitas; e de Bley (1982), que procurou detectar as coordenadas a partir

das quais os habitantes de Curitiba percebem a área central da capital do Paraná.

CONSIDERAÇÕES FINAIS¹⁶

Este trabalho pretendeu recuperar a produção realizada pelos geógrafos brasileiros sobre o espaço interno das cidades. Ao concluí-lo, não podemos deixar de salientar, logo de início, quão rica e fecunda tem sido essa produção, que já cobre cinco décadas de esforço intelectual permanente e conflui-se com a própria história da Geografia no Brasil.

Essa história foi bastante tumultuada nos últimos 20 anos, período em que a Geografia Brasileira, depois de uma longa fase de isolamento acadêmico, na qual manteve inalterada a sua vinculação com o positivismo clássico, abriu-se sucessivamente a novas propostas epistemológicas (principalmente ao neopositivismo e ao materialismo histórico e dialético), trazendo para dentro de si todo o acalorado debate que já afetava, há bastante tempo, as demais ciências sociais.

A abertura da Geografia a essas novas influências não foi obra do acaso, ou de uma evolução "natural" da disciplina. Ao contrário, ela acompanhou de perto o processo político/econômico nacional e internacional, numa clara demonstração da falácia do pensamento que prega a existência de uma ciência neutra, alheia e distanciada da realidade daqueles que a fazem. Refletindo esse processo, a polêmica que se instalou no seio da comunidade geográfica foi, como era de se esperar, bastante grande, e está parcialmente refletida numa série de avaliações críticas que foram realizadas ultimamente sobre a Geografia Brasileira e sua história (ver, por exemplo: Andrade, 1977; Monteiro, 1980; Corrêa, 1980b e 1982b; Geiser, 1980; Bernardes, 1982; Silva, 1983/84; Valverde, 1984; Faissol, 1987; Geiger, 1988). Está refletida também nas páginas deste estudo, já que é impossível dissociar a produção que os geógrafos fizeram sobre a cidade do movimento maior da disciplina.

Não é o lugar, aqui, de retomar esta polêmica. Ao contrário, o que se pretende é fazer

¹⁶ Algumas idéias que são aqui discutidas foram apresentadas anteriormente em outro trabalho do autor (Abreu, 1989).

uma reflexão a partir dela e, com base no material que foi comentado neste trabalho (ou que apenas faz parte da bibliografia apresentada a seguir), indicar alguns pontos problemáticos que podem ser notados na Geografia Urbana que vem sendo feita atualmente no País. Dentre esses, dois parecem ser os mais sérios, e são agora discutidos.

O primeiro diz respeito à uma tendência observada de utilização de um "referencial teórico" marxista por estudos que são muito mais caracterizados como tradicionais, neoliberais, ou mesmo neopositivistas, e que tentam, através desse artifício, adquirir talvez um maior grau de atualidade, de cientificidade, ou mesmo de engajamento político. Não é preciso dizer que esta prática é não só condenável, como também que a emenda geralmente sai pior do que o soneto, ou seja, que é melhor fazer uma Geografia não marxista bem feita do que um arremedo de Geografia Crítica. Já é hora, ademais, de superarmos a idéia de que as sucessivas "novas geografias" surgem para substituir as "velhas", de que é preciso começar tudo de novo a cada instante porque uma nova proposta se impôs. Esta atitude, comum até há pouco tempo, parece ter sido conseqüência da abertura repentina da Geografia Brasileira a novas matrizes epistemológicas, que por chegarem praticamente ao mesmo tempo trouxeram também consigo os seus respectivos discursos de afirmação. Ora, a convivência simultânea de correntes teóricas diferentes, ou mesmo antagonicas, é uma característica comum a qualquer campo do conhecimento, e é a partir dos embates que se travam entre elas que a Ciência avança. É este avanço se dá por superação do conhecimento anterior, e não a partir da sua negação.

Em segundo lugar, é preciso refletir também sobre os caminhos que vem trilhando a própria Geografia Crítica. Não há dúvida de que é a partir dela que o estudo geográfico da cidade tem avançado mais; que é a partir dela que a produção teórica tem atingido patamares de qualidade significativos. Parece estar em marcha, entretanto, um processo semelhante àquele que atingiu a Geografia Neopositivista no final da década de 60 no Primeiro Mundo, e que acabou dando origem à sua crise de relevância. Só para lembrar, essa crise surgiu quando ficou patente que a Geografia Neopositivista, apesar dos avanços teóricos que realizou, não tinha capaci-

dade de dizer qualquer coisa que fosse significativa a respeito das bruscas transformações que ocorriam no mundo àquela época. E isto se deu porque, nos esforços de teorização que realizou, a Geografia dita "quantitativa" privilegiou a tarefa de construção de um arcabouço normativo do mundo que estudava e não de teorias explicativas da realidade. E esse foi um erro fundamental. Sendo normativos, os modelos e teorias desenvolvidos pela Geografia Neopositivista não tinham qualquer compromisso com a explicação da realidade, razão pela qual, quando a crise chegou, não puderam dar conta daquilo que lhes era cobrado a nível explicativo, a nível da compreensão do que realmente estava acontecendo no espaço real. Em outras palavras, os modelos normativos não pretendiam explicar a realidade mas, sim, indicar quanto o "mundo real" estava distante de uma situação ideal que, esta sim, era explicada e teorizada.

O processo ocorrido com a Geografia Neopositivista serve de ponto de partida para a reflexão que queremos agora lançar ao debate e que diz respeito também à relação que se estabelece entre o mundo da teoria e o "mundo real". O ataque que a Geografia Crítica fez ao empirismo da Geografia Tradicional e ao fetichismo espacial da Geografia Neopositivista centrou-se, basicamente, na oposição entre aparência e essência. Por privilegiar a análise daquilo que era visível, que se evidenciava na paisagem, a Geografia Tradicional teria ocultado as verdadeiras determinações que estão por trás dessa paisagem e que são eminentemente sociais, prenes de conflitos de classe e comandadas pelas relações de produção que se estabelecem entre os homens a cada momento histórico. Por sua vez, ao transformar a paisagem numa rede de fixos e de fluxos, a Geografia Neopositivista teria feito o mesmo, só que sob uma aparência de pseudoneutralidade e de maior cientificidade.

Não discordamos dessas afirmações, ainda que seja preciso reconhecer que a ênfase nas determinações sociais descambou, muitas vezes, para o determinismo economicista. O que gostaríamos de argumentar é que, nesse esforço de teorização, de busca da "essência", está-se perdendo muitas vezes o caminho de volta à aparência, negando-se então a relação dialética que se estabelece entre as duas. Assim, o visível, a

variabilidade das formas, o lugar - dimensões inegavelmente importantes da análise geográfica - têm sido em muitos estudos bastante negligenciados, ou então explicados de forma determinista e, portanto, reducionista. A cidade, por exemplo, não raro tem sido vista como mero *locus* de reprodução da força de trabalho, e sua estrutura interna explicada apenas pelas teorias da renda da terra. Já os aspectos ligados à cultura têm sido muitas vezes reduzidos a expressões ideológicas menores, não muito dignas de atenção, posto que "determinados e não-determinantes".

A conseqüência imediata desse posicionamento tem sido a produção de estudos que conseguem trabalhar bem o movimento do social a nível das estruturas teóricas, que se apresentam como politicamente engajados, mas que não conseguem resolver de forma satisfatória (isto é, geograficamente) o rebatimento de tudo isso no espaço, a não ser segundo a forma mais simples: afinal, todo processo social ocorre no espaço. Os trabalhos que vêm sendo elaborados sobre a temática dos "movimentos sociais urbanos", por exemplo, ainda estão por resolver, a nosso ver, esta questão.

Doreen Massey, ao comentar processo semelhante ocorrido na Geografia Inglesa, observa que a crítica radical dos anos 70, ao rejeitar a diferenciação geográfica, a variabilidade das formas, cumpriu um objetivo que foi ao mesmo tempo intelectual e político. A nível intelectual, essa postura, segundo ela, foi determinada pela necessidade de contraposição tanto ao empirismo da Geografia Tradicional quanto ao fetichismo espacial da Geografia Neopositivista. Quanto ao nível político, pretendia-se chamar a atenção para a causa final, comum, da variedade de expressões espaciais. Em outras palavras, padrões espaciais - ainda que diferentes - estavam intimamente ligados entre si posto que eram determinados pelos mesmos processos sociais. Embora válidas, diz Massey, estas críticas foram, segundo ela, longe demais, já que a definição do espaço geográfico como um construtor social não pode levar à desvalorização da diferença, da variabilidade das formas, da particularidade, do lugar (Massey, 1985).

Não podemos deixar de concordar com esta argumentação. A busca da essência, isto é, das estruturas condicionantes do Modo de Produção Capitalista, não pode - e não deve - levar a explicações pasteurizadas e generalizantes sobre a paisagem, que negam qualquer importância à variabilidade das formas, à aparência. Isto porque, se esta é explicada, em suas determinações mais amplas pelo movimento das estruturas teóricas gerais, ela apresenta também um movimento próprio, distinto, que interatua com o movimento dessas estruturas e que não pode ser reduzido a simples expressão fenomênica de processos gerais.

Esta revalorização do particular, da paisagem, do lugar, não deve ser interpretada como uma proposta de volta a paradigmas anteriores como, por exemplo, o da diferenciação de áreas, já que ela deverá estar necessariamente acoplada à análise da totalidade maior, da dinâmica do Modo de Produção. O que queremos alertar é que já é hora de voltarmos a valorizar aquilo que tem sido o cerne da preocupação geográfica através dos tempos, isto é, nossa capacidade de explicar a variabilidade da paisagem.

Nessa tarefa, finalmente, não se pode ignorar todo o esforço conceitual e metodológico empreendido pela Geografia Tradicional e pela Geografia Neopositivista no trato da análise da forma, da aparência. Trata-se muitas vezes de contribuições significativas, que não podem simplesmente ser tachadas de imprestáveis posto que "comprometidas com a dominação burguesa". Esta postura tem resultado, a nosso ver, em retrocessos significativos no processo de produção do conhecimento geográfico sobre a cidade. De um lado, ela tem levado ao abandono de inúmeras temáticas importantes pela Geografia Crítica, apenas porque foram temáticas privilegiadas pelas Geografias Tradicional e Neopositivista. Por outro lado, e talvez por isso mesmo, tem resultado também na dificuldade já comentada de articular essência e aparência. É necessário dizer, entretanto, que algumas contribuições preliminares (e promissoras) já começam a surgir (ver, por exemplo, Corrêa, 1989b).

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Adilson Avansi de. As funções urbanas da zona do mercado central de São Paulo. *Boletim Geográfico* [do] IBGE, Rio de Janeiro, v.28, n. 211, p. 63-77, 1969.
- ABREU, Irlane Gonçalves de. *O crescimento da zona leste de Teresina : um caso de segregação*. Rio de Janeiro, 1983. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1983. 134 p. O capítulo IV foi publicado como: Teorias e teses sobre segregação espacial urbana em Espaço e Sociedade. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 75-110, 1983/1984.
- ABREU, Maurício de Almeida. *A geografia e os problemas urbanos*. *Revista de Administração Municipal*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 102, p. 67-81, set./out. 1970.
- _____. *Migration, urban labor absorption and occupational mobility in Brazil*. Columbus, Ohio, 1976. Tese (Doutorado) - The Ohio State University. 224 p. Parte deste trabalho foi publicado com o título: Labor market segmentation in Metropolitan Brazil: the case of São Paulo and Rio de Janeiro, está em BECKER, Bertha K. et al. (Orgs.). *Brazil: spatial organization*. (a contribution to the 24th International Geographical Congress - Tokyo, 1974). Rio de Janeiro: IBGE, 1980. p. 311-360.
- _____. Políticas públicas e estrutura interna das cidades: uma abordagem preliminar. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 3., 1978. *Sessões dirigidas*. Fortaleza: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1978a. p. 13-21.
- _____. O estágio atual da geografia no Brasil: uma visão crítica. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 3., 1978, Fortaleza. *Comunicações*. Fortaleza: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1978b. p. 365-368.
- _____. Estado e espaço urbano: uma perspectiva histórica. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 4., 1980, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1980. p. 58-72.
- _____. Contribuição ao estudo do papel do Estado na evolução da estrutura urbana. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 43, n. 4, p. 577-585, out./dez. 1981.
- _____. O crescimento das periferias urbanas nos países do Terceiro Mundo: uma apresentação do tema. In: UNIÃO GEOGRÁFICA INTERNACIONAL. Conferência Regional Latino-americana, 2., 1982. *Simpósios e mesas redondas*. Rio de Janeiro: IBGE, 1982. p. 197-201. Transcrito em: SANTOS, Milton, SOUZA, Maria Adélia A. (Orgs.). *A construção do espaço*. São Paulo: Nobel, 1986. p. 61-70.
- _____. Urban structure and the role of the State. In: UNIÃO GEOGRÁFICA INTERNACIONAL. Conferência Regional Latino-americana, 1. *Brazilian Geographical Studies*. [S.l.: s. n.], 1982b. p. 91-95.
- _____. Da habitação ao habitat: a questão da habitação popular no Rio de Janeiro e sua evolução. *Revista do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 47-58, 1986.
- _____. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO: Zahar, 1987a. 147 p.
- _____. A cidade do Rio de Janeiro: evolução urbana, contradições do espaço e estratificação social. In: BERNARDES, Júlia Adão (Org.). *Rio de Janeiro: painel de um espaço em crise*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1987b. p. 1-14.
- _____. A periferia de ontem: o processo de construção do espaço suburbano no Rio de Janeiro (1870/1930). *Espaço & Debates*, São Paulo, n. 21, p. 12-38, 1987c.
- _____. *Reflexões sobre algumas críticas da Geografia Crítica*. 1989. Trabalho apresentado no I Encontro Estadual dos Profissionais de Geografia, Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia/AGB, 9 a 12 de junho de 1989. Trabalho inédito.
- _____. DINIZ, Maria do Socorro. As causas do crescimento recente de Itaboraí - Venda das Pedras. *Boletim Carioca de Geografia*, Rio de Janeiro, n. 21, p. 79-110, 1970.
- AB'SABER, Aziz Nacib. A região de Santa Isabel. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 79-126, 1950/1951.

- AB'SABER, Aziz Nacib. A cidade do Salvador - fotografias e comentários. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 11, p. 61-78, 1952.
- _____. A cidade de Manaus (Primeiros Estudos). *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 15, p. 18-45, 1953.
- _____. Geomorfologia do sítio urbano de São Paulo. *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Geografia*, São Paulo, n. 12, 1957.
- _____. O sítio urbano de São Paulo. In: AZEVEDO, Aroldo de (Coord.). *A cidade de São Paulo*. São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1958. v. 1: p. 169-245. (Estudos de Geografia Urbana).
- _____. O sítio da cidade do Salvador. In: SANTOS, Milton (Org.). *Cidade do Salvador*. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1960. p. 11-12.
- _____. O sítio urbano de Porto Alegre. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 42, p. 3-30, 1965.
- _____. *A estrutura metropolitana e o novo aeroporto de São Paulo*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Instituto de Geografia, 1975.
- _____. COSTA JUNIOR, Miguel. O sudoeste goiano. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 143-219, 1975.
- ACÁCIO, Wilson Guilherme. *A absorção de mão-de-obra nos bairros periféricos de Juiz de Fora*. Rio de Janeiro, 1983. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1983. 170 p.
- AGUIAR, Tereza Coni. *Urbanização em Mato Grosso: um exemplo, Rondonópolis*. Rio de Janeiro, 1981. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1981. 176 p.
- ALBUQUERQUE, Delma M., COUTINHO, Solange F. S. Refletindo sobre as condições de vida nos grandes centros urbanos. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS SOBRE CRESCIMENTO URBANO, 1., 1987. *Comunicações*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1987. p. 239-242.
- ALEGRE, Marcos. Apresentação (I Encontro de Geógrafos). *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, n. 18, p. 11-15, 1973.
- ALMADA, Ayrton Teixeira. O estado capitalista e o uso do solo urbano. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 4., 1980, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1980. p. 53-57.
- ALMEIDA, Elisa M. J. Mendes de, PINTO, Dulce Maria A. O desenvolvimento da área central. In: DUARTE, Aluizio C. (Coord.). *A área central da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IBGE, 1967. p. 49-68.
- _____. LIMA, Olga Maria Buarque de. Análise fatorial de três áreas metropolitanas - Belo Horizonte, Curitiba e Porto Alegre. *Boletim Carioca de Geografia*, Rio de Janeiro, n. 22, p. 101-128, 1971.
- _____. RIBEIRO, Miguel Angelo C. Aspectos da estrutura industrial de 152 cidades brasileiras. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 3., 1974, Belém. *Comunicações*. Belém: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1974. p. 161-162.
- ALMEIDA, Elsinoe Elisa Ract de. *A organização espacial do setor metropolitano ocidental de São Paulo*. São Paulo, 1975. Tese (Doutorado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1975. 199 p.
- ALMEIDA, Fernando Flávio M. de. O planalto paulistano. In: AZEVEDO, Aroldo de (Coord.). *A cidade de São Paulo*. São Paulo: Nacional, 1958. v. 1: p. 113-167.
- ALMEIDA, Roberto Schmidt de. Onde estão os realmente pobres na Área Metropolitana do Rio no início dos anos 80? In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 4., 1980, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1980. p. 128-132.
- _____. *Atuação recente da incorporação imobiliária no município do Rio de Janeiro: tendências espaciais vigentes e alternativas futuras*. Rio de Janeiro, 1982. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Parte deste trabalho foi publicado com o título: Aspectos espaciais da ação recente dos incorporadores imobiliários no Município do Rio

- de Janeiro, na Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, v. 44, n. 2, p. 297-316, abr./jun. 1982. Versão em inglês: Alternatives of real estate promotion in large urban centers: A Rio de Janeiro case-study, está em União Geográfica Internacional. Conferência Regional Latino-Americana, 1. Brazilian Geographical Studies, 1982, p. 97-107. Resumo em: Anais do 5. Encontro Nacional de Geógrafos. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1982. p. 345-347.
- ALMEIDA, Roberto Schmidt de. A promoção imobiliária no município do Rio de Janeiro: aspectos espaciais do fim da década de 70 e tendências futuras. *Revista do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 4, p. 67-85, 1986.
- _____, ALONSO, Delnida Martinez. Alguns aspectos geográficos do município de Itaguaí. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 381-430. jul./set. 1960.
- ALVES, Cláudia Lima E. Evolução do uso do solo urbano-rural no município de Itapeverica da Serra: estudo geo-cartográfico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 4., 1984, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1984. p. 275-287.
- AMARANTE, Alberto Pires. Problemas de erosão e do escoamento das águas na cidade do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 4, p. 637-665, out./dez. 1960.
- AMORA, Zenilde Baimá. *As transformações da indústria de Fortaleza face à política de industrialização do Nordeste*. São Paulo, 1978. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1978. 101 p.
- ANDRADE, Gilberto Osório de. Pequena história da Praça da República. In: JATOBÁ, Lucivânio (Org.). *Estudos nordestinos sobre crescimento urbano*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1987. p. 311-342.
- ANDRADE, Manoel Correia de. *Aspectos geográficos da Região de Ubá*. São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1961. (Avulso, 1).
- _____. O pensamento geográfico e a realidade brasileira. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 54, p. 5-28, 1977. Transcrito em: SANTOS, Milton (Org.). *Novos rumos da geografia brasileira*. São Paulo: HUCITEC, 1982. p. 181-201.
- _____. Da produção do espaço urbano: o caso do Recife. *Boletim de Geografia Teórica*, Rio Claro, v. 9, n. 17/18, p. 5-22, 1979a.
- _____. Recife: problemática de uma metrópole de região subdesenvolvida. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1979b. 119 p.
- _____. Formação da aglomeração recifense. In: JATOBÁ, Lucivânio (Org.). *Estudos nordestinos sobre o crescimento urbano*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1987. p. 257-291.
- ANDRADE, Margarida Maria de. *Diadema: uma área de expansão da indústria, na metrópole paulistana*. São Paulo, 1979. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1979. 175 p.
- ANDRADE, Marily Bezerra de C. *O uso da terra em São José dos Campos: exemplos de transformações recentes*. São Paulo, 1980. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1979. 85 p.
- ANTUNES, Dioclécio de Paranhos. Transformações do quadro urbano e evolução do Rio de Janeiro. In: ASPECTOS da geografia carioca. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1962. p. 19-32.
- AQUINO, Denise Tomaz de. *Mudança no campo e fenômeno de urbanização: o caso de Garanhuns*. Recife, 1988. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Ciências Geográficas, Universidade Federal de Pernambuco, 1988.
- AQUINO, Maria de Fátima, NUNES, Elias. Aspectos ecológicos e sociais da área de deposição do lixo de Natal - RN. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 6., 1986, Campo Grande. *Contribuições científicas*. Campo Grande: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1986. p. 70.
- ARAÚJO, Ely Goulart Pereira de. A cidade de Olímpia (estudo de geografia urbana). *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, v. 5, n. 1. p. 41-57, 1950/1951. Publicado também em: *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 9, p. 19-37, 1951.

- ARAÚJO, José Luis Lopes de. *A atividade de confecção artesanal de redes-de-dormir - como estratégia de sobrevivência - e a organização do espaço em Pedro II*. Recife, 1985. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Ciências Geográficas, Universidade Federal de Pernambuco, 1985.
- ARAÚJO, Joselita Maria dos Santos. *Contribuição ao estudo da pobreza urbana: o caso do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 1979. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1979. 100 p. Resumo publicado em: Anais do 4. Encontro Nacional de Geógrafos. Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1980. p. 461-466.
- ARAÚJO FILHO, José Ribeiro de. Andradina. *Boletim da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, v. 3, n. 3, p. 59-63, 1943.
- _____. *A baixada do rio Itanhaém: estudo de geografia regional*. São Paulo, 1950. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1950. 123 p. O capítulo A vila de Itanhaém foi publicado em: Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n. 6, p. 3-22, 1950.
- _____. Alguns aspectos da população da cidade de São Paulo. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, v. 9, n. 1, p. 181-205, 1954/1955.
- _____. A população paulistana. In: AZEVEDO, Aroldo de (Coord.). *A cidade de São Paulo*. São Paulo: Nacional, 1958. v. 2: p. 167-247.
- _____. A expansão urbana de Santos. In: AZEVEDO, Aroldo de (Coord.). *A Baixada Santista: aspectos geográficos*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1965a. v. 3. p. 21-48.
- _____. As áreas funcionais de Santos. In: AZEVEDO, Aroldo de (Coord.). *A Baixada Santista: aspectos geográficos*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1965b. v. 3: p. 49-63.
- _____. *Santos, o porto do café*. Rio de Janeiro: IBGE, 1969. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1969. 200 p.
- _____. *O Porto de Vitória*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Instituto de Geografia, 1974. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1974. 300 p.
- ARBOS, Philippe. Petrópolis, esquisse de géographie urbaine. *Révue de Géographie Alpine*, v. 26, n. 3. Publicado também em: Boletim Geográfico [do] IBGE, Rio de Janeiro, v. 4, n. 37, p. 18-25, 1946; e Boletim Geográfico [do] IBGE, Rio de Janeiro, v. 4, n. 38, p. 133-146, 1946.
- _____. Geografia urbana. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 34. p. 1288-1289, 1946.
- ÁREA metropolitana da Guanabara. Rio de Janeiro: Secretaria de Governo, 1968.
- ASARI, Alice Yatiyo, GOUVEIA, Sílvia Lúcia. Do campo à periferia: características sócio-econômicas e suas implicações no conjunto urbano de Londrina. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 4., 1980, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1980. p. 404-406.
- AUGUSTO, Mirna Lygia V. P. *Moradores e moradias na estrutura urbana de uma cidade média: Rio Claro*. São Paulo. Rio Claro, 1983. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, 1983.
- AZEVEDO, Alba Regina O. de, BELTRÃO, Leila Maria V. O uso residencial do solo urbano em Presidente Prudente: exemplos de ocupação regularizada e não regularizada. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 6., 1986, Campo Grande. *Contribuições científicas*. Campo Grande: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1986. p. 130.
- AZEVEDO, Aroldo de. Goiânia, uma cidade "criada". *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1. p. 3-19, jan./mar. 1941.
- _____. El reconcavo de la Bahia. *Revista Geográfica de América*. v. 18, n. 108, 1942. Publicado também em: Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras [da] Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 38, 1944; e em: AZEVEDO, Aroldo de. Regiões e paisagens do Brasil. São Paulo: Nacional, 1952; e em Cahiers d'Outre Mer, Bordeaux, n. 15, 1951.
- _____. *Estudo geográfico de uma cidade*. São Paulo: [s.n.], 1943a.

- AZEVEDO, Aroldo de. Subúrbios de São Paulo (primeiros estudos). *Anuário da Faculdade de Filosofia Sedes Sapientiae*, São Paulo, 1943b.
- _____. Os subúrbios de São Paulo e suas funções. *Boletim da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, v. 4, n. 4, p. 59-69, 1944.
- _____. *Subúrbios orientais de São Paulo*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1945a. Tese de concurso à cadeira de Geografia do Brasil, 184 p.
- _____. A Penha e suas "vilas" satélites. *Anuário da Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae"*. São Paulo, 1945b.
- _____. A região de Juazeiro e Petrolina. *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras [da] Universidade de São Paulo, Geografia*. São Paulo, n. 2, 1946. Publicado também em: *Anais do 10. Congresso Brasileiro de Geografia*, 1944. Rio de Janeiro, 1952. v. 3, p. 290-317.
- _____. Barão de Cocais - estudo geográfico de um pequeno centro siderúrgico de Minas Gerais. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 37-76.
- _____. São Paulo, metrópole moderna. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 5, 1950.
- _____. São Luiz do Maranhão (Primeiros estudos). *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 25-40, 1950/1951.
- _____. Teresina, capital do Piauí - fotografias e comentários. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 8, p. 59-67, 1951a.
- _____. Brazilian cities: a sketch of urban geography. *Révue Canadienne de Géographie*, v. 5, 1951b.
- _____. São Paulo, cidade tentacular. *Paulistânia*, São Paulo, v. 38, 1951c.
- _____. *Regiões e paisagens do Brasil*. São Paulo: Nacional, 1952. 334 p.
- _____. Cuiabá - estudo de geografia urbana. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 9-66, 1952/1953.
- _____. Cuiabá, capital de Mato Grosso - fotografias e comentários. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, v. 15, p. 69-79, 1953.
- _____. Saudação aos congressistas - I Congresso Brasileiro de Geógrafos. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 10-25, 1953/1954.
- _____. A geografia em São Paulo e sua evolução. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 16, p. 45-65, 1954. Publicado também em: *Boletim Geográfico [do] IBGE*, v. 12, n. 120, p. 272-328. Publicado originalmente em: *O Estado de São Paulo*, de 25/1/1954.
- _____. Vilas e cidades do Brasil colonial (Ensaio de geografia urbana retrospectiva). *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 83-168, 1954/1955a.
- _____. Garanhuns: estudo de geografia urbana. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 9-54, 1954/1955b.
- _____. Embrões de cidades brasileiras. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 25, p. 31-69, 1957a.
- _____. Arraiais e corrutelas. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 27, p. 3-26, 1957b.
- _____. (Coord.). *A Cidade de São Paulo*. São Paulo: Nacional, 1958a. 4 v. (Estudos de geografia urbana).
- _____. São Paulo, cidade trilionária. In: *A cidade de São Paulo*. São Paulo: Nacional, 1958b. v. 1: p. 5-40.
- _____. Itaquera e Poá, subúrbios residenciais. In: *A cidade de São Paulo*. São Paulo: Nacional, 1958c. v. 4: p. 153-179.
- _____. Geografia das metrópoles brasileiras: os estudos existentes, seus caracteres e sua orientação. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, v. 12, p. 131-148, 1958/1959.
- _____. Fisionomia da cidade do Salvador. In: SANTOS, Milton (Org.). *Cidade do Salvador*. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1960. p. 5-54.

- AZEVEDO, Aroldo de. São Paulo: da vila quinhentista à metrópole atual. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, v. 39, p. 12-46, 1961.
- _____. (Coord.). A Baixada Santista - aspectos geográficos. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1956a. 4 v.
- _____. As cidades. In: AZEVEDO, Aroldo de. *O Brasil, a terra e o homem*. São Paulo: Nacional, 1956b. v. 2.
- _____. MATOS, Dirceu Lino de. Viagem ao Maranhão. *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras [da] Universidade de São Paulo, Geografia*, São Paulo, n. 6, 1951.
- AZEVEDO, Oswaldo Benjamim de. O comércio carioca: sua função regional e sua posição no âmbito nacional. A rede bancária. In: ASPECTOS da geografia carioca. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1962. p. 125-150.
- BACKHEUSER, Everardo. Comércio ambulante e ocupações de rua no Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 3-34, jan./mar. 1944a.
- _____. Os fatos fundamentais da Geografia. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 16, p. 399-403, 1944b.
- _____. A planta atormentada da cidade. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 27, p. 408-410, 1945a.
- _____. Crescimento da cidade do Rio de Janeiro. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 29, p. 734-736, 1945b.
- _____. Geografia carioca: densidade demográfica. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 946-948, 1945c.
- _____. Geografia carioca: aspectos geológicos no tempo colonial. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 32, p. 1072-1074, 1945c.
- _____. Geografia carioca: o cenário físico no tempo colonial. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 34, p. 1290-1292, 1946a.
- _____. A geologia do Distrito Federal. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 35, p. 1383-1406, 1946b.
- _____. Geografia carioca: primeiros delineamentos urbanos. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 35, p. 1415-1417, 1946c.
- _____. Geografia carioca: primeiras explorações econômicas. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 36, p. 1549-1551, 1946d.
- _____. Geografia carioca: a população colonial da cidade. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 37, p. 31-33, 1946e.
- _____. Geografia carioca: a Lagoa Rodrigo de Freitas. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 39, p. 284-291, 1946f.
- _____. Geografia carioca: a restinga de Marambaia. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 40, p. 442-445, 1946g.
- _____. Geografia carioca: o litoral da Guanabara. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 44, p. 972-981, 1946h.
- _____. Geografia carioca: granito nos subúrbios. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 47, p. 1475-1477, 1947a.
- _____. Geografia carioca: aspectos gerais da geologia do Distrito Federal. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 49, p. 41-46, 1947b.
- BAHIANA, Luis Cavalcanti da Cunha. Agentes modeladores e uso do solo urbano. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, v. 19. p. 53-62, 1978.

- BAHIANA, Luis Cavalcanti da Cunha. A geografia urbana e a formação de arquitetos: um depoimento e convite à discussão. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 4., 1980, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1980. p. 470-473.
- _____. *Contribuição ao estudo da questão da escala na Geografia: escalas em Geografia Urbana*. Rio de Janeiro, 1986. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1986. 200 p.
- BALASSIANO, Helena Maria et al. Uma contribuição ao estudo dos migrantes nas regiões metropolitanas brasileiras. In: ENCONTRO NACIONAL DOS GEÓGRAFOS, 6., 1986, Rio de Janeiro. *Contribuições científicas*. Campo Grande: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1986. p. 154.
- BARBOSA, Getúlio Vargas. Notas sobre o sítio e a posição de Belo Horizonte. *Revista da Universidade Federal de Minas Gerais*, Belo Horizonte, v. 17, p. 9-28, 1967.
- BARBOSA, Ignez C. B., PAVIANI, Aldo. Commuting in the Brazilian Federal District. *Revista Geográfica [del] Instituto Panamericano de Geografía e Historia*, Mexico, D.F., v. 77, p. 85-94, 1972.
- BARBOSA, Jorge Luiz. As infra-estruturas do solo urbano e suas implicações no valor de uso e no valor de troca: o caso da Cidade Nova e da Avenida Chile (Rio de Janeiro). In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 5., 1982, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1982. p. 443-445.
- BARBOSA, Silvestre. *Cultura fumageira e mobilidade da força de trabalho em Arapiraca, Alagoas*. Rio de Janeiro, 1982. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade do Rio de Janeiro, 1982. 187 p.
- BARCELLOS, Marieta M. Ocupação humana e aproveitamento do município de Mangaratiba. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 63-102, jan./mar. 1959.
- _____. Dinâmica espacial na área de Belém. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 3., 1974, Belém. *Comunicações*. Belém: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1974. p. 73-76.
- BARREIRA, José. Crescimento urbano de Londrina: estruturação do setor terciário. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 6., 1986, Campo Grande. *Contribuições científicas*. Campo Grande: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1986. p. 128.
- BARROS, Haidine da Silva. Fatores geo-econômicos do ressurgimento da cidade portuária de Angra dos Reis. *Anuário Geográfico do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, v. 14, p. 124-140, 1961.
- _____. População ativa e inativa. In: CURSO de Geografia da Guanabara. Rio de Janeiro: IBGE, 1968. p. 109-124.
- _____. MENEZES, Maria do Carmo R. Os velhos subúrbios e a periferia ocidental da cidade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 2., 1965, Rio de Janeiro. *Roteiros das excursões*. Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1965. p. 61-68.
- BARROS, Nilson Cortez Crocia de. *O pequeno comércio no interior do Nordeste do Brasil: estudo sobre o comércio ambulante na cidade de Campina Grande, estado da Paraíba*. São Paulo, 1987. Tese (Doutorado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1987. 372 p.
- BARROSO FILHO, Vantuil. Produção de território comunitário na Região Metropolitana do Recife. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 4., 1980, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1980. p. 420-422.
- BAUMFELD, Carlos Minc. A cidade, a indústria e o cidadão: a síndrome do desenvolvimento. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 5., 1982, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1982. p. 589-591.
- _____. Uma experiência de ampliação do espaço de intervenção do cidadão organizado - significado e limites do abastecimento direto, e atitude face ao aparelho de Estado. *Espaço & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 26-37, 1983/1984.
- BAUMGRATZ, Sonia Santos. O planejamento urbano de Belo Horizonte e seus problemas geomorfológicos. *Geografia*, Rio Claro, v. 13, n. 25, p. 117-131, 1988.

- BEAUJEU-GARNIER, Jacqueline. As migrações para Salvador. *Boletim Baiano de Geografia*, v. 3, n. 7/8, p. 3-14, 1961.
- BECKER, Bertha Koffmann. Geography in Brazil in the 1980's: background and recent advances. *Progress in Human Geography*, v. 10, n. 2, p. 157-183, 1986.
- _____. MESQUITA, Myrian G. C. O Rio de Janeiro e as cidades serranas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 2., 1965, Rio de Janeiro. *Foteiros das excursões*. Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1965. p.17-28.
- BECKER, Bertha K. et al. Contribuição ao estudo de padrões de consumo alimentar urbano: o consumo de leite na Guanabara. *Boletim Geográfico* [do] IBGE, Rio de Janeiro, v. 33, n.241, p. 73-109, 1974.
- BECKER, Olga Maria Schild. *Guaíba: comportamento de uma parcela da área metropolitana de Porto Alegre*. São Paulo, 1971. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1971. 96 p.
- _____. OLIVEIRA, Zuleika Lopes C. Proposição metodológica para análise dos diferenciais entre imigrantes e nativos nas áreas metropolitanas do Sudeste. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 37, n. 2, p. 3-43, abr./jun. 1975. Resumo publicado em: Anais do 2. Encontro Nacional de Geógrafos, Comunicações. Belo Horizonte: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1974. p. 173-189.
- BERGÓ, Maria Estela de Abreu. Estudo geográfico da cidade de Campinas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA, 10., 1944, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1952. p. 641-694.
- BERNARDES, Júlia Adão. Nova Iguaçu: um espaço catástrofe. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 5., 1982, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1982. p. 365-372.
- _____. *Espaço e movimento reivindicatórios: o caso de Nova Iguaçu*. Rio de Janeiro, 1983. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1983. 229 p. Publicado com o mesmo título no Rio de Janeiro, por J. B. Bernardes em 1983.
- _____. et al. O processo de favelização na periferia da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 6., 1986, Campo Grande. *Contribuições científicas*. Campo Grande: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1986.
- BERNARDES, Lysia Maria Cavalcanti. Notas sobre a cidade de Diamantina e seus habitantes. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 58-75, 1949/1950. Publicado também em: *Boletim Carioca de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2/3, p. 26-47, 1950/1951.
- _____. Nova Friburgo - uma cidade serrana fluminense. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 9-44, 1950/1951.
- _____. Importância da posição como fator do desenvolvimento do Rio de Janeiro. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, v. 11, n. 1. p. 175-196, 1957/1958. Publicado também em: BERNARDES, Lysa Maria Cavalcanti, SOARES, Maria Therezinha Segadas. Rio de Janeiro: cidade e região. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1987. p. 21-36.
- _____. Pescadores da Ponta do Caju: aspectos da contribuição de portugueses e espanhóis para o desenvolvimento da pesca na Guanabara. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2. p. 181-201, abr./jun. 1958.
- _____. Quadro sumário da nomenclatura das zonas urbanas. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, v. 12: p. 217-218, 1958/1959.
- _____. Evolução da paisagem urbana do Rio de Janeiro até o início do Século XX. *Boletim Carioca de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1/2, p. 17-39, 1959. Transcrito em: Aspectos da Geografia Carioca. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1962. p. 45-64.
- _____. Função defensiva do Rio de Janeiro e seu sítio original. *Boletim Carioca de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1/2, p. 92/77, 1960a. Publicado também em: BERNARDES, Lysa Maria Cavalcanti, SOARES, Maria Therezinha Segadas. Rio de Janeiro: cidade e região. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1987. p. 15-20.

- BERNARDES, Lysa Maria Cavalcanti. Elementos para o estudo geográfico das cidades: exemplos brasileiros. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, v.18, n. 154, p. 41-48, 1960b.
- _____. Expansão do espaço urbano no Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 495-525, jul./set. 1961a. Publicado também em: BERNARDES, Lysa Maria Cavalcanti, SOARES, Maria Therezinha Segadas. Rio de Janeiro: cidade e região. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1987. p. 81-104.
- _____. As grandes vias de comunicação do setor ocidental da Baixa da Guanabara, nos primeiro século da colonização. *Boletim Carioca de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 57-63, 1961b. Publicado também em: BERNARDES, Lysa Maria Cavalcanti, SOARES, Maria Therezinha de Segadas. Rio de Janeiro: cidade e região. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1987. p. 37-41.
- _____. A faixa suburbana da metrópole carioca. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 2., 1965, Rio de Janeiro. *Resumos de teses e comunicações*. Rio de Janeiro: Delta, 1965. p. 65-68.
- _____. Geografia e poder nacional. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 3, p. 267-281, jul./set. 1966.
- _____. A faixa suburbana. In: CURSO de Geografia da Guanabara. Rio de Janeiro: IBGE, 1968a. p. 90-105.
- _____. Os deslocamentos diários da população. In: CURSO de Geografia da Guanabara. Rio de Janeiro: IBGE, 1968b. p. 155-170.
- _____. Considerações sobre a posição geográfica de Belém. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 3., 1974, Belém. *Comunicações*. Belém: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1974. p. 68-72.
- _____. DUARTE, Haidine S. B. Estrutura espacial e dinâmica interna da Área Metropolitana do Rio de Janeiro. *Cadernos da PUC/RJ*, v. 21, 1974. p. 96-117. (Série História e Geografia, 1).
- _____. SOARES, Maria Therezinha de Segadas. *Rio de Janeiro: cidade e região*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1987. 160 p.
- BERNARDES, Nilo. A cidade de Cruzeiro - notas de geografia urbana. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 45-60, 1951/1952. Publicado também em: *Boletim Carioca de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1/2, p. 12-33, 1952.
- _____. Geografia e Planejamento. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, v. 26, n. 200, p. 65-68, 1967.
- _____. Geografia e Desenvolvimento. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, v. 28, n. 211, p. 107-112, 1969.
- _____. A influência estrangeira no desenvolvimento da Geografia no Brasil. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 44, n. 3, p. 519-527, jul./set. 1982.
- BERRIOS GODOY, Manuel Rolando. *O lixo domiciliar: a produção de resíduos sólidos residenciais em cidade de porte médio e a organização do espaço - o caso de Rio Claro*. Rio Claro, 1986. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, 1986. 175 p. Resumo publicado com o título: O lixo domiciliar e seu destino na cidade de Rio Claro - SP, em *Boletim de Geografia Teórica*, Rio Claro, v. 16/17, n. 31/34, p. 211-217, 1986/1987.
- _____. Planificação e planejamento ambiental no Brasil. *Terra Livre*, v. 3, p. 55-63, 1988.
- BERTONE, Leonor Ferreira. *Organização do espaço: formas de implantação do terciário na periferia sul do Distrito Federal*. Brasília, 1983. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, 1983.
- _____. O Estado e a urbanização do Distrito Federal. In: PAVIANI, Aldo (Org.). *Urbanização e metropolização: a gestão dos conflitos em Brasília*. Brasília: Universidade de Brasília, 1987. p. 51-71.
- BEZERRA, Vera Maria A. C., CRUZ, Jana Maria. Imigração e favelas: o caso do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 44, n. 2, p. 357-367, abr./jun. 1982. Resumo publicado em: *Anais do 5. Encontro Nacional de Geógrafos*. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1982. v. 1: p. 399-400.
- _____. et al. Periferização urbana no Brasil: um projeto de estudo nas áreas metropolitanas. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 45, n. 1, p. 51-92, jan./mar. 1983.

- BIAJOTI, Ruth Lavras. *Uma vila paulistana - Vila Palmeira*. São Paulo, 1979. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1979. 89 p.
- BICALHO, Ana Maria de S. Melo. Transformações na periferia urbana do Rio de Janeiro: crescimento e diversificação da pecuária leiteira. *Boletim Carioca de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 23. p. 35-64, 1971.
- _____ et al. Análise geográfica do consumo de leite "in natura" na Guanabara. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 3., 1974, Belém. *Comunicações*. Belém: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1974. p. 133-137.
- BIERMANN, Charles. Situation et site de Lausanne. *Bulletin de la Société Neuchâteloise de Géographie*, v. 25. p. 122-149, 1916.
- BITOUN, Jan. Para uma geografia do centro do Recife. In: JATOBÁ, Lucivãnio (Org.). *Estudos nordestinos sobre crescimento urbano*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1987. p. 127-139.
- _____. DROULERS, Martine M. Geopolítica da cidade - primeiros apontamentos teóricos. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS SOBRE CRESCIMENTO URBANO, 1., 1987. *Comunicações*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1987. p. 13-20.
- BITTENCOURT, A. Manaus: sua origem e desenvolvimento. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 76, p. 285-395, 1949.
- BLANCHARD, Raoul. *Grenoble, étude de géographie urbaine*. Paris: Colin, 1911. 162 p.
- _____. Deux grandes villes françaises, Lille et Nancy. *La Géographie*, v. 30, p. 103-122, 1914/1915.
- BLANCHARD, Raoul. Annecy, esquisse de géographie urbaine. *Recueil des Travaux de l'Institut de Géographie Alpine*, v. 4, p. 369-463, 1916.
- _____. Bordeaux. *Revue de Géographie Commerciale*, v. 43, p. 323-337, 1917.
- _____. Trois grandes villes du sud-est. *Recueil des Travaux de l'Institut de Géographie Alpine*, v. 6, p. 153-210, 1918.
- _____. Une méthode de géographie urbaine. *La Vie Urbaine*. v. 4, p. 301-319, 1922. Transcrito em: *Revue de Géographie Alpine*, v. 16, p. 193-214, 1928.
- BLEY, Lineu. *Percepção do espaço urbano: o centro de Curitiba*. Rio Claro, 1982. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, 1983.
- _____. OLIVEIRA, Lívia de. Percepção do centro de Curitiba. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS SOBRE CRESCIMENTO URBANO, 1., 1987. *Comunicações*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1987. p. 75-103.
- BOCHICCHIO, Vincenzo R. Observações sobre experiência de aplicação de fointerpretação à pesquisa de informações urbanas a nível cadastral e de planejamento. Caso da cidade de Salvador, Bahia. *Revista do Departamento de Geografia [da] Universidade de São Paulo*, v. 1, p. 65-89, 1982.
- BORGES, José Carlos et al. População do solo e os aspectos geo-espaciais do lixo urbano - o caso de Natal, RN. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 4., 1980, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1980. p. 493-496.
- _____. A qualidade da água consumida pela população de Natal. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 5., 1982, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1982. p. 439-440.
- BORGES, José Carlos, MOURA, Eider T. Aspectos geo-espaciais da poluição sonora em Natal. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 6., 1986, Campo Grande. *Contribuições científicas*. Campo Grande: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1986.
- BOSCHI, Renato Raul (Org.). *Movimentos coletivos no Brasil urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. 179 p.
- BOTELHO, Maria Emília T. C., CARDOSO, Maria Francisca T. C. Madureira - tentativa de determinação da área de influência de um subcentro da metrópole carioca. *Anais da Associação dos Geógrafos*

- Brasileiros*, São Paulo, v. 14, p. 187-209, 1960/1962. Publicado também em: *Boletim Carioca de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 17, p. 31-47, 1965/1966.
- BOYNARD, Aluizio Peixoto, SOARES, Maria Thereza Ribeiro. Santa Teresa, um bairro residencial no centro do Rio de Janeiro. *Boletim Carioca de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1/2, p. 77-88, 1958.
- BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA. *Goiânia*. Rio de Janeiro: IBGE, 1962. 124 p.
- BRITO, Maristella Azevedo. Estudo de uma área de segregação no Rio de Janeiro: a Cruzada São Sebastião. In: LINDGREN, Carlos Ernesto (Org.). *Leituras em organização espacial*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1975. p. 7-38.
- BRUNHES, Jean. *La Géographie Humaine*. 2. ed. Paris: Alcan, 1912. 802 p.
- _____, VALLAUX, Camille. *La Géographie de l'Histoire: Géographie de la paix et de la guerre sur terre et sur mer*. Paris: [s.n.], 1921.
- BURGESS, Ernest W. The growth of the city, an introduction to a research project. In: PARK, R. E., BURGESS, E. W., MCKENZIE, R. D. (Orgs.). *The City*. Chicago: University of Chicago Press, 1925.
- BUSCHEL, Elisabete C. C., BARROS, Irene R. M. Avaliação das condições físicas de uma área determinada para implantação de zonas de uso predominantemente industrial - ZUPI. *Revista do Departamento de Geografia [da] Universidade de São Paulo*, v. 2, p. 55-64, 1983.
- CALLEGARI, Regina Yara V. M. Considerações sobre a estrutura urbana de Caxias do Sul e o preço da terra. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 5., 1982, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1982. p. 279-299.
- _____. Constituição da periferia em Caxias do Sul. *Boletim Gaúcho de Geografia*, v. 12, 1984.
- CAMPELLO, Glaucete Maria da Costa. *A atividade de confecções e a produção do espaço em Santa Cruz do Capibaribe*. Recife, 1983. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Ciências Geográficas, Universidade Federal de Pernambuco, 1983. 157 p.
- CAMPOS, Maria da Glória de Carvalho. Causas geográficas do desenvolvimento das olarias na Baixa da Guanabara. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 123-151, abr./jun. 1955.
- CANABRAVA, A. P. As chácaras paulistanas (Primeiros estudos). *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 97-104, 1943/1950.
- CARDIERI, Francisca Luiza G. *O município de Jandira no conjunto metropolitano de São Paulo*. São Paulo, 1980. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1980. 160 p.
- CARDOSO, Elizabeth Dezouart. *O capital imobiliário e a expansão da malha urbana do Rio de Janeiro: Copacabana e Grajaú*. Rio de Janeiro, 1986. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1986. 182 p. Parte deste trabalho foi publicado com o título: O capital imobiliário e a produção de espaços diferenciados no Rio de Janeiro: o Grajaú, na *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 51, n. 1, p. 89-102, jan./mar. 1989.
- CARDOSO, Maria Francisca T. C. Aspecto geográficos da cidade de Cataguases. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 4, p. 423-448, out./dez. 1955.
- _____. Campina Grande e sua função como capital regional. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 4, p. 415/541, out./dez. 1963.
- _____. Caruarú: a cidade e sua área de influência. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 4, p. 587-614, out./dez. 1965.
- _____. A expansão do espaço urbano e crescimento do aglomerado do Rio de Janeiro. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 202, p. 3-10, 1968a.
- _____. O crescimento do aglomerado. In: CURSO de Geografia da Guanabara. Rio de Janeiro: IBGE, 1968b. p. 15-26.
- _____, HEREDA, Maria da Glória C. As comunicações e os transportes. In: DUARTE, Aluizio C. (Coord.). *A área central da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IBGE, 1967. p. 145-158.

- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *Reflexões sobre o espaço geográfico*. São Paulo, 1979. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1979. 118 p.
- _____. A cidade e a organização do espaço. *Revista do Departamento de Geografia [da] Universidade de São Paulo*, v. 1, p. 105-111, 1982.
- _____. *A (re)produção do espaço: o caso de Cotia*. São Paulo, 1987. Tese (Doutorado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1987. 438 p.
- _____. *Espaço e Indústria*. São Paulo: Contexto: Universidade de São Paulo, 1988. 70 p.
- CARTAXO, Maria Auxiliadora. *Campina Grande: a problemática do comércio de leite e a formação de sua bacia leiteira*. Recife, 1981. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade Federal de Pernambuco, 1981.
- CARVALHO, Anna Dias S. O crescimento recente da cidade do Salvador. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 77-101. Reproduzido em: SANTOS, Milton (Org.). *Cidade do Salvador*. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1960. p. 79-89.
- _____. Feira de Santana e o comércio de gado. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, v. 28, p. 14-36, 1958.
- _____. Salvador e a organização do seu espaço imediato. *Boletim Baiano de Geografia*, v. 2, n. 5/6, 1961.
- _____. São Luiz do Maranhão. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 3., 1974, Belém. *Excursões*. Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros: IBGE, 1974. p. 39-78.
- _____. SANTOS, Milton. *A geografia aplicada*. Salvador: Universidade da Bahia, Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais, 1960. 34 p. Transcrito em: *Boletim Geográfico*, v. 24, n. 185, p. 249-258, 1965.
- CARVALHO, Delgado de. *Le Brésil meridional*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1910. 529 p.
- _____. *Geografia do Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1913.
- _____. *Methodologia do ensino geográfico* (Introdução aos estudos de Geographia moderna). Petrópolis: Typ. das vozes de Petrópolis, 1925. 224 p.
- _____. A cidade de São Paulo. In: ASPECTOS geográficos da terra bandeirante. Rio de Janeiro: IBGE, 1954. p. 289-295.
- _____. *Cidade e arredores do Rio de Janeiro: a jóia do Brasil*. Rio de Janeiro: Komos, [19 __]. 160 p.
- CARVALHO, Eloísa de. Areia: aspectos de sua geografia urbana. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 99-109, 1951/1952.
- _____. Notas para estudo de Geografia Urbana. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 136, p. 71-82, 1957.
- CARVALHO, Leila Christina Dias. *Uma interpretação geográfica do acesso a recursos sociais: a saúde em Copacabana*. Rio de Janeiro, 1980. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1980. 155 p. Resumo publicado da dissertação em: Anais do 4. Encontro Nacional de Geógrafos. Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1980. p. 563-564.
- _____. Access to social resources: health in a district of Rio de Janeiro. In: UNIÃO GEOGRÁFICA INTERNACIONAL. Conferência Regional Latino-Americana, 1. *Brazilian Geographical Studies*. [S.l.: s.n.], 1982. p. 199-203.
- _____. Sobre a política urbana no Estado: para além da Região Metropolitana. *Boletim Carioca de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 34, p. 49-53, 1983/1984.
- CARVALHO, Maria Concelção Vicente de. A cidade e o porto de Santos. *Boletim da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, v. 2, n. 2, 1942.
- _____. *Santos e a geografia humana do litoral paulista*. São Paulo, 1944. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1944a.

- CARVALHO, Maria Conceição Vicente de. O Porto de Santos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA, 9., 1940. Florianópolis. *Anais...* Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1944b. p. 709-720.
- _____. As cidades brasileiras. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 63. p. 266-269, 1948.
- CARVALHO, Maria Eliza Cazzonato. *As áreas verdes de Piracicaba*. Rio Claro, 1982. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, 1982.
- CASTELLS, Manuel. *La question urbaine*. Paris: F. Maspero, 1972. Publicado em português como: A Questão Urbana. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 506 p.
- _____. *La question urbaine* (Postface). Paris: F. Maspero, 1975. Versão em português na coletânea: Seleção de textos 3. São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção Regional de São Paulo, 1977. p. 1-38.
- _____. *The city and the grassroots: a cross-cultural theory of urban social movements*. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1983. 450 p.
- CASTILHO, Cláudio J. M. Pequena indústria e produção do espaço em Toritama - PE. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS SOBRE CRESCIMENTO URBANO, 1., 1987. *Comunicações*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1987. p. 275-280.
- CASTRO, Iná Elias de. Análise funcional do subcentro de Madureira. In: LINDGREN, Carlos Ernesto (Org.). *Leituras em organização espacial*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Coordenação dos Programas de Pós-Graduação em Engenharia, PUR, 1975. p. 38-63.
- _____. Remoção e fixação de população favelada: um estudo de caso no Rio de Janeiro. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 5., 1982, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1982. p. 401-402.
- _____. SOARES, Willian G. Um estudo de avaliação da centralidade de dois subcentros da cidade do Rio de Janeiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 3., 1974, Belém. *Comunicações*. Belém: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1974. p. 88-92.
- _____. et al. A centralização de um setor periférico do Grande Rio: o caso de Maricá. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 3., 1974, Belém. *Comunicações*. Belém: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1974. p. 106-111.
- _____. MACEDO, Maria Luiza Ramos. Moradia e mercado de trabalho - a inversão da distância e acessibilidade. Um estudo de caso no Rio de Janeiro. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 5., 1982, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1982. p. 464-465.
- CASTRO, Josué de. *Fatores de localização da cidade do Recife: um ensaio de geografia urbana*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948. 85 p. Tese de concurso à cátedra de Geografia Humana da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Publicada também com o título: A cidade do Recife: ensaio de Geografia Humana. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1954. 106 p. Transcrito em: CASTRO, Josué de. *Ensaio de Geografia Humana*. São Paulo: Brasiliense, 1957. p. 153-128.
- _____. Estudo geográfico dos estabelecimentos humanos. In: CASTRO, Josué de. *Ensaio de Geografia Humana*. São Paulo: Brasiliense, 1957. p. 93-105.
- CASTRO, Therezinha de. Notas sobre a cidade do Rio de Janeiro. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 184, p. 60-64, 1965a.
- _____. Evolução política e crescimento da cidade do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 4, p. 569-586, out./dez. 1965b.
- _____. Aracaju: evolução e crescimento. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 200, p. 48-65, 1967.

- CATALDO, Delnida Martinez. A cidade satélite de Taguatinga: alguns aspectos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 3., 1974, Belém. *Comunicações*. Belém: Associação dos Geógrafos Brasileiros. p. 101-105.
- CAVALCANTE, Tércia Correia. *Barueri e sua participação no conjunto da faixa periférica da metrópole paulistana*. São Paulo, 1978. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1978. 109 p.
- CAVALCANTI, Jerônimo. A geografia e sua influência sobre o urbanismo. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 521-541, out./dez. 1940.
- _____. Geografia urbana e sua influência sobre o saneamento das cidades. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 20-53, jan./mar. 1941a.
- _____. A geografia urbana e sua influência sobre o tráfego. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p. 495-532, jul./set. 1941b.
- _____. A geografia urbana e sua influência sobre o urbanismo superficial e subterrâneo. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 63-96, jan./mar. 1942.
- CHABOT, Georges. *Les Villes: aperçu de géographie humaine*. Paris: Colin, 1948.
- CHAVES, Eunice Almeida Pinto. O município e a cidade de Botucatu. In: CONGRESSO NACIONAL DE GEOGRAFIA, 10., 1944, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1952. p. 584-622.
- COELHO, Êneo Jose L., OLIVEIRA, Márcio de. A formação dos subúrbios da Leopoldina. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 5., 1982, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1982. p. 466-467.
- COELHO, Maria do Socorro Alves. *A segunda habitação: reflexões sobre a expansão da metrópole do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 1986. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1986. 118 p.
- CONCEIÇÃO, Jorge de Souza. Desenvolvimento urbano desigual: Salvador a partir de 1940. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 5., 1982, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1982. p. 241-252.
- CONSIDERAÇÕES a propósito de um artigo de Bernard Kayser. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 51, p. 31-45, 1976.
- COPSTEIN, Gisela. *Tapes: cidade arrozeira na planície lagunar gaúcha*. São Paulo, 1971. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1971. 54 p.
- _____. Contribuição ao estudo da estrutura urbana de Porto Alegre. *Boletim Gaúcho de Geografia*, v. 6, p. 1-20, 1977. (Série Geografia).
- _____. Porto Alegre em busca de um modelo de estrutura urbana (nota prévia). In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 3., 1978, Fortaleza. *Comunicações*. Fortaleza: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1978. p. 301-304.
- _____. Estrutura urbana de Alegrete. *Boletim Gaúcho de Geografia*, v. 8, 1980. (Série Geografia).
- _____. O centro de comércio e serviços de Porto Alegre. *Boletim Gaúcho de Geografia*, v. 11, p. 10-11, 1983.
- _____. Porto Alegre - do final do século XIX ou do início do século XX. *Boletim Gaúcho de Geografia*, v. 14, p. 22-27, 1986.
- _____. Estudo geográfico de uma cidade. *Boletim Gaúcho de Geografia*, v. 15, 1987a.
- _____. Técnicas de pesquisa em Geografia Urbana: o exemplo de Dois Irmãos. *Boletim Gaúcho de Geografia*, v. 15, 1987b.
- COPSTEIN, Raphael. A distribuição de rendas em Rio Grande - 1876. *Boletim Gaúcho de Geografia*, v. 1, p. 1-20, 1974. (Série Geografia).

- COPSTEIN, Raphael. Rio Grande: justificativa de uma situação geográfica (Contribuição à Geografia Histórica). *Boletim Gaúcho de Geografia*, v. 7, 1979. (Série Geografia).
- CORDEIRO, Helena Kohn. *Contribuição metodológica para o estudo do centro metropolitano de São Paulo*. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 3., 1978, Fortaleza. *Comunicações*. Fortaleza: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1978. p. 305-308.
- _____. *O centro da metrópole paulistana: expansão recente*. São Paulo, 1979. Tese (Doutorado) - Instituto de Geografia, Universidade de São Paulo, 1979. Publicada com o mesmo título em São Paulo, pelo Instituto de Geografia da USP, em 1980. 2 v.
- _____. Tendências de expansão do centro metropolitano de São Paulo: In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS., 4., 1980, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1980. p. 423-426.
- _____. O processo de mudança no centro metropolitano de São Paulo e as atuais tendências de sua expansão. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 5., 1982, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1982. p. 369-376.
- _____. Sub-setorização da área de transição do centro metropolitano de São Paulo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 4., 1984. São Paulo. *Anais...* São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1984. p. 245-254.
- CORREA, Aureanice de Mello. Transformações do uso do solo urbano: rua Moreira César, bairro de Icarai, na cidade de Niterói. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 5., 1982, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1982. p. 446-448.
- CORREA, Elza Maria Staciari e. *A expansão de Goiânia: uma abordagem cartográfica, 1933-1980*. Rio Claro, SP, 1981. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, 1981.
- CORREA, Luiz Ademar Carneiro. Associações de moradores no município de Porto Alegre (RS) - Estudo preliminar do associativismo comunitário. *Boletim Gaúcho de Geografia*, v. 14, p. 43-50, 1986.
- CORREA, Roberto Lobato Azevedo. Os estudos de redes urbanas no Brasil. *REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 4, p. 93-116. Publicado também no: Simpósio de Geografia Urbana, 1966, Buenos Aires. Rio de Janeiro: Instituto Panamericano de Geografia e História, 1968. p. 173-206.
- _____. Localização inicial do imigrante na cidade: o caso do Rio de Janeiro. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 2., 1976, Belo Horizonte. *Resumo de comunicações e guias de excursões*. Belo Horizonte: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1976. p. 112-120.
- _____. A geografia urbana no Brasil - uma avaliação. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 3., 1978, Fortaleza. *Sessões dirigidas*. Fortaleza: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1978a. p. 9-12.
- _____. Os processos espaciais e a cidade. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 3., 1978, Fortaleza. *Comunicações*. Fortaleza: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1978b. p. 281-285. Reproduzido, em versão ampliada em: *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 41, n. 3, p. 100-110, 1979.
- _____. Classes sociais, habitação e o Grande Rio: apresentação do tema. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 4., 1980, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1980a. p. 97-102.
- _____. Geografia brasileira: crise e renovação. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 4., 1980, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1980b. p. 329-336. Transcrito em: MOREIRA, Ruy (Org.). *Geografia: teoria e crítica*. Petrópolis: Vozes, 1982. p. 115-121.
- _____. Espaços e movimentos sociais urbanos: uma introdução. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 5., 1982, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1982. p. 255-257.
- _____. Da "Nova Geografia" à "Geografia Nova". *Revista de Cultura Vozes*, v. 74, n. 4, p. 5-12, 1982b. (Número especial sobre Geografia e Sociedade).

- CORREA, Roberto Lobato. A produção e a organização do espaço urbano. *Espaço & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 111-123, 1983/1984.
- _____. A periferia urbana. *Geosul*, v. 1, n. 2, p. 70-78, 1986.
- _____. Hinterlândias, hierarquias e redes: uma avaliação da produção geográfica brasileira. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, n. 51, v. 3, p. 113/137, jul./set. 1989a.
- _____. *O espaço urbano*. São Paulo: Ática, 1989b. 94 p.
- _____. et al. A cidade de São Luís. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, v. 34, n. 250, p. 61-111, 1976.
- CORREIA FILHO, Virgílio. Caxambu. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 319-348, jul./set. 1940.
- _____. Cidades serranas. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 3-56, jan./mar. 1947a.
- _____. Lambari. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, p. 521-533, out./dez. 1947b.
- COSTA, Célia Diogo A. *Contribuição ao estudo da mobilidade em Miguel Pereira: o caso dos trabalhadores de múltiplas ocupações*. Rio de Janeiro, 1987. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1987. 136 p.
- COSTA, Eda Maranhão P. da. *Expansão urbana e organização espacial: uma área litorânea na Região Metropolitana do Recife*. Recife, 1981. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Ciências Geográficas, Universidade Federal de Pernambuco, 1981. Publicada com o título: *Expansão urbana e organização espacial*. Recife: Ed. Universitária, 1982. 248 p. Parte deste trabalho está também em: JATOBÁ, Lucivânio (Org.). *Estudos nordestinos sobre crescimento urbano*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1987. p. 301-311.
- _____. Dinâmica populacional na Região Metropolitana do Recife. *Geografia*, Rio Claro, 1986, v. 11, n. 21, p. 111-119, 1986.
- _____. Migração intra-metropolitana: do centro para a periferia? In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS SOBRE CRESCIMENTO URBANO, 1., 1987. *Comunicações*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1987. p. 121-128.
- COSTA, Emília Viotti da. Cotia e Itapeverica da Serra, subúrbios agrícolas. In: AZEVEDO, Aroldo de (Coord.). *A cidade de São Paulo*. São Paulo: Nacional, 1958. v. 4: p. 109-152.
- COSTA, Fernando Luiz B. M. Sobradinho - área de transição urbano-rural. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 5., 1982, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Associação de Geógrafos Brasileiros, 1982. p. 153-176.
- COSTA, Inês Moraes, BRITO, Maristella A. Bairros tradicionais e expansão pelos vales e encostas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 2., 1965, Rio de Janeiro. *Roteiros das excursões*. Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1965. p. 69-74.
- COSTA, Maria Clélia Lustosa. *Cidade 2000: expansão urbana e segregação espacial em Fortaleza*. São Paulo, 1988. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1988. 295 p. Um resumo de parte deste trabalho está em: *Anais do 5. Encontro Nacional de Geógrafos. Contribuições científicas*. Campo Grande: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1986. p. 117.
- COSTA, Rogério Haesbaert da. Delimitação da área central de uma cidade de porte médio: exemplo - a cidade de Santa Maria (RS). In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 5., 1982, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1982. p. 348-350.
- _____. Ex-favelados: o papel de um novo espaço. O caso da Vila do João/Projeto Rio. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 4., 1984, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1984. p. 201-213.
- COSTA, Yara Maria M. da. Tabira - notícia geográfica de uma cidade sertaneja. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 2., 1965, Rio de Janeiro. *Resumos de teses e comunicações*. Rio de Janeiro: Delta, 1965. p. 84-85.
- _____. Adamantina - núcleo urbano recente do oeste paulista. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, v. 18, p. 173-178, 1973.

- COSTA, Yara Maria M. da. Turismo em grandes metrópoles: o caso de São Paulo. *Boletim de Geografia Teórica*, Rio Claro, v. 16/17, n. 31/34, p. 238-240, 1986/1987.
- COUTINHO, Maria Cristina. O planejamento urbano no contexto da abertura política: caso particular da cidade do Recife. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS SOBRE CRESCIMENTO URBANO, 1., 1987. *Comunicações*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1987. p. 399-403.
- _____. *As transformações do/no projeto Recife: redirecionamento no espaço. Uma análise da relação entre planejamento urbano e movimento popular*. Recife, 1989. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Ciências Geográficas, Universidade Federal de Pernambuco, 1989. 191 p.
- CRUZ, E. Carneté: aspectos de sua formação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA, 10., 1944, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1952. p. 535-583.
- CUNHA, Gersonete Sotero da. *Natal: o processo de expansão territorial urbana*. Rio Claro, SP, 1987. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, 1987.
- DAMIANI, Amélia Luisa. *Na busca das favelas o encontro do "peão" que permanece*. As favelas de Cubatão num quadro de desenvolvimento do centro petroquímico. São Paulo, 1984. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1984. 218 p.
- DANELLI, Gerson. *Aspectos da mobilidade espacial da população na região metropolitana da Grande São Paulo: um estudo de circulação numa paisagem urbana*. São Paulo, 1979. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1979. 231 p.
- DANTAS, Maria da Conceição et al. O crescimento urbano e o bem estar social. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS SOBRE CRESCIMENTO URBANO, 1., 1987. *Comunicações*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1987. p. 195-201.
- DAVIDOVICH, Fany Rachel. O centro industrial de Jundiaí em 1962. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 2., 1965, Rio de Janeiro. *Resumos de teses e comunicações*. Rio de Janeiro: Delta, 1965. p. 45-48.
- _____. Aspectos geográficos de um centro industrial: Jundiaí em 1962. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 4, p. 329-374, out./dez. 1966.
- _____, LIMA, Olga Maria Buarque de. Contribuição ao estudo de aglomerações urbanas no Brasil. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 37, n. 1, p. 50-84, jan./mar. 1975.
- _____. Análise de aglomerações urbanas no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 2., 1976, Belo Horizonte. *Comunicações*. Belo Horizonte: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1976. p. 131-143.
- DEFFONTAINES, Pierre. Sorocaba, la ville des foires à mulôts du Brésil. *Bulletin de l'Association des Géographes Français*, v. 91, p. 212-225, 1935.
- _____. Rio de Janeiro, une grande victoire urbaine. *Revue d'Économie Politique*, Paris, p. 92-109, 1937.
- _____. The origin and growth of the Brazilian network of towns. *Geographical Review*, New York, v. 28, n. 3. p. 379-399, 1938. Publicado também em: *Bulletin de la Société de Géographie de Lille*, v. 82, n. 9, 1938. Transcrito em: *Boletim Geográfico [do] IBGE*, v. 2, n. 14, p. 141-148 e v. 2, n. 15, p. 299-308, ambos de 1944.
- _____. Geografia humana do Brasil: III. As duas grandes cidades: Rio de Janeiro e São Paulo. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 34-46, abr./maio 1939. Transcrito em: *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 47, p. 1453-1463, 1947.
- _____. Meditação geográfica sobre o Rio de Janeiro. *Boletim Carioca de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3/4, p. 30-33, 1959. Publicado também no: *Boletim Geográfico [do] IBGE*, v. 24, n. 184, p. 58-59, 1965.
- DIAS, Catharina Vergolino. Marabá: centro comercial da castanha. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, p. 383-427, out./dez. 1958.

- DIAS, Leila Christina Duarte. A crise e a questão da saúde: a expansão da doença nos espaços metropolitanos. In: BERNARDES, Júlia Adão (Org.). *Rio de Janeiro: painel de um espaço em crise*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1987. p. 74-82.
- DIAS, Otacílio. A cidade de Palmital e o município. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA, 9., 1940, Florianópolis. *Anais...* Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1944. p. 588-603.
- DIAS, W. Florianópolis: ensaio de geografia urbana. *Boletim Geográfico do Departamento Estadual de Geografia e Cartografia [de] Santa Catarina*. [Florianópolis], v. 1, n. 1, p. 64-75, jan. 1947; v. 1, n. 2, p. 1-73, jul. 1947; v. 2, n. 3, p. 41-63, jan. 1948.
- DICKINSON, R. E. *City, region and regionalism*. London: Kegan Paul, 1947.
- DIGIÁCOMO, Milton. *Ecologia fatorial da aglomeração de Florianópolis*. Rio de Janeiro, 1979. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1979. 139 p.
- DINIZ, José Alexandre Felizola. Aracaju, síntese de geografia urbana. *Boletim Carioca de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 15, p. 65-123, 1962.
- _____. et al. Brasília e sua periferia: problemas de relacionamento. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 242, p. 40-47, 1974.
- DOLABELA, E. Abastecimento de Belo Horizonte em 1950. *Boletim Mineiro de Geografia*, v. 1, n. 2, p. 289-295, 1956.
- DUARTE, Aluizio Capdeville. Tentativa de delimitação da área central do Rio de Janeiro e problemas encontrados na escolha de um método. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 2., 1965, Rio de Janeiro. *Resumos e teses e comunicações*. Rio de Janeiro: Delta, 1965a. p. 69-71.
- _____. Estrutura da área central do Rio de Janeiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 2., 1965, Rio de Janeiro. *Resumos de teses e comunicações*. Rio de Janeiro: Delta, 1965b. p. 72-73.
- _____. A área central da cidade do Rio de Janeiro. In: DUARTE, Aluizio Capdeville (Coord.). *A área central da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IBGE, 1967a. p. 11-42.
- _____. A função de direção. In: DUARTE, Aluizio Capdeville (Coord.) *A área central da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IBGE, 1967b. p. 123-124.
- _____. O centro de atividade da metrópole. In: CURSO de Geografia da Guanabara. Rio de Janeiro: IBGE, 1968. p. 57-73.
- _____. Aracaju e sua região. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 220, p. 3-130, 1971.
- DUARTE, Haidine da Silva Barros. A Cidade do Rio de Janeiro: descentralização das atividades terciárias. Os centros funcionais. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 1, p. 53-98, jan./mar. 1974. Resumo publicado em: *Anais do 3. Congresso Brasileiro de Geógrafos*. Comunicações. Belém: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1974. p. 84-87.
- _____. SOARES, Willian Gonçalves. Análise de critérios de população na identificação de zonas internas na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. *Boletim Carioca de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 28, p. 79-102, 1977/1978.
- EGLER, Claudio Antonio B. Considerações sobre o processo de metropolização. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 2., 1976, Belo Horizonte. *Comunicações*. Belo Horizonte: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1976. p. 109-111.
- ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 3., 1978, Fortaleza. *Sessões dirigidas*. Fortaleza: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1978. 104 p.
- ERTHAL, Rui. *Organização espacial das atividades terciárias em Niterói*. Rio de Janeiro, 1980. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1980. 141 p.
- _____. O comércio informal em Niterói. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 4., 1984, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1984. p. 180-186.

- ESTUDO ecológico da cidade. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 5. p. 49-50, 1943.
- EVANGELISTA, Hélio de A. Reflexões sobre o espaço: caso da Barra da Tijuca, Município do Rio de Janeiro (RJ). In: BECKER, Bertha K. (Org.). *Ordenação do Território: uma questão política?* Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Geografia, 1984. Um resumo publicado em: Anais do 4. Congresso Nacional de Geógrafos. São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1984. p. 478-482.
- _____. Efeitos urbanos de movimentos reivindicatórios. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 6., 1986, Campo Grande. *Contribuições científicas*. Campo Grande: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1986. p. 34.
- _____. *Uma abordagem geográfica à reivindicação por equipamento sanitário*. Rio de Janeiro, 1989. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1989. 143 p.
- FAISSOL, Speridião. A geografia na década de 80: os velhos dilemas e as novas soluções. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 49, n. 3, p. 7-37, jul./ago. 1987.
- FANTIN, Maria Eneida, DISPERATI, Joensen Terezinha L. Geografia eleitoral: bairro Jardim Social e Vila São Domingos. *Geografia*, Rio Claro, v. 13, n. 25. p. 69-92.
- FÈBVRE, Lucien. *La terre et l'évolution humaine: introduction géographique a l'histoire*. Paris: La Renaissance du Livre, 1922. 471p.
- FELIPE, José Lacerda A. *Organização do espaço urbano de Mossoró*. Recife, 1982. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Ciências Geográficas, Universidade Federal de Pernambuco, 1982. 110p. Publicada com o mesmo título pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, PRAEU, 1985. 110 p.
- FERNANDES, Nelson Nóbrega. Sentido espacial da renda da terra e espaço urbano. In: MOREIRA, Ruy (Org.). *Geografia: teoria e crítica*. Petrópolis: Vozes, 1982. p. 151-158.
- FERREIRA, Agnes, PEREIRA, Cláudia V. Cartografia geotécnica aplicada ao planejamento na Grande São Paulo. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 6., 1986, Campo Grande. *Contribuições científicas*. Campo Grande: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1986. p. 149.
- FERREIRA, Ignez Costa Barbosa. O processo de urbanização e a produção do espaço metropolitano de Brasília. In: PAVIANI, Aldo (Org.). *Brasília: ideologia e realidade*. São Paulo: Projeto, 1985. p. 43-56.
- _____. Do rural ao urbano na periferia do Distrito Federal. In: PAVIANI, Aldo (Org.). *Urbanização e Metropolização*. Brasília: Universidade de Brasília, 1987.p. 145-162. Resumo publicado em: Anais do 6. Encontro Nacional de Geógrafos. Contribuições científicas. Campo Grande: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1986. p. 121.
- FERREIRA, Maria do Rosário. *Industrialização dirigida e seus impactos em contexto regional arcaico e dependente: a experiência de Campo Grande - PB. Rio Claro, São Paulo, 1985. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista Julio Mesquita Filho, 1985.*
- FERREIRA, Yoshiya Nakagawara. Loteamentos irregulares de Londrina: In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 6., 1986, Campo Grande. *Contribuições científicas*. Campo Grande: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1986. p. 125.
- _____. HAYASHI, Carlos Alberto F. Formas de apropriação do espaço urbano de Londrina e as migrações intra-urbanas. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 6., 1986, Campo Grande. *Contribuições científicas*. Campo Grande: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1986. p. 129.
- FLORENÇANO, Paulo C., AZEVEDO, Aroldo de. São Paulo, metrópole moderna - fotografias e comentários. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, v. 5, p. 53-69, 1950.
- FOLIN, Marino. *La ciudad del capital y otros escritos*. México: G. Gili, [19__]. 244 p.
- FONSECA, Vânia. *Manaus: pólo de desenvolvimento regional?* Rio Claro, [1982]. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, [1982]. 111p. Resumo publicado em: *Geografia*, Rio Claro, v. 7, n. 13/14, p. 75-89, 1982.

- FONTES, Izabel Cristina A. Estudo do papel de uma grande indústria na organização do espaço urbano. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 6., 1986, Campo Grande. *Contribuições científicas*. Campo Grande: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1986. p. 116.
- FORESTI, Celina. Enfoque metodológico para o estudo da expansão e estruturação do espaço urbano na Área Metropolitana de São Paulo. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS SOBRE CRESCIMENTO URBANO, 1., 1987. *Comunicações*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1987. p. 325-334.
- FRANÇA, Ary. O quadro climático-botânico. In: AZEVEDO, Aroldo de (Coord.). *A cidade de São Paulo*. São Paulo: Nacional, 1958. p. 69-111.
- FRANÇA, Maria Cecília. *Pirapora do Bom Jesus: estudo geográfico de um centro de peregrinações no estado de São Paulo*. São Paulo: Colégio Estadual de São Paulo, 1961. 50 p. Tese de concurso à cadeira de Geografia Geral e do Brasil. Publicada também com o título: Pirapora do Bom Jesus, centro religioso do Alto Tietê, no Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n. 41, p.23-82, 1964.
- _____. *Pequenos centros paulistas de função religiosa*. São Paulo, 1972. Tese (Doutorado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1972. 236 p. Publicada com o mesmo título pelo: Instituto de Geografia da USP, em 1975. 2 v.
- FRANCESCONI, Léa. *A mão-de-obra ocupada na atividade industrial de São José dos Campos e Jacareí: movimentos migratórios e movimentos pendulares*. São Paulo, 1979. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1979. 113 p.
- FREDRICH, Olga Maria B. de Lima. Algumas reflexões sobre a geografia urbana no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 3., 1978, Fortaleza. *Sessões dirigidas*. Fortaleza: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1978. p. 23-29.
- FREEMAN, T. W. *Geography and planning*. London: Hutchinson University Library, 1958.
- FREIRE, Gilberto. Geografia urbana. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, abr./jun. 1941.
- FREIRE, Lucy Abreu R. et al. Heterogeneidade de origem e instabilidade residencial dos moradores de conjuntos: conclusões preliminares sobre a Cidade de Deus. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 5., 1982, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1982. p. 394-395.
- FRIZZO, Leoni Massochini. *A indústria de material de transporte em Caxias do Sul - RS*. Rio de Janeiro, 1985. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1985. 196 p.
- FUJIMOTO, Edson Koz et al. Casarões, porões e meia-águas: o cortiço na cidade de São Paulo. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 6., 1986, Campo Grande. *Contribuições científicas*. Campo Grande: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1986. p. 38.
- FURLANETTO, Diva Almeida et al. Promoção imobiliária e espaço residencial da classe média na periferia metropolitana do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 49, n. 2, p. 27-56, abr./jun. 1987. Resumo publicado em: Anais do 6. Encontro Nacional de Geógrafos. Contribuições científicas. Campo Grande: Associação dos Geógrafos do Brasileiros, 1986. p. 150.
- GAETA, Antonio Carlos. *Acumulação e transformação do espaço urbano: o processo geral de formação dos shopping centers de São Paulo*. São Paulo, 1988. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1988. 234 p.
- GALVÃO, Maria do Carmo Corrêa. Fatores de localização industrial no Rio antigo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 2., 1965, Rio de Janeiro. *Resumos de teses e comunicações*. Rio de Janeiro: Delta, 1965a. p. 49.
- _____. O Rio de Janeiro e a zona rural circunvizinha. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 2., 1965, Rio de Janeiro. *Foteiros das excursões*. Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1965b. p. 5-16.
- _____. A zona industrial antiga do Rio de Janeiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 2., 1965, Rio de Janeiro. *Foteiros das excursões*. Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1965c. p. 35-43.

- GALVÃO, Maria do Carmo Corrêa. Os novos eixos de circulação e a transformação da fisionomia urbana do Rio de Janeiro: In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 2., 1965, Rio de Janeiro. *Foteiros das excursões*. Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1965d. p. 75-80.
- GALVÃO, Marília Velloso et al. Áreas de pesquisa para a determinação de áreas metropolitanas. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 4, p. 53-127, out./dez. 1969.
- GALVÃO, Roberto. Introdução ao conhecimento da área maranhense abrangida pelo Plano de Valorização Econômica da Amazônia. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 239-299, jul./set. 1955.
- GARCEZ, Luiz Armando. A Região Metropolitana de Curitiba. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 2., 1965, Rio de Janeiro. *Resumos de teses e comunicações*. Rio de Janeiro: Delta, 1965. p. 99-101.
- GARCIA, Gilberto G. et al. A expansão urbana de Rio Claro - SP: uma aproximação quantitativa. *Geografia*, Rio Claro, v. 8, n. 15/16, p. 175-180, 1983.
- GARMS, Armando. *Paraguacú Paulista: contribuição para o estudo de um centro local do extremo sudoeste paulista*. São Paulo, 1977. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1977. 248 p.
- GARRIDO FILHA, Irene. Geografia do emprego em Manaus. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 4, p. 153-178, out./dez. 1969.
- GEIGER, Pedro Pinchas. Alguns problemas geográficos na região entre Teófilo Otoni (Minas Gerais) e Colatina (Espírito Santo). *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 403-452, out./dez. 1951.
- _____. Loteamento na Baixa da Guanabara. *Anuário Geográfico do Estado do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 5, p. 95-101, 1952.
- _____. Urbanização e industrialização na orla oriental na Baía de Guanabara. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 4, p. 495-522, out./dez. 1956.
- _____. Relação entre a população e a produção industrial das cidades brasileiras. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, v. 12, p. 171-186, 1958/1959.
- _____. Ensaio para a estrutura urbana do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 3-46, jul./set. 1960.
- _____. A metrópole do Rio de Janeiro e suas funções atuais. In: ASPECTOS da Geografia Carioca. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1962a. p. 65-79.
- _____. Esboço da estrutura urbana da área metropolitana do Rio de Janeiro. In: ASPECTOS da Geografia Carioca. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1962b. p. 81-104.
- _____. *Evolução da rede urbana brasileira*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1963. 462 p. Este trabalho foi resumido pelo autor e por Fany Davidovich e publicado com o título: Aspectos do fato urbano no Brasil, na Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 263-362, abr./jun. 1961.
- _____. Geografia e planejamento. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 3, p. 111-118, jan./mar. 1967.
- _____. A importância do comércio e dos serviços. In: CURSO de Geografia da Guanabara. Rio de Janeiro: IBGE, 1968a. p. 143-154.
- _____. A Divisão de Geografia do Estado da Guanabara (Brasil) e a pesquisa sobre mobilidade da população. In: INSTITUTO PANAMERICANO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA, Comissão de Geografia. Simpósio de Geografia Urbana, 1966, Buenos Aires. Rio de Janeiro: o Instituto, 1968b. p. 114-129.
- _____. Cidades do Nordeste: aplicação de "factor analysis" no estudo de cidades nordestinas. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 4, p. 131-171, out./dez. 1970.

- GEIGER, Pedro Pinchas. Diretrizes e prioridades em pesquisas urbanas. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 35, n. 1, p. 87-104, jan./mar. 1973.
- _____. Evolução do pensamento geográfico brasileiro: perspectivas - ou, a geografia brasileira, da industrialização por substituição de importações à oitava economia do capitalismo: 1930-1980. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 4., 1980, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1980. p. 337-355.
- _____. Industrialização e urbanização no Brasil: conhecimento e atuação da Geografia. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 50, t. 2, p. 59-84, 1988. Número especial.
- _____. MESQUITA, Myriam G. C. O loteamento. In: GEIGER, Pedro Pinchas. *Estudos rurais na Baixada Fluminense*. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1956. p. 179-187.
- GEISLER, Walter. Beiträge zur Stadtgeographie. *Zeitschrift Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin*, 1920. p. 274-296.
- GEORGE, Pierre. Existe uma geografia aplicada? *Boletim Geográfico [do] IBGE*. Rio de Janeiro, v. 21, n. 174, p. 290-296, 1963.
- _____. et al. *La Géographie active*. Paris: Press Universitaires de France, 1965. Versão em português: A geografia ativa. São Paulo: DIFEL, 1968.
- GIRARDIN, Paul. Fribourg et son site géographique: étude de géographie urbaine. *Bulletin della Société Neuchâteloise de Géographie*, v. 20, p. 117-128, 1909/1910.
- GÓES, Maria Hilde de Barros. Impacto ambiental da urbanização sobre áreas de riscos na Baixa de Sepetiba (RJ). *Boletim de Geografia Teórica*, Rio Claro, v. 18, n. 35/36, p. 39-73, 1988.
- GOHN, Maria da Glória. *Reivindicações populares urbanas: estudo sobre associações de moradores em São Paulo*. São Paulo: Cortez, 1982. 171 p.
- GOLDENSTEIN, Léa. Cubatão e sua área industrial. In: AZEVEDO, Aroldo de (Coord.). *A Baixada Santista: aspectos geográficos*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1965a. v. 4: p. 11-65.
- _____. Cubatão e o impacto da industrialização. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 2., 1965, Rio de Janeiro. *Resumos de teses e comunicações*. Rio de Janeiro: Delta, 1965b. p. 74-76.
- _____. *Estudo de um centro industrial satélite: Cubatão*. São Paulo, 1970. Tese (Doutorado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1970. 328 p.
- _____. ROSSINI, Rosa Ester. O bairro industrial do Jaguaré, SP. *Boletim Paulista de Geografia, São Paulo*, v. 47, p. 30-72, 1972.
- _____. CARVALHAES, Stela G. Avaliação política da descentralização industrial: a experiência do complexo industrial da Baixada Santista. *Espaço & Debates*, v. 13, p. 47-58, 1984.
- GOMES, Edvânia Tôres A. Estudos para um sistema de controle do uso do solo urbano metropolitano (caso, RMR). In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS SOBRE CRESCIMENTO URBANO, 1., 1987. *Comunicações*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1987. p. 118-120.
- GOTTMAN, Jean et al. *L'aménagement de l'espace, planification régionale et géographie*. Paris: Armand Colin, 1952.
- GRANDE, J. C. Pedro. Cidades que se unem. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 110, p. 565-566, 1952a.
- _____. João Pessoa versus Campina Grande. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 111, p. 732-734, 1952b.
- _____. Fadário de capitais brasileiras. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 114, p. 278-280, 1953a.
- _____. Cidades que jamais foram vilas. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 116, p. 477-478, 1953b.
- GUERRA, Antonio Teixeira. Alguns aspectos geográficos da cidade de Rio Branco e do Núcleo Colonial Seringal Empresa. *Revista Brasileira de Geografia*, v. 13, n. 4, p. 547-576, 1951.

- GUIDUGLI, Odeibler Santo. *A geografia da população urbana: aspectos teóricos e o caso de Marília, SP*. São Paulo, 1979. Tese (Doutorado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1979. 543 p. Parte desta tese foi publicada com o título: A migração em escala espacial micro: a migração intra-urbana, em *Geografia*, Rio Claro, v. 7, n. 13/14, p. 154-157, 1982.
- _____. Migração intra-urbana: alguns problemas para a implementação de projetos de investigação. *Geografia*, v. 12, n. 24, p. 155-158, 1987. Também publicado em: Encontro Nacional de Estudos sobre Crescimento Urbano. Comunicações. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, [1987]. p. 129-137.
- GUIMARÃES, Alisson Pereira. A cidade industrial. *Boletim Mineiro de Geografia*, v. 1, p. 38-54, 1957.
- GUIMARÃES, Edna Maia M. *Impacto da urbanização sobre a atividade pesqueira no município de Maricá, RJ*. Rio de Janeiro, 1987. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade de São Paulo, 1987. 141 p.
- GUIMARÃES, Maria Rita da Silva. A função financeira. In: DUARTE, Aluizio C. (Coord.). *A área central da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IBGE, 1967. p. 97-101.
- GUIMARÃES, Olmária. *As feiras livres da cidade de São Paulo*. São Paulo, 1968. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1968. Publicada com o mesmo título pelo Instituto de Geografia da USP.
- HACK, Paulo Norberto et al. Duque de Caxias, uma área dinâmica da faixa suburbana periférica do Grande Rio de Janeiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 2., 1965, Rio de Janeiro. *Resumos de teses e comunicações*. Rio de Janeiro: Delta, 1965. p. 77-79.
- HARVEY, David. Revolutionary and counter-revolutionary theory in Geography and the problem of ghetto formation. In: HARVEY, David. *Social Justice and the City*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1973. p. 120-152. Versão em português em: HARVEY, David. *A justiça social e a cidade*. São Paulo: HUCITEC, 1980. p. 103-130.
- _____. The urban process under capitalism: a framework for analysis. *International Journal of Urban and Regional Research*, v. 2, n. 1. p. 101-131, 1978.
- _____. O trabalho, o capital e o conflito de classes em torno do ambiente construído nas sociedades capitalistas avançadas. *Espaço & Debates*, v. 6, p. 6-35, 1982.
- _____. Money, time, space and the city. In: HARVEY, David. *Consciousness and the Urban Experience*. Oxford: Blackwell, 1985. p. 1-35.
- HASSETT, K. *Die Staedte geographisch betrachtet*. Leipzig: [s.n.], 1907.
- HAUSHOFER, A. Ouro Preto und Belo Horizonte: eine stadteographische Studie. *Mitt. der Geog. Gesell. in München*, v. 18, p. 293-311, 1925.
- HAUSMAN, A. Aspectos da geografia urbana de Porto Alegre. *Boletim Geográfico da Dir. Reg. Geogr.*, Porto Alegre, v. 7, n. 12, 1962/1963.
- HAYASHI, Carlos Alberto F., KRELING, Wagner Luiz. Mudanças na estrutura urbana de Londrina. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 6., 1986, Campo Grande. *Anais... Campo Grande: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1986. p. 124.*
- HETTNER, Alfred. Die wirtschaftlichen Typen der Ansiedlungen. *Geographische Zeitschrift*, v. 8, 1902.
- HIJJAR, Elizabeth Aiub. *Conjuntos habitacionais e deslocamentos para trabalho e compras*. Rio de Janeiro, 1979. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1979. 145p. Publicado em: Anais do 4. Encontro Nacional de Geógrafos, 1979. Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1979. p. 103-117.
- _____. Instituições bancárias e cadernetas de poupança: evolução no espaço do Rio de Janeiro. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 5., 1982. Porto Alegre. *Anais... Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1982. p. 454-456.*
- HINO, Maria Y., MANGANARO, Iclair C. D. Processo industrial de Londrina: fatores e características de sua transformação. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 5., 1982, Porto Alegre. *Anais... Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1982. p. 365-366.*

- IBGE. Serviço de Estudos Intra-urbanos. Ação dos agentes modeladores no uso do solo urbano. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 43, n. 1, p. 123-131, jan./mar. 1981.
- ITO, Claudemira A., FONSECA, Maria Aparecida P. O uso residencial do solo urbano em Presidente Prudente: exemplos de ocupação clandestina. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 6., 1986, Campo Grande. *Anais... Associação dos Geógrafos Brasileiros*, 1986. p. 131.
- JAMES, Preston E. *Belo Horizonte and Ouro Preto: a comparative study of two Brazilian cities.* (Papers of the Michigan Academy of Science, Arts and Letters, 18). Publicado em português como: Belo Horizonte e Ouro Preto: estudo comparativo de duas cidades brasileiras. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 48, p. 1598-1609, 1947.
- _____. Rio de Janeiro and São Paulo. *Geographical Review*, v. 23, 1933. p. 271-298.
- JESUS, Fátima Cristina et al. Algumas áreas funcionais do centro da cidade do Rio de Janeiro. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA, 5., 1982, Porto Alegre. *Anais... Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros*, 1982. p. 457-460.
- JOVIANO, Rômulo. Problemas de abastecimento do Rio de Janeiro em leite e carne. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 432-464, jul./ago. 1960.
- KARIYA, Utako Fujino. *Mizuho: uma colônia de imigrantes japoneses em processo de urbanização.* São Paulo, 1986. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1986.
- KATER, Graça. Reflexões sobre crescimento urbano e organização do espaço geográfico. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS SOBRE CRESCIMENTO URBANO. Comunicações. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1987. p. 33-37.
- KAUPATEZ, Rosmari Zenha. *Ajuda mútua: a participação da população no processo de produção de moradias.* São Paulo, 1986. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1986. 139 p.
- KOSSMANN, Hortense T., RIBEIRO, Miguel Angelo C. Em direção à compreensão das estratégias locais das grandes cadeias de lojas comerciais no espaço urbano: uma análise inicial. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 5., 1982, Porto Alegre. *Anais... Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros*, 1982. p. 351-353.
- _____. Distribuição espacial do comércio varejista no Rio de Janeiro. *Espaço & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 54-66, 1983/1984.
- _____. Análise espacial das cadeias de lojas do comércio varejista no Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 46, n. 1, p. 197-218, jan./mar. 1984. Resumo publicado em: *Anais do 4. Congresso Brasileiro de Geógrafos*, v. 2, n.1. São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1984. p. 418-426.
- KRÖCHER, Hans. *Ein Beitrag zur modernen Stadtgeographie.* Greifswald, 1913. Tese.
- KURKDJIAN, Maria de Lourdes N. Sensoriamento remoto orbital: um instrumento para monitorar o crescimento urbano. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS SOBRE CRESCIMENTO URBANO, 1., 1987, Recife. *Comunicações.* Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1987. p. 405-408.
- LABASSE, Jean. *L'Organisation de l'espace: éléments de géographie volontaire.* Paris: Hermann, 1966. 605 p.
- LA CORTE, Judith de. Abastecimento de São Paulo em produtos hortifrutícolas: problemas e métodos de um estudo. *Boletim Paulista de Geografia*, n. 52, p. 29-53, 1976.
- LACORTE, Maria Helena C. Estrutura espacial do bairro de Copacabana. In: LONDGREN, Carlos Ernesto (Org.). *Leituras em organização espacial.* Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Coordenação dos Programas de Pós-Graduação em Engenharia, PUR, 1975.
- _____, ANDRADE, Fernando M. de. O Rio e o recôncavo da Guanabara. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 2., 1965, Rio de Janeiro. *Roteiros das excursões.* Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1965. p. 29-34.
- _____, SANT'ANNA, Marina N. C. O modelo de Burgess e a organização espacial de dois bairros da zona sul do Rio de Janeiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 3., 1974, Belém. *Comunicações.* Belém: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1974. p. 78-83.

- LAGES, Nina Rosa. Distribuição geográfica das creches no município de Porto Alegre. *Boletim Gaúcho de Geografia*, v. 14, p. 28-42, 1986.
- LANGENBUCH, Juergen Richard. *A estruturação da Grande São Paulo: estudo de geografia urbana*. Rio Claro, 1968. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, 1968. 2 v. Publicado com o título principal, no Rio de Janeiro, pelo IBGE, em 1971.
- _____. O sistema viário da aglomeração paulistana: apresentação geográfica da situação atual. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 2, p. 3-38, abr./jun. 1971.
- _____. A indústria na estrutura urbana de São Paulo - colocação de problemas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 3., 1974, Belém. *Comunicações*. Belém: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1974a. p. 93-94.
- LANGENBUCH, Jurgen Richard. *Os agrupamentos secundários de lojas e serviços em São Paulo (ensaio de determinação, dimensionamento e caracterização geográficas)*. Rio Claro, 1974. Tese (Livre Docência) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, 1974b. 143 p.
- _____. Os vinte e cinco anos da Geografia em Rio Claro. *Revista de Geografia*, Rio Claro, v. 2, p. 1-11, 1983.
- LAVAREDA, José Hesketh. Abastecimento da cidade do Recife em carne e leite. *Boletim Carioca de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1/2. p. 11-26, 1961.
- LAVERDAN, Pierre. *Géographie des Villes*. Paris: Edition de La Nouvelle Révue Française, 1936. Parte deste trabalho foi publicada com o título: Geografia das cidades: evolução das cidades: cidades espontâneas. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 36, p. 1535-1543, 1946.
- LE BOURLEGAT, Cleonice Alexandre. *A cidade de Salesópolis e suas relações com a metrópole*. São Paulo, 1978. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1978. 268 p.
- LEITE, E. Teixeira et al. Veríssimo: o homem, o professor, o geógrafo. *Boletim Carioca de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3/4, p. 36-48, 1955.
- LEMONS, Amália Inês Geraiges de. *Cotia e sua participação no conjunto da faixa periférica da metrópole paulistana*. São Paulo, 1972. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1972. 193 p. Algumas conclusões deste estudo foram publicadas como: Estudos dos processos de metropolização num centro da Grande São Paulo. *Anais do 2. Encontro Nacional de Geógrafos. Comunicações*. Belo Horizonte: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1976. p. 96-98.
- _____. *Um exemplo de processo de metropolização recente na periferia da Grande São Paulo: o município de Itaquaquecetuba*. São Paulo, 1980. Tese (Doutorado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1980. 203 p.
- _____. A pesquisa participante em Geografia: uma linha de ação. Experiência na periferia de São Paulo (Brasil). *Boletim de Geografia Teórica*, Rio Claro, v. 16/17, n. 31/34, p.285-288, 1986/1987.
- LICOCIONI, Sandra. *Agricultura e urbanização: a capitalização no campo e a transformação da cidade*. Jardinópolis, o estudo de um lugar. São Paulo, 1985. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1985. 175 p.
- LEVAINVILLE, Jacques. *Rouen: étude d'une agglomeration urbaine*. Paris: [s. n.], 1913.
- LIBERATO, Pérola Emília. Caracterização e delimitação de centros intra-urbanos. *Boletim de Geografia Teórica*, Rio Claro, v. 3, p. 83-113, 1972. Publicado também em: *Geografia*, Rio Claro, v. 1, n. 1, p. 89-104, 1976.
- LIMA, Diva Medeiros de A. *Abastecimento hortícola de Recife: procedência dos produtos recebidos pela CEASA/PE*. Recife, 1984. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Ciências Geográficas, Universidade Federal de Pernambuco, 1984.

- LIMA, Lúcia Maria C. A. *Industrialização e organização do espaço urbano: o caso de Maceló*. Recife, 1982. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Ciências Geográficas, Universidade Federal de Pernambuco, 1982.
- LIMA, Marisa Davi. *Os conjuntos habitacionais: uma modalidade de ocupação do espaço urbano*. São Paulo, 1980. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1980. 154 p.
- LIMA, Samuel do Carmo. Degradação ambiental da área do aterro sanitário de Londrina. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFOS, 6., 1986, Campo Grande. *Contribuições científicas*. Campo Grande: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1986. p. 71.
- LIMEIRA, José Eduardo R., BAHIANA, Luis Cavalcanti C. Geografia urbana no Brasil: uma proposta de revisão crítica. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 5., 1982, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Associação Geógrafos Brasileiros, 1982. p. 333-334.
- LINS, Rachel Caidas. Alguns aspectos originais do sítio urbano do Recife. In: JATOBÁ, Lucivânio (Org.) *Estudos Nordestinos sobre Crescimento Urbano*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1987. p. 343-352.
- LOJKINE, Jean. *Le marxisme, l'état et la question urbaine*. Paris: Presses Universitaires de France, 1977. Versão em português: O estado capitalista e a questão urbana. São Paulo: Martins Fontes, 1981. 337 p.
- LOMBARDO, Magda Adelaide. *Ilha de calor nas metrópoles: o exemplo de São Paulo*. São Paulo: HUCITEC, 1985. 244 p.
- LÖSCH, August. *The economics of location*. New Haven: Yale University Press, 1954.
- LOURENÇÃO, Mirian Cláudia. As paredes são minhas, mas o chão não - a dinâmica do crescimento de Rio Claro - SP e o poder político. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 5., 1982, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1982. p. 253-260.
- _____. *Coisas da terra: a expansão territorial de Rio Claro*. São Paulo, 1988. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1988. 302 p.
- LOWE, Stuart. *Urban social movements: the city after Castells*. Londres: Macmillan, 1986. 211 p.
- LUMMERTZ, Maria das Graças de O. Organização espacial da cidade de Guarabira - PB. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 4., 1980, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1980. p. 435-436.
- MACHADO, Ewerton Vieira. Barão de Maruin: uma via de circulação em expansão. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 5., 1982, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1982. p. 363-364.
- _____. *Aracaju: paisagens e fetiches, abordagens acerca do processo de seu crescimento urbano recente*. Florianópolis 1989. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, 1989. 282 p.
- MACHADO, Lirian G., NUNES, Elias. A ocupação do espaço urbano no conjunto Candelária. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 6., 1986, Campo Grande. *Anais...* Campo Grande: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1986. p. 122.
- MACHADO, Lucy Marion C. P., OLIVEIRA, Livia de. Como adolescentes percebem geograficamente o espaço através de pré-mapas e mapas. *Geografia*, Rio Claro, n. 9/10, p. 49-66, 1980.
- MACIEL, Angelo Dias, ALBANI, Vicente. A expansão atual da faixa pioneira urbana a noroeste do Rio de Janeiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA, 2., 1965, Rio de Janeiro. *Resumos de teses e comunicações*. Rio de Janeiro: Delta, 1965. p. 82-83.
- MADRUGA, Ana Glória C. *Mudança de ventos: redistribuição das funções no espaço de uma comunidade pesqueira*. Lucena, Paraíba. São Paulo, 1985. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1985. 133 p.
- MAGALHÃES, Erasmo d'Almeida. Praia Grande e Mongaguá. In: AZEVEDO, Aroldo de (Coord). *A Baixada Santista - aspectos geográficos*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1965. v. 3: p. 65-77.

- MAGALHÃES FILHO, José César de. O porto de Paranaguá. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, n. 14, p. 141-185, 1960/1962.
- _____. Lenha e carvão vegetal para o Estado da Guanabara. *Boletim Carioca de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1/2, p. 27-60, 1961.
- _____. A função industrial em Petrópolis. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 2., 1965, Rio de Janeiro. *Resumo de teses e comunicações*. Rio de Janeiro: Delta, 1965. p. 54-56.
- _____. A função industrial. In: DUARTE, Aluizio C. (Coord.). *A área central da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IBGE, 1967. p. 93-96.
- _____. O porto: fator de expansão da cidade. In: CURSO de Geografia da Guanabara. Rio de Janeiro: IBGE, 1968. p. 27-44.
- MAGNANINI, Ruth L. da Cruz. A função cultural. In: DUARTE, Aluizio C. (Coord.). *A área central da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IBGE, 1965a. p. 103-113.
- _____. A função recreativa. In: DUARTE, Aluizio C. (Coord.). *A área central da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IBGE, 1967b. p. 115-122.
- MAGUILNIK, Raquel. Gestão do espaço metropolitano. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 6., 1986, Campo Grande. *Anais...* Campo Grande: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1986. p. 147.
- MAIO, Celeste Rodrigues, MOCELLIN, Rachel S.J. Paula Mattos, uma comunidade italiana do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 1, p. 99-135, jan./mar. 1974. Publicado de forma resumida em: Lindgren, Carlos Ernesto (Org.). *Leituras em organização espacial*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Coordenação de Pós-Graduação em Engenharia, 1974. p. 140-166.
- MAMIGONIAN, Armen. A indústria em Brusque (Santa Catarina) e suas conseqüências na vida urbana. *Boletim Carioca de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3/4, p. 46-82, 1960.
- _____. Notas sobre a geografia urbana brasileira. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 3., 1978, Fortaleza. *Sessões Dirigidas*. Fortaleza: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1978. p. 31-36. Transcrito em: SANTOS, Milton (Org.). *Novos rumos da geografia brasileira*. São Paulo: HUCITEC, 1982. p. 202-208.
- MAPA econômico da Guanabara, Rio de Janeiro: Secretaria de Economia, 1969. 2 v.
- MARCOLINI, Deborah. A função político-administrativa. In: DUARTE, Aluizio C. (Coord.). *A área central da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IBGE, 1967. p. 73-75.
- MARCON, Maria Teresinha R. et al. Patologia urbana: favelização no aglomerado urbano de Florianópolis. *Geosul*, v. 2, n. 4, p. 53-64, 1987.
- MARICATO, Ermínia. *A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial*. São Paulo: Alfa-Omega, 1979. 166 p.
- MARTIN, André Roberto. Aspectos da crise urbana: a destruição do bairro do Brás em São Paulo. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 4., 1980, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1980. p. 145-151.
- _____. *Problemas de abordagem no estudo geográfico do fenômeno urbano*. Teoria e método da geografia (Borrador n. 1). São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros/Secção local São Paulo, 1982.
- _____. *O bairro do Brás e a "deterioração urbana"*. São Paulo, 1984. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1984. 189 p.
- MARTINS, Angela Maria M. *O parcelamento da terra no município de Maricá, estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 1986. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1986. 160 p.
- MARTINS, Gilda Campos I. de S. Contribuição ao estudo da estrutura interna da área metropolitana do Rio de Janeiro. O caso de Xerém (Duque de Caxias). *Boletim Carioca de Geografia*, Rio de Janeiro, n. 23, p. 109-126, 1972.

- MARTINS, José de Souza. *Sobre o modo capitalista de pensar*. São Paulo: HUCITEC, 1978. 82 p.
- MASSENA, Rosa Maria R. Nota prévia sobre relações entre o valor da terra e a expansão urbana do Rio de Janeiro: In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 3., 1974, Belo Horizonte. *Comunicações*. Belo Horizonte: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1974. p. 112-113.
- _____. O impacto do metrô sobre a alocação dos recursos públicos em infraestrutura urbana no estado do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 45, n. 1, p. 111-122, jan./mar. 1983.
- _____. A distribuição espacial da criminalidade violenta na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v.48, n. 3, p. 285-330, jul./ago. 1986.
- MASSEY, Dorren. New directions in space. In: GREGORY, Derek, URRY, John (Orgs.). *Social relations and structures*. Londres: Macmillan, 1985. p. 9-19.
- MATOS, Odilon Nogueira de. Jaboticabal: rápido estudo de um centro urbano. *Revista do Arquivo Municipal [de] São Paulo*, São Paulo, v. 78, p.59-78, 1942. Também publicado em: Anais do 9. Congresso Brasileiro de Geografia, 1940, Florianópolis. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1944. v. 3: p. 615-625.
- _____. São Paulo no século XIX. In: AZEVEDO, Aroldo de (Coord.). *A cidade de São Paulo*. São Paulo: Nacional, 1958. v. 2: p. 49-100.
- MATSUMOTO, Shirley Y., SANCHES, Sônia B. Comércio e prestações de serviços no setor informal: Londrina. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 6., 1986, Campo Grande. *Anais...* Campo Grande: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1986. p. 126.
- MATTOS, Dirceu Lino de. Principais aspectos da geografia urbana de Belo Horizonte. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, v.4, n. 2, p.7-35, 1949/1950.
- _____. O parque industrial paulistano. In: AZEVEDO, Aroldo de (Coord.). *A Cidade de São Paulo*. São Paulo: Nacional, 1958. v. 3: p. 5-96.
- MAUNIER, René. *L'origine et la fonction économique des villes*. Étude de morphologie sociale. Paris: Giard et Brière, 1910. 325 p.
- MAURO, Cláudio A. de, SANCHEZ, Miguel C. Expansão de sítios urbanos: o descaso para as condições geo-ambientais: conjunto residencial Nosso Teto - Rio Claro, SP. *Boletim de Geografia Teórica*, Rio Claro, v. 16/17, n. 31/34, p. 240-246, 1986/1987.
- MAYER, Harold H. Geography in city and regional planning. *The Professional Geographer*, v. 7, n. 1, p. 7-12, 1954.
- MEDEIROS, Ana Maria S., SOUSA, Stélio E. Excursão pela cidade de Belém e seus arredores - aspectos morfológicos da cidade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 3., 1974, Belém. *Excursões*. Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros: IBGE, 1974. p. 1-7.
- MEDEIROS, Diva B. Guanujá. In: AZEVEDO, Aroldo de (Coord.). *A Baixada Santista: aspectos geográficos*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1965b. v. 3: p. 113-152.
- _____. Bertioga. In: AZEVEDO, Aroldo de (Coord.). *A Baixada Santista: aspectos geográficos*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1965b. v. 3: p. 153-174.
- MELCHIORS, Celetista et al. Um estudo de pequenas cidades: o caso de Mata. *Geografia - ensino e pesquisa*, Santa Maria, n. 2, p.105-129, 1988.
- MELLO, João Baptista F. de. A transformação espacial do bairro do Catumbi (RJ) - dos laços de amizade aos laços de concreto. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 6., 1986, Campo Grande. *Anais...* Campo Grande: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1986. p. 134.
- _____. A organização espacial da cidade do Rio de Janeiro vista pelos compositores da música popular brasileira. *Boletim de Geografia Teórica*, Rio Claro, v. 16/17, n. 31/34, p.203-206, 1986/1987. Resumo publicado em: Anais do 6. Encontro Nacional de Geógrafos. Contribuições científicas. Campo Grande: Associação dos Geógrafos Brasileiros. p. 139.

- MELLO, Nilo David Coelho. Oferta de imóveis para aluguel: uma contribuição para o estudo de processo sócio-espaciais: In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 3., 1978, Fortaleza. *Comunicações*. Fortaleza: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1978. p. 295-300.
- _____. Diferenciação residencial e classes sociais na cidade do Rio de Janeiro In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 4., 1980, Rio de Janeiro. *Anais...Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros*, 1980. p. 118-127.
- _____. *Mobilidade residencial na cidade do Rio de Janeiro: um estudo de estratificação sócio-espacial*. Rio de Janeiro, 1981. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1981. 151 p.
- MELO, Mário Lacerda de. *Pernambuco: traços de sua geografia humana*. Recife: Oficinas Gráficas do Jornal do Comércio, 1940. 181 p. Tese de concurso à cátedra de Geografia do Ginásio Pernambucano.
- _____. Tipos de localização de cidades em Pernambuco. *Boletim Carioca de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3/4, p. 5-33, 1958.
- _____. Os problemas do estudo das metrópoles brasileiras. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, n. 12, p. 119-129, 1958/1959.
- _____. *Metropolização e subdesenvolvimento: caso do Recife*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1978.
- MENDES, Auro A., SAMPAIO, Sílvia S. Dinâmica locacional intra-urbana das indústrias: o caso da cidade de Rio Claro, SP. *Geografia*, Rio Claro, v. 12, n. 24, p.61-84, 1987.
- MENDES, César Miranda. *A terra urbana palmense no seu processo de (re)construção*. Rio Claro, São Paulo, 1988. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, 1988. Um resumo deste trabalho foi publicado com o mesmo título em: *Boletim de Geografia Teórica*, Rio Claro, v. 18, n. 35/36, p. 75-86, 1988.
- MENDES, Renato da Silveira. Os bairros da zona norte e os bairros orientais. In: AZEVEDO, Aroldo de (Coord.). *A Cidade de São Paulo*. São Paulo: Nacional, 1958a. v. 3: p. 183-256.
- _____. Os bairros da zona sul e os bairros ocidentais. In: AZEVEDO, Aroldo de (Coord.). *A Cidade de São Paulo*. São Paulo: Nacional, 1958b. v. 3: p. 257-364.
- MENDONÇA, Francisco de Assis et al. O comércio ambulante em Goiânia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 4., 1984, São Paulo. *Anais...São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros*, 1984. p. 167-176.
- MERINO, Graça Maria Ferreira. *Nazaré Paulista e suas relações com a região bragantina e a Grande São Paulo*. São Paulo, 1976. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1976. 247 p.
- MESQUITA, Myriam Gomes C. Aspectos geográficos do abastecimento do Distrito Federal em gêneros alimentícios de base. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 165-189, abr./jun. 1959. Publicado também em: *Boletim Carioca de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1/2, p. 40-65, 1959. Transcrito em: *Aspectos da Geografia Carioca*. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1962. p. 225-243.
- MESQUITA, Olindina V., SILVA, Solange T. A indústria na orla litorânea ocidental da baía e nos velhos eixos rodoviários da Guanabara. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 2., 1965, Rio de Janeiro. *Roteiros das Excursões*. Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1965. p. 45-52.
- MIRANDA, Luiz G., NEVES, Gervásio R. Estrutura da distribuição dos equipamentos locais no espaço urbano. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 2., 1976, Belo Horizonte. *Comunicações*. Belo Horizonte: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1976. p. 35-42.
- MIRANDA, Marlana Helena S. P. de. Organização espacial de uma área periférica da metrópole: Barra da Tijuca. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 3., 1974, Belém. *Comunicações*. Belém: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1974. p. 95-100.
- _____. Baixada de Jacarepaguá - observações sobre a organização do espaço na Barra da Tijuca. In: LINDGREN, Carlos Ernesto (Org.). *Leituras em organização espacial*. Rio de Janeiro: Universidade

- Federal do Rio de Janeiro, Coordenação dos Programas de Pós-Graduação em Engenharia, 1975. p. 90-139.
- MIRANDA, Mariana Helena S. P. de. *Expansão periférica da metrópole carioca: análise dos padrões residenciais na Barra da Tijuca e Jacarepaguá*. Rio de Janeiro, 1977. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1977. 171 p. Este trabalho foi parcialmente publicado com o título: Crescimento periférico da cidade do Rio de Janeiro: padrões espaciais da ocupação residencial, na Revista Brasileira de Geografia, v. 42, n. 2, p. 265-309, 1980. Resumo publicado em: Anais do 3. Encontro Nacional de Geógrafos. Comunicações. Fortaleza: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1978. p. 311-314.
- MIZUBUTI, Satiê. *Itaboraí: estudos de geografia urbana*. São Paulo, 1972. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1972. 82 p.
- _____. Considerações em torno do estudo do espaço urbano. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 5., 1982, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1982. p. 75-84.
- _____. Movimento associativo de bairro em fins dos anos 70 em Niterói - RJ. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 6., 1986, Campo Grande. *Contribuições científicas*. Campo Grande: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1986. p. 33.
- _____. *O movimento associativo de bairro em Niterói (RJ)*. São Paulo, 1987. Tese (Doutorado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1987. 291 p.
- MOCELLIN, Rachel Silvia J. *Percepção do meio urbano: o caso do Grande Rio*. Rio de Janeiro, 1977. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1977. 222 p.
- MOISÉS, José Álvaro. *Cidade, povo e poder*. Rio de Janeiro: Centro de Estudo de Cultura Contemporânea: Paz e Terra, 1982. 199 p.
- _____. MARTINEZ-ALIER, Verena. *Contradições urbanas e movimentos sociais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra: Centro de Estudo de Cultura Contemporânea, 1978.
- MOLD, Zilá Mesquita. *Padrões de localização industrial na área Metropolitana de Porto Alegre*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, 1975. 251 p.
- _____. Considerações preliminares sobre poder e conflito no uso do solo metropolitano. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 3., 1978, Fortaleza. *Comunicações*. Fortaleza: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1978. p. 293-294.
- _____. O uso do solo: uma questão de política pública urbana. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 5., 1982, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1982. p. 92-95.
- MONBEIG, Pierre. Algumas observações sobre Marília, cidade pioneira. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, n. 78, p. 221-230, 1941a. Também publicado em: Anais do 9. Congresso Brasileiro de Geografia, 1940, Florianópolis. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1944. p. 604-614.
- _____. O estudo geográfico das cidades. *Revista do Arquivo Municipal [de] São Paulo*, v. 7, n. 73, 1941b. Transcrito em: Boletim Geográfico, v. 1, n. 7, p. 7-29, 1943, e em: MONBEIG, Pierre. *Novos estudos de geografia humana brasileira*. São Paulo: DIFEL, 1957. p. 33-77. Postfácio do autor.
- _____. Assembléia Geral da Associação dos Geógrafos Brasileiros. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, v. 4, n. 38, p. 119-121, 1946.
- _____. *Pionniers et planteurs de São Paulo*. Paris: A. Colin, 1952. 376 p. Versão em português: Pioneiros e plantadores de São Paulo. São Paulo: HUCITEC/Polis, 1984. 392 p.
- _____. Aspectos geográficos do crescimento da cidade de São Paulo. *Boletim Paulista de Geografia*. São Paulo, n. 16, p. 3-29, 1954. Publicado originalmente em: O Estado de São Paulo em 25/1/1954. Transcrito em: Boletim Geográfico, v. 12, n. 119, p. 139-153, 1954, e em: MONBEIG, Pierre. *Novos estudos de geografia humana brasileira*. São Paulo: DIFEL, 1957. p. 78-104.

- MONTEIRO, Carlos Augusto Figueiredo. *Teoria e clima urbano*. São Paulo, 1976. Tese (Livre Docência) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1976. 181 p. Publicado com o mesmo título. São Paulo: Universidade de São Paulo, Instituto de Geografia, 1976. 181 p.
- _____. *A Geografia no Brasil (1934-1977): avaliação e tendências*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Instituto de Geografia, 1980. 157 p.
- _____. *A questão ambiental no Brasil (1960-1980)*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Instituto de Geografia, 1981. 135 p.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. A geografia tradicional e sua renovação. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 4., 1980, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1980. p. 306-319.
- _____. *Geografia: pequena história crítica*. São Paulo: HUCITEC, 1983. 138 p.
- MOREIRA, Amélia Alba Nogueira. À cidade de Teresina. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, v. 31, n. 230, p. 3-185, 1972.
- MOTTANA, Carlos Eugênio. *Geografia e planejamento: o exemplo de Serra Negra*. São Paulo, 1981. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1981. 267 p.
- MÜLLER, Nice Lecocq. Uma vila do litoral paulista: Icapara. *Boletim Paulista de Geografia*, n. 1, p. 22-30, 1949a.
- _____. Oxford. Cidade de ontem e de hoje: primeiras observações. *Boletim Paulista de Geografia*. São Paulo, n. 2, p. 19-31, 1949b.
- _____. Campina Grande: notas de geografia urbana. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 9-34, 1951/1952.
- _____. Função econômica da cidade de Sorocaba. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA, 10., 1944, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1952. v. 3: p. 343-389.
- _____. Em menos de um século, a cidade de São Paulo viu alterar-se profundamente sua fisionomia urbana - fotografia e comentários. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 16, p. 75-85, 1954.
- _____. Contribuição ao estudo do norte do Paraná. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 22, p. 55-97, 1956.
- _____. A área central da cidade. In: AZEVEDO, Aroldo de (Coord.). *A cidade de São Paulo*. São Paulo: Nacional, 1958. v. 3: p. 121-182.
- _____. *A região de São Gabriel*. São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1962. Avulso n. 4.
- _____. Taubaté: estudo de geografia urbana. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 71-109, jan./mar. 1965.
- _____. *Contribuição ao estudo do fato urbano e da organização do espaço no vale do Paraíba, estado de São Paulo*. São Paulo, 1967. Tese (Livre Docência) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1967. 375 p. Publicada como: *O fato urbano na bacia do rio Paraíba: estado de São Paulo*. Rio de Janeiro: IBGE, 1969.
- _____. Evolução e estudo atual dos estudos de geografia urbana no Brasil. In: SIMPÓSIO DE GEOGRAFIA URBANA, 1966, Buenos Aires. Rio de Janeiro: Instituto Panamericano de Geografia e História, 1968. p. 13-58. Publicado também em: *Boletim Geográfico [do] IBGE*, v. 28, n. 209, p. 28-64, 1969.
- _____. *Jequié: estudo de geografia urbana*. São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1970. 80 p. (Avulso n. 7).
- _____. Excursão à cidade de Manaus. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 3., 1974, Belém. *Excursões*. Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros: IBGE, 1974. p.79-106.
- _____. Demographic growth and urban expansion in the Metropolitan Area of São Paulo. In: UNIÃO GEOGRÁFICA INTERNACIONAL/Grupo de Trabalho sobre Grandes Metrôpoles do Mundo. *Anais do 1. Seminário*, 1982, Brasília/Rio. Rio de Janeiro: UGI, 1983. p. 195-198.

- MÜLLER, Nice Lecocq. O problema da degradação ambiental pelo parcelamento inadequado do solo na Região Metropolitana de São Paulo. In: JATOBÁ, Lucivânio (Org.). *Estudos Nordestinos sobre Crescimento Urbano*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1967. p. 121-126.
- MÜLLER FILHO, Ivo Lauro. A propósito das pequenas unidades de análise em geografia urbana: a unidade de vizinhança como realidade geográfica intra-urbana. *Geografia*, Rio Claro, v. 10, n. 19, p. 61-89, 1985.
- NAKAGAWARA, Yoshiya. Jardim do Sol: uma vila periférica de Londrina (um estudo de geografia urbana). *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, n. 18, p. 279-298, 1973.
- _____. ZIOBER, Denise Maria. Questões e metodologia sobre o uso do solo urbano em Londrina (1970/1981) In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 5., 1982, Porto Alegre. *Anais...Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros*, 1982. p. 468-469.
- NATAL, Marília Carneiro. Difusão da inovação supermercados no Rio de Janeiro: um projeto de pesquisa. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 3., 1978, Fortaleza. *Comunicações*. Fortaleza: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1978. p. 266-269.
- _____. O espaço das grandes organizações financeiras: uma proposta de estudo. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 5., 1982, Porto Alegre. *Anais...Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros*, 1982. p. 492-495.
- NEVES, Gervásio Rodrigo. Estrutura urbana e apropriação do solo. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 3., 1978, Fortaleza. *Comunicações*. Fortaleza: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1978. p. 289-292.
- _____. Geografia política: estrutura urbana e poder. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 5., 1982, Porto Alegre. *Anais...Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros*, 1982a. p. 339-340.
- _____. Alimentação ou ração? A questão alimentar nos centros metropolitanos. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 5., 1982, Porto Alegre. *Anais...Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros*, 1982b. p. 341-342.
- OBERHUMMER, Eugen. Der Stadtplan, seine Entwicklung und geographische Bedeutung. *Verhandlungen des XVI deutschen Geographentages zu Nürnberg*, 1907. Berlin, 1907. p. 66-101.
- OLIVEIRA, Antônia Fernanda C. C. *Complexo Industrial de Sines: impactos e avaliações*. Rio de Janeiro, 1987. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1987. 128 p.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. A lógica de especulação imobiliária. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, v. 55, p. 75-92, 1978. Transcrito em: MOREIRA, Ruy (Org.). *Geografia: teoria e crítica*. Petrópolis: Vozes, 1982. p.131-146.
- _____. É possível uma "geografia libertadora" ou será necessário uma praxis transformadora? Reflexões iniciais (I). *Território Livre*, n. 1, p. 25-31. Também publicado na: Revista Vozes, v. 74, n. 4, p. 13-18, 1980. (Número especial sobre Geografia e Sociedade).
- OLIVEIRA, Christian D. M. de. O processo de terciarização do espaço metropolitano. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 6., 1986, Campo Grande. *Contribuição científica*. Campo Grande: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1976. p. 148.
- OLIVEIRA, Lúcia de. Os serviços de alojamento. In: DUARTE, Aluizio C. (Coord.). *A área central da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IBGE, 1967a. p. 133-140.
- _____. Os serviços de alimentação. In: DUARTE, Aluizio C. (Coord.). *A área central da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IBGE, 1967b. p. 141-144.
- OLIVEIRA, Márcio de, RAMIRES, Júlio César L. Algumas notas sobre o significado dos Projetos Rio e Imobiliário na organização do espaço suburbano. *Espaço & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 67-70, 1983/1984.
- OLIVEIRA, Maria Niedja Leite de. *Embú e sua participação no conjunto da faixa periférica da metrópole paulistana*. São Paulo, 1972. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1972. Resumo publicado em: *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, n. 18, p. 284-286, 1973.

- OLIVEIRA, Marília L. Peluso de. *O mercado imobiliário urbano na periferia do Distrito Federal: um estudo de caso - a cidade Ocidental*. Brasília, 1983. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, 1983.
- _____. *Contradições e conflitos no espaço de classes: centro versus periferia*. In: PAVIANI, Aldo (Org.) *Urbanização e metropolização: a gestão dos conflitos em Brasília*. Brasília: Universidade de Brasília, 1987. p. 125-144.
- OLIVEIRA, Zuleika L. C., VIANNA, Márcia C. Segadas. Trabalho feminino e a situação familiar da mulher nas áreas metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Recife. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 50, n. 2, p. 5-48, 1988.
- O'NEILL, Maria Mônica V. C. *Segregação residencial: um estudo de caso no Rio de Janeiro*. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 5., 1982, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1982. p. 365-366.
- _____. *Segregação residencial: um estudo de caso*. Rio de Janeiro, 1983. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1983. 173 p. Um resumo deste trabalho foi publicado com o título: Condomínios exclusivos: estudo de caso, na *Revista Brasileira de Geografia*, v. 48, n. 1, p. 63-81, 1986.
- _____. NATAL, Marília Carneiro. Modalidade residencial: alguns comentários. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 50, n. 2, p. 125-131, abr./jun. 1988. Resumo publicado em: *Anais do 6. Encontro Nacional de Geógrafos. Contribuições científicas*. Campo Grande: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1986. p. 152.
- PACHECO, Cláudia B., AZEVEDO, Dagmar B. A favela de Brasília Teimosa: os efeitos da dominação no espaço. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 5., 1982, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1982. p. 396-398.
- _____. *Crescimento urbano da cidade de Natal*. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS SOBRE CRESCIMENTO URBANO, 1., 1987, Recife. *Comunicações*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1987. p. 47-54.
- PACHECO, Susana Mara Miranda. *Produção e reprodução de loteamento na periferia do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 1984. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1984. 218 p.
- PAES, Maria Tereza D. *Crescimento populacional e desigualdades nas áreas urbanas*. *Revista de Geografia da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho*, Rio Claro, v. 4, p.75-78, 1985.
- PANTALEÃO, Olga. A cidade de Catanduva. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA, 9., 1940, Florianópolis. *Anais...* Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1944. v. 3: p. 599-609.
- PANTOJA, Maria Aparecida. Estudo funcional de um centro urbano: a cidade de Casa Branca. *Revista do Arquivo Municipal [de] São Paulo*, n. 84, p. 25-51, 1942. Também publicado em: *Anais do 9. Congresso Brasileiro de Geografia*, 1940, Florianópolis. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia. v. 3: p. 566-585.
- PARAGUASSU, Marcos et al. *Invasões, produto e consumo do espaço urbano: caso de Salvador*. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 5., 1982, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1982. p. 373-382.
- PASCHOAL, Wanda. *As inundações no Cambuci: percepção e reação do habitante e usuário de uma área central da metrópole a um de seus problemas mais sérios*. São Paulo, 1981. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1981. 159 p.
- PAVIANI, Aldo. *Mobilidade intra-urbana e organização espacial: o caso de Brasília*. Belo Horizonte, 1977. Tese (Livre Docência) - Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, 1977.
- _____. *Tópicos para um sistema de planejamento urbano*. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 3., 1978, Fortaleza. *Comunicações*. Fortaleza: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1978a. p. 327-330.
- _____. *Problemas e perspectivas do crescimento populacional em Brasília*. *Urbis*, Recife, v. 1, n. 2, p. 12-19, 1978b.
- _____. *Algumas tendências da abordagem geográfica no estudo de cidades*. *Boletim de Geografia Teórica*, Rio Claro, v. 8, n. 16, p. 7-23, 1978c.

- PAVIANI, Aldo. Brasília anos 80: uma visão geográfica da organização urbana. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 42, n. 4, p. 897-909, out./dez. 1980.
- _____. Brasília - vinte anos - crise e alternativas. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 4., 1980, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1980b. p. 133-144. Publicado em: *Ciência e Cultura*, v. 33, n. 4, p. 530-534, 1981.
- _____. Urban development in Brasília: from the plano piloto to a multinucleated city. In: UNIÃO GEOGRÁFICA INTERNACIONAL, Conferência Regional Latino-Americana, 1. *Brazilian Geographical Studies*, [S. l.: s. n.], 1982. p. 165-178.
- _____. Periferização urbana ao sul do Distrito Federal: o caso do "Pedregal", Luziânia (GO). *Boletim de Geografia Teórica*, Rio Claro, v. 14, n. 27/28, p. 5-19, 1984a. Versão adaptada, publicada como: Periferização Urbana em: PAVIANI, Aldo. (Org.). *Urbanização e metropolização: a gestão dos conflitos em Brasília*. Brasília: Universidade de Brasília, 1987. p. 33-39.
- _____. Geógrafo em atividade de planejamento urbano: Projeto Águas Claras, Distrito Federal. *Geografia*, Rio Claro, v. 9, n. 17/18, p. 81-100, 1984b. Publicado com o título: O Projeto Águas Claras: planejamento desperdiçado, em: PAVIANI, Aldo. Brasília: a metrópole em crise. Brasília: Universidade de Brasília, 1989. p. 73-98. Ver também: *Anais do 4. Congresso Brasileiro de Geógrafos*, v. 2, n. 2. São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros. p. 288-300.
- _____. A metrópole terciária. In: PAVIANI, Aldo. (Org.). *Brasília: ideologia e realidade*. São Paulo: Projeto, 1985. p. 57-79.
- _____. La urbanización en América Latina: el proceso de constitución de periferias en las áreas metropolitanas. *Revista Interamericana de Planificación*, México, v. 19, n. 73, p. 74-95. Reproduzido em: *Revista Humanidades*, Brasília, n. 13, p. 106-114, 1987.
- _____. Processo de periferização e pobreza urbana: uma abordagem. *Boletim de Geografia Teórica*, Rio Claro, v. 16/17, n. 31/34, p. 217-225, 1986/1987. Transcrito em: PAVIANI, Aldo. Brasília: a metrópole em crise. Brasília: Universidade de Brasília, 1989. p. 29-40.
- _____. Crescimento urbano. Questões em escala intra-metropolitana. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS SOBRE CRESCIMENTO URBANO, 1., 1987. *Comunicações*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1987. p. 27-31.
- _____. Brasília: metropolização com periferização. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 40, n. 11, p. 1092-1098, 1988.
- _____. Terra urbana para especular. In: PAVIANI, Aldo. *Brasília: a metrópole em crise*. Brasília: Universidade de Brasília, 1989a. p. 41-45.
- _____. Expansão urbana de Brasília. In: PAVIANI, Aldo. *Brasília: a metrópole em crise*. Brasília: Universidade de Brasília, 1989b. p. 47-50.
- _____. Metropolização: rumo à periferia. In: PAVIANI, Aldo. *Brasília: a metrópole em crise*. Brasília: Universidade de Brasília, 1989c. p. 51-61.
- _____. Brasília: as duas faces da capital. In: PAVIANI, Aldo. *Brasília: a metrópole em crise*. Brasília: Universidade de Brasília, 1989d. p. 63-72.
- _____. Questões a respeito do planejamento urbano em Brasília. In: PAVIANI, Aldo. *Brasília: a metrópole em crise*. Brasília: Universidade de Brasília, 1989e. p. 99-105.
- _____. BARBOSA, Ignez Costa. Migração-problema e crescimento urbano no Distrito Federal Brasileiro. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 32, n.235, p. 5-15, 1973.
- _____. Cidades satélites: organização do espaço urbano no Distrito Federal. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 242, p. 31-39, 1974.
- _____. FERREIRA, Ignez C. B. Brasília: organização interna da cidade. *Revista Brasileira de Planejamento*, n. 4, p. 55-61, 1977.
- _____. Urban poverty in Brazil. In: BECKER, Bertha K. et al. (Org.). *Brazil: Spatial organization a contribution to the 24th International Geographical Congress - Tokyo, 1974*. Rio de Janeiro: IBGE, 1980. p. 415-457.

- PAZERA JUNIOR, Eduardo. A ilha de calor da cidade: fatores e atributos. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, v. 34, n. 249, p. 51-57, 1976.
- _____. As relações cidade-campo em Cajazeiras, PB. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 3., 1978, Fortaleza. *Comunicações*. Fortaleza: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1978. p. 241-244.
- _____. *Caieiras*: um município da faixa periférica da metrópole paulistana. São Paulo, 1982. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1982. 205 p.
- _____, BERNARDES, Laura Regina M. Antigas capitais do café do Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 242, p. 88-102, 1974.
- PEGAlA, Uyvão Antonio. *A rede bancária da cidade de São Paulo*. São Paulo, 1965. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1965. 220 p.
- _____. Estudo geográfico dos cemitérios de São Paulo. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, v. 44, p. 103-120, 1967.
- PELUSO JUNIOR, Victor A. Duas vilas no estado de Santa Catarina. *Boletim Carioca de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 5/6, p. 5-15, 1948.
- _____. A vila de Ituporanga. *Boletim Geográfico [do] Departamento de Geografia e Cartografia [de] Santa Catarina*, v. 2, n. 3, p. 1-39, jan. 1948. Continuação do artigo no v.3, n. 5, p. 16-36, jan. 1949.
- _____. Ponte Alta - uma vila no planalto de Lajes, no estado de Santa Catarina. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA, 10., 1944, Rio de Janeiro. *Anais...*Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1952a. p. 3-18.
- _____. Lajes, a rainha da serra. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA, 10., 1944, Rio de Janeiro. *Anais...*Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1952b. p. 3-136.
- _____. Tradição e plano urbano: cidade portuguesas e alemãs no estado de Santa Catarina. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, v. 14, n. 133, p. 325-357, 1953.
- PENTEADO, Antonio Rocha. Belém do Pará: primeiros estudos. *Anuário da Faculdade de Filosofia Sedes Sapientiae (1948-1949)*, p. 57-69, 1949.
- _____. Belém, metrópole da Amazônia: fotografia e comentários. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 9, p. 65-74, 1951.
- _____. Contribuição ao estudo da região suburbana de São Paulo. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 207-259, 1954/1955. Publicado com ligeiras modificações, e com o título: Os subúrbios de São Paulo e suas funções, em: AZEVEDO, Aroldo de (Org.). *A Cidade de São Paulo*. São Paulo: Nacional, 1958. v. 4: p. 5-60.
- _____. Aix-en-Provence, uma cidade do mediterrâneo francês. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 30, p. 13-30, 1958a.
- _____. A área suburbana de São Paulo e sua caracterização. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, n. 12, p. 207-215, 1958/1959.
- _____. A ilha de São Vicente. In: AZEVEDO, Aroldo de (Coord.). *A Baixada Santista: aspectos geográficos*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1965. v. 3: p. 11-19.
- _____. *Belém do Pará*: estudo de geografia urbana. São Paulo, 1966. Tese (Livre Docência) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1966. 139 p. Publicada também pela: Universidade Federal do Pará, 1968. 2 v.
- _____. PETRONE, Paquale. São Caetano do Sul e Osasco, subúrbios industriais. In: AZEVEDO, Aroldo de (Coord.). *A Cidade de São Paulo*. São Paulo: Nacional, 1958. v. 4: p. 61-107.
- PEREIRA, Jose Veríssimo da Costa. Vitória, a cidade e o porto. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 20, p. 1193-1197, 1944. Continuação no: v. 2, n. 21. p. 1198-1203, 1944.

- PEREIRA, Paulo César Xavier. Espaço, sociedade e renda da terra. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 5., 1982, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1982. p. 406-422.
- PERIDES, Paulo Pedro. *Dois Córregos: um exemplo de centro local*. São Paulo, 1971. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1971. 156 p.
- PESSANHA, Stela de Sousa. *Um centro urbano - Campos*. Campos: S. S. Pessanha, 1941. 33 p. Tese de concurso à cátedra do Instituto de Educação de Campos.
- PETRONE, Pasquale. Ensaio sobre a função industrial de São Paulo. *Paralelos*, São Paulo, n. 6, 1947.
- _____. Anotações para um estudo da cidade de Santos: evolução histórico-espacial. *Filosofia, Ciência e Letras [da] Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 12, n. 10, 1948a.
- _____. Breve estudo sobre o sítio urbano de São Paulo. *Filosofia, Ciências e Letras [da] Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 12, n. 12, 1948b.
- _____. Aspectos geográficos e problemas da região de Corumbataí. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 91-113, 1951/1952. Transcrito em: *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, v. 11, 1952, p. 3-32.
- _____. As indústrias paulistanas e os fatores de sua expansão. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 14, 1953.
- _____. Crato, "capital" da região do Cariri. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 20, p. 31-55, 1955.
- _____. O homem paulista. *Boletim Paulista de geografia*, São Paulo, n. 23, p. 39-77, 1956.
- _____. São Paulo no século XX. In: AZEVEDO, Aroldo de (Coord.). *A Cidade de São Paulo*. São Paulo: Nacional, 1958, v. 2: p. 101-165.
- _____. Notas sobre o fenômeno urbano no Brasil. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, v. 12, p. 149-169, 1958/1959.
- _____. A região de São Luís do Paraitinga: estudo de geografia humana. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 239-335, jul./set. 1959.
- _____. *A baixada do Ribeira: estudo de geografia humana*. São Paulo, 1961. Tese (Doutorado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1961. 442 p. Publicada também pela: Universidade de São Paulo em 1966. Parte deste trabalho foi publicado como: Aspectos dos quadros urbanos da Baixada do Ribeira, SP, no *Boletim Paulista de Geografia*, n. 38, p. 21-37, 1961.
- _____. *Pinheiros: aspectos geográficos de um bairro paulistano*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1963. 196 p.
- PHILIPPONEAU, Michel. *Geographie et action: introduction à la géographie appliquée*. Paris: Armand Colin, 1960. 227 p. Versão em português: *Geografia e acção: introdução à geografia aplicada*. Lisboa: Cosmos, 1964. 303 p.
- PIERSON, Donald. O estudo da cidade. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 8, p. 51-55, 1943.
- _____. (Org.). *Estudos de ecologia humana*. São Paulo: Martins, 1948. t. I: 595 p.
- PINCHEMEL, Philippe. Geographers and the city: a contribution to the history of urban geography in France. In: PATTEN, John (Org.). *The Expanding City: essays in honour of Professor Jean Gottmann*. London: Academic Press, 1983. p. 295-318.
- PINHEIRO, Antonio Carlos F. Urbanização e segurança pública na Região Metropolitana do Recife. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS SOBRE CRESCIMENTO URBANO, 1., 1987. *Comunicações*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1987. p. 241-247.
- _____. *A organização espacial da segurança pública na região metropolitana do Recife: o caso da Polícia Civil*. Recife, 1989. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Ciências Geográficas, Universidade Federal de Pernambuco, 1989. 274 p.

- PINTAUDI, Silvana Maria. *Os supermercados na Grande São Paulo: contribuição ao estudo da transformação do comércio varejista de gêneros alimentícios nas grandes metrópoles*. São Paulo, 1982. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1982. Um resumo deste trabalho está no: *Boletim de Geografia Teórica*, v. 12, n. 23/24, p. 61-68, 1982, e outro em: *Geografia*, v. 9, n. 17/18, p. 37-54, 1984.
- PINTO, Dulce Maria Alcides. O desenvolvimento do centro do Rio de Janeiro visto através do levantamento de suas funções em diferentes datas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 2., 1965, Rio de Janeiro. *Resumos de teses e comunicações*. Rio de Janeiro: Delta, 1965. p. 86-88.
- _____. Guia de excursão à cidade do Rio de Janeiro. *Espaço & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 208-235, 1983/1984.
- _____. et al. Contribuição ao estudo dos padrões sócio-econômicos das favelas do Rio de Janeiro. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 3., 1978, Fortaleza. *Comunicações*. Fortaleza: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1978. p. 315-317.
- _____. Dinâmica do uso do solo urbano no Distrito Federal: uma contribuição ao estudo de modificações ambientais. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 50, n. 4, p. 31-75, 1988. Resumo publicado originalmente em: *Anais do 6. Encontro Nacional de Geógrafos. Contribuições científicas*. Campo Grande: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1986.
- PINTO, Maria Novaes. A cidade do Rio de Janeiro: evolução física e humana. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 191-232, abr./jun. 1965.
- PITANGA, Jane F. S., AZEVEDO, Luiz Henrique A. Evolução do uso do solo da cidade do Rio de Janeiro: Brasil de 1972 a 1978. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 4., 1980, Rio de Janeiro. *Anais...Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros*, 1980. p. 506-509.
- POMPILIO, Maria José. *Segregação étnica e diferenciação residencial na cidade de Blumenau*. Rio Claro, SP, 1982. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, 1982.
- PONTUSCHKA, Nídia Nacib. *Suzano e o impacto da industrialização*. São Paulo, 1979. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1979. 121 p.
- PRADO JUNIOR, Caio. O fator geográfico na formação e no desenvolvimento da cidade de São Paulo. *Geografia*, Rio Claro, v. 1, n. 3, 1935. Publicado também em: *Revista do Arquivo Municipal [de] São Paulo*, v. 19, p. 223-237, 1936, e em: *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 31, p. 920-931, 1945.
- _____. Nova contribuição para o estudo geográfico da cidade de São Paulo. *Estudos Brasileiros*, v. 7, n. 19/21, 1941. Publicado também em: PRADO JUNIOR, Caio. *Evolução Política do Brasil e outros estudos*. São Paulo: Brasiliense, 1953.
- PRANDINI, Neyde. Aspectos da geografia urbana de Londrina. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 61-80, 1951/1952.
- QUELLE, Otto. Rio de Janeiro - Beitrag zur geographie einer tropischen grosstadt. *Zeitschrift gesellschaft fur Erdkunde zu Berlin*, v. 7/8, p. 241-257, 1931.
- RABHA, Nina Maria C. E. *Cristalização e resistência no centro do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 1984. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1984. 255 p. Um resumo deste trabalho foi publicado em: *Revista do Rio de Janeiro*, v. 1, n. 1, p. 35-43, 1985.
- RADESCA, Maria de Lourdes P. S. O problema da energia elétrica. In: AZEVEDO, Aroldo de (Coord.). *A Cidade de São Paulo*. São Paulo: NACIONAL, 1958. v. 3: p. 99-120.
- RAJA GABAGLIA, F. A. A propósito da geografia urbana. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 10, p. 5-6, 1944.
- RAMBERT, Gaston. L'agglomération marseillaise, étude de géographie urbaine. *La Vie Urbaine*, v. 1, p. 311-328; p. 469-483, 1919/1921; v. 3, p. 245/271; p. 347-367, 1921.

- RAMIRES, Júlio C. et al. Da questão habitacional para a produção do espaço: o projeto Rio. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 4., 1984, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1984. p. 214-223.
- RAMOS, Beatriz de Carvalho. Estudo monográfico sobre Poços de Caldas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA, 9., 1940, Florianópolis. *Anais...* Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1944. p. 560-565.
- RAMOS, Gracinda Clara P. *Análise de transporte coletivo urbano de Caxias do Sul*. Rio Claro, SP, 1983. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Geografia, Universidade do Estado de São Paulo, 1983.
- RATZEL, Friedrich. *Anthropogéographie*. Stuttgart: Engelhorn, 1891. 781 p.
- _____. Die geographische Lage der grossen Städte. Die Grosstadt - Vortraege und Aufsätze zur Stadtaussetzung. *Jahrbuch der Gehe-Stiftung zu Dresden*, v. 9, 1903. Transcrito em: HELMOLT, Hans (Org.). *Kleine Schriften von Friedrich Ratzel*. Munique; Berlin: Oldenbourg, 1906. v. 2: p. 437-461.
- _____. *La géographie politique (les concepts fondamentaux)*. Paris: Fayard, 1987. 220 p.
- REGUEIRA, Maria F. S. D., LEVY, Silvia H. Proposta de pesquisa exploratória da relação da população com a vegetação no Bairro do Recife, Recife-PE. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS SOBRE CRESCIMENTO URBANO, 1., 1987. *Comunicações*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1987. p. 409-413.
- RENK, Valquíria E. Migração e metropolização - o caso de Curitiba - Colombo. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 6., 1986, Campo Grande. *Contribuições científicas*. Campo Grande: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1986. p. 153.
- REZENDE, Milton Braga de. *A área central de Lorena: um ensaio metodológico de delimitação*. São Paulo, 1979. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1979. 170 p.
- RIBEIRO, Maria da Conceição M. Franca. *Revista do Arquivo Municipal [de] São Paulo*, v. 77, p. 137-156, 1941. Também publicado em: *Anais do 9. Congresso Brasileiro de Geografia*, Florianópolis, 1940. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1944. p. 586-598.
- RIBEIRO, Miguel Angelo Campos. *Padrões de localização industrial e fluxos materiais na área metropolitana de Salvador*. Rio de Janeiro, 1982. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1982, 188 p. Parte deste trabalho foi publicado com o título: Principais linhas de abordagem e estudos empíricos a nível-urbano: uma resenha em torno da localização industrial, na *Revista Brasileira de Geografia*, v. 44, n. 3, p. 415-444, 1982. Outra parte, com o título: Padrões de localização e estrutura de fluxos dos estabelecimentos industriais na Região Metropolitana de Salvador, na *Revista Brasileira de Geografia*, v. 44, n. 4, p. 591-637, 1982. Resumo publicado em: *Anais do 5. Encontro Nacional de Geógrafos*. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1982. p. 354-358.
- _____, ALMEIDA, Roberto Schmidt de. Padrões de localização espacial e estrutura de fluxos dos estabelecimentos industriais da Área Metropolitana de Recife. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 42, n. 2, p. 203-264, abr./jun. 1980.
- _____, et al. Padrões de localização espacial e estrutura de fluxos materiais com as economias local, regional e nacional das indústrias da Área Metropolitana de Recife. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 3., 1978, Fortaleza. *Comunicações*. Fortaleza: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1978. p. 213-216.
- RIBEIRO, Neuza Maria Góis. *Transformações do espaço urbano de Aracaju*. Recife, 1985. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Ciências Geográficas, Universidade Federal de Pernambuco, 1985. Um resumo publicado em: *Anais do 6. Encontro Nacional de Geógrafos*. *Contribuições científicas*. Campo Grande: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1986. p. 119.
- _____. Crescimento urbano e mobilidade residencial. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS SOBRE CRESCIMENTO URBANO, 1., 1987. *Comunicações*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1987. p. 147-151.

- ROCHA, Gilberto de Miranda. *Geomorfologia aplicada ao planejamento urbano: as enchentes na área urbana de Belém, PA*. Rio Claro, SP, 1987. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, 1987.
- ROCHE, Jean. Porto Alegre, metrópole do Brasil. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 19, p. 30-51, 1955.
- RODRIGUES, Adyr Aparecida B. *Águas de São Pedro: estância paulista. Uma contribuição à geografia da recreação*. São Paulo, 1985. Tese (Doutorado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1985, 300 p. Parte deste trabalho foi publicado com o título: *Águas de São Pedro - mito e realidade*, no *Boletim de Geografia Teórica*, v. 16/17, n. 31/34, p. 246-250, 1986/1987.
- RODRIGUES, Arlete Moysés. O crescimento acelerado das favelas no município de São Paulo. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 4., 1980, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1980. p. 414-416.
- _____. *Processo migratório e situação de trabalho da população favelada de São Paulo*. São Paulo, 1981. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1981. 185 p.
- _____. Sociedade, espaço e renda da terra. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 5., 1982, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1982. p. 395-401.
- _____. A apropriação e produção do espaço urbano: as questões da política habitacional, do cotidiano e do confronto na produção do espaço pelos "sem terra". In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 4., 1984, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1984. p. 187-194.
- _____. Os movimentos sociais e o Congresso Constituinte. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 6., 1986, Campo Grande. *Contribuições científicas*. Campo Grande: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1986. p. 39a.
- _____. *Na procura do lugar o encontro da identidade: um estudo do processo de ocupação coletiva de terra para moradia - Osasco*. São Paulo, 1988. Tese (Doutorado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1988a. 417p.
- _____. *Moradia nas cidades brasileiras*. São Paulo: Contexto, 1988b. 72 p.
- RODRIGUES, Luiz Melo. Vicente de Carvalho. In: AZEVEDO, Aroldo de (Org.). *A Baixada Santista: aspectos geográficos*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1965. v. 3: p. 79-112.
- RODRIGUES, Maria de Lourdes. *Uma forma de ocupação espontânea da Amazônia: povoados do trecho norte da Belém-Brasília*. Rio de Janeiro, 1978. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1978. 146 p.
- RODRIGUES, Maria Lúcia Estrada. *A expansão industrial e o processo de produção do espaço em Betim*. São Paulo, 1980. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1980. Publicada com o título: *Produção do espaço e expansão industrial*. São Paulo: Loyola, 1983. 150 p. Um resumo publicado com o título: *O processo de produção do espaço: um exercício teórico-metodológico*, no *Boletim Paulista de Geografia*, v. 60, p. 21-46, 1984, e transcrito em: SOUZA, Maria Adélia, SANTOS, Milton (Orgs.). *A construção do espaço*. São Paulo: Nobel, 1986. p. 71-90.
- RODRIGUES, Vanilda Loiola. *O crescimento de Bacabal e as relações campo-cidade na região do Mearim*. Recife, 1989. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Ciências Geográficas, Universidade Federal de Pernambuco, 1989.
- RODRIGUEZ, Janete Lins. *Acumulação de capital e produção do espaço: o caso da Grande João Pessoa - Paraíba*. Recife, 1980. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Ciências Geográficas, Universidade Federal de Pernambuco, 1980.
- ROCHE, Jean. O "pequeno comércio" na cidade de João Pessoa - uma das suas atividades informais. *Boletim [do] Departamento de Geociências da Universidade Federal da Paraíba*, João Pessoa, n. 5, p. 74-86, 1984.
- _____. A evolução urbana de João Pessoa. *Boletim [do] Departamento de Geociências da Universidade Federal da Paraíba*, João Pessoa, n. 6, p. 71-80, 1985.

- ROCHE, Jean. A periferia de João pessoa: uma questão polêmica. *Boletim [do] Departamento de Geociências da Universidade Federal da Paraíba*, n. 8, p. 63-67, 1988.
- RONCHEZEL, José Antonio. *Invasão de imóveis para moradia: lutas populares pelo direito à cidade*. São Paulo, 1985. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1985. 250 p.
- ROSS, Jurandyr L. S. A deterioração das águas subterrâneas. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 6., 1986, Campo Grande. *Contribuições científicas*. Campo Grande: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1986. p. 107a.
- ROSSINI, Rosa Ester. *Serra Azul: o homem e a cidade*. São Paulo, 1971. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1971. 150 p.
- RÜCKERT, Aldomar Arnaldo. As pequenas cidades coloniais do norte do Rio Grande do Sul. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 4., 1980, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1980. p. 448-460. Transcrito em: *Boletim Gaúcho de Geografia*, v. 9, 1981.
- RUEDA QUESADA, José Alberto. *El valor del suelo urbano: el caso de San José, Costa Rica*. Rio de Janeiro, 1977. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1977. 170 p.
- SAMPAIO, Silvia Selingardi. *Geografia industrial de Piracicaba: um exemplo de interação indústria-agricultura*. Rio Claro, SP, 1973. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, 1973. Publicada com o mesmo título pelo: Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo, 1976. 199 p.
- _____. A industrialização de Rio Claro. Contribuição ao estudo da desconcentração espacial da indústria no Estado de São Paulo. *Geografia*, Rio Claro, v. 12, n. 24, p. 1-60, 1987.
- SANCHES, Sonia Banaki. O lixo urbano e a degradação ambiental em Londrina. *Sociedade e Natureza*, Uberlândia, v. 1, n. 2, p. 91-95, 1985.
- SANT'ANNA, Edna Mascarenhas. As transformações ocorridas no trecho ocupado atualmente pela área central. In: DUARTE, Aluizio C. (Coord.). *A área central da Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IBGE, 1967a. p. 45-48.
- _____. Os serviços prestados pelas profissões liberais. In: DUARTE, Aluizio C. (Coord.). *A área central da Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IBGE, 1967b. p. 125-131.
- SANT'ANNA, Marina del Negro C. Alguns aspectos da organização espacial de Laranjeiras. In: LINDGREN, Carlos Ernesto (Org.). *Leituras em organização espacial*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Coordenação dos Programas de Pós-Graduação em Engenharia, PUR, 1975. p. 167-203.
- _____. A periferização da população de baixa renda e relação ao mercado de trabalho. O caso do Conjunto Habitacional da Cidade Alta. *Anuário do Instituto de Geociências [da] Universidade Federal do Rio de Janeiro*, p. 20-31, 1980.
- _____. Semelhanças das falhas dos programas habitacionais para famílias de baixa renda entre alguns países do Terceiro Mundo: uma revisão bibliográfica. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 5., 1982, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1982a. p. 392-393.
- _____. O distanciamento entre local de trabalho e residência: um resultado das leis tendenciais que comandam o próprio sistema capitalista. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 5., 1982, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1982b. p. 502-503.
- _____. et al. Classificação dos municípios das regiões metropolitanas segundo níveis de urbanização. *Revista Brasileira de Geografia*, v. 39, n. 4, p. 66-81, 1977.
- SANTOS, Adelci F. et al. S. Conrado: um bairro periférico na zona sul de Aracaju. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS SOBRE CRESCIMENTO URBANO, 1., 1987, Recife. *Comunicações*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1987. p. 39-45.

- SANTOS, Carlos et al. Posição da SAARA (Sociedade dos Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega) no circuito econômico da cidade do Rio de Janeiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 4., 1984, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1984. p. 245-254.
- SANTOS, Carlos Nelson F. dos. *Movimentos urbanos no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. 225 p.
- _____. A desordem é só uma ordem que exige uma leitura mais atenta. *Revista de Administração Municipal*, Rio de Janeiro, n. 165, p. 6-18, 1982.
- SANTOS, Eliana O. *A industrialização de Sorocaba (bases geográficas)*. São Paulo, 1950. Tese (Doutorado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1950. 116 p.
- _____. Ponta Grossa, capital regional do oeste do Paraná. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 24, p. 57-80, 1956.
- _____. Tietê, o rio de São Paulo. In: AZEVEDO, Aroldo de. *A cidade de São Paulo*. São Paulo: Nacional, 1958. v. 1: p. 45-67.
- SANTOS, Márcia Maria D. Identificação de áreas pobres no espaço metropolitano de Belo Horizonte. *Boletim de Geografia Teórica*, Rio Claro, v. 11, n. 21/22, p. 19-45, 1981.
- SANTOS, Maria Cristina Siqueira dos. *Permanência e mudança no uso do solo: o bairro do Jardim Botânico - RJ*. Rio de Janeiro, 1985. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1985. 176p.
- SANTOS, Maria Sílvia, C. J. *Contribuição ao estudo geográfico das cidades pequenas do estado de São Paulo*. Rio Claro, SP, 1988. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, 1988.
- SANTOS, Milton Almeida dos. *Ubaitaba (estudo de Geografia Urbana)*. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1954.
- _____. Nazaré, um porto ferroviário do Recôncavo Bahiano. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, v. 9, n. 1, 1954/1955.
- _____. *Zona do cacau*. Salvador: Artes Gráficas, 1955. 114 p.
- _____. A cidade de Jequié e sua região. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 71-112, 1956.
- _____. Ituberá, porto cacauzeiro rejuvenescido pela indústria. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 119-131, 1955/1957.
- _____. Localização industrial em Salvador. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 245-276, 1958.
- _____. *O centro da cidade do Salvador*. Salvador: Universidade da Bahia, 1959. 196 p. Parte deste trabalho foi publicada como: Contribuição ao estudo dos centros de cidades: o exemplo da cidade do Salvador, no *Boletim Paulista de Geografia*, n. 32, p. 17-30, 1959.
- _____. Uma definição da cidade do Salvador. In: SANTOS, Milton Almeida dos (Org.). *Cidade do Salvador*. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1960. p. 125-128.
- _____. Alguns problemas das grandes cidades nos países subdesenvolvidos. *Boletim Carioca de Geografia*, Rio de Janeiro, n. 15, p. 5-37, 1962.
- _____. *A cidade nos países subdesenvolvidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965. 179 p.
- _____. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 54, p. 81-99, 1977. Publicado em inglês em: *Antipode*, v. 9, n. 1, 1977. Transcrito em: SANTOS, Milton Almeida dos. *Espaço & sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 9-27.
- _____. *Por uma Geografia Nova*. São Paulo: HUCITEC, 1978a. 236 p.
- _____. A divisão do trabalho social como uma nova pista para o estudo da organização espacial e da urbanização nos países subdesenvolvidos. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 3., 1978,

- Fortaleza. *Sessões dirigidas*. Fortaleza: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1978b. p. 37-50. Transcrito em: SANTOS, Milton Almeida dos. *Espaço & Sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 36-54.
- SANTOS, Milton Almeida dos. *A pobreza urbana*. São Paulo: Recife: HUCITEC, 1978c. 119 p.
- _____. *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979a. 345 p.
- _____. A periferia está no pólo: o caso de Lima, Peru. In: SANTOS, Milton Almeida dos. *Economia espacial: críticas e alternativas*. São Paulo: HUCITEC, 1979b. p. 59-100.
- _____. *Manual de Geografia Urbana*. São Paulo: HUCITEC, 1980. 214 p.
- _____. Cidade, mais-valia absoluta e relativa, desvalorização do capital e do trabalho: considerações metodológicas sobre o caso do Rio de Janeiro. In: MOREIRA, Ruy (Org.). *Geografia: teoria e crítica*. Petrópolis: Vozes, 1982. p. 159-165.
- _____. Tradição, modernidade e cultura na cidade grande. *Espaço & Debates*, São Paulo, v. 17, p. 108-111, 1986.
- _____. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: HUCITEC, 1987. 124 p.
- _____. CARVALHO, Anna Dias da Silva. As indústrias da cidade do Salvador (Distribuição geográfica). *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 103-116, 1955/1957.
- SANTOS, Regina Célia Bega dos. O acesso à habitação em alguns bairros periféricos do município de Osasco, na Grande São Paulo. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 4., 1980, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1980. p. 402-403.
- _____. *Osasco: migrações, condições de vida e apropriação do espaço*. São Paulo, 1983. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1983. 163 p. Um resumo deste trabalho foi apresentado com o título: Formas de sobrevivência e apropriação do espaço, nos Anais do 4. Congresso Brasileiro de Geógrafos. São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1984. p. 195-200.
- SCARLATTO, Francisco Capuano. *A indústria automobilística no capitalismo brasileiro e suas articulações com o crescimento espacial na metrópole paulistana*. São Paulo, 1981. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1981. 142 p. Publicada com o título: Metropolitização de São Paulo e o Terceiro Mundo. São Paulo: Iglu, 1987. 149 p.
- _____. *O real e o imaginário no Bexiga: autofagia e renovação urbana no bairro*. São Paulo, 1989. Tese (Doutorado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1989. 279 p.
- SCLÜTTER, Otto. Bemerkungen zur Siedlungsgeographie. *Geographische Zeitschrift*, Stuttgart, v. 5, p. 65-84, 1989.
- SEABRA, Manoel F. Gonçalves. Plano de coleta para a pesquisa sobre o abastecimento da cidade de São Paulo em gêneros alimentícios. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 209, p. 65-78, 1969.
- SEABRA, Odete Carvalho L. *A muralha que cerca o mar: uma modalidade de uso do solo urbano*. São Paulo, 1980. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1980. 122 p.
- _____. Os agentes da produção do espaço urbano. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 5., 1982, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1982. p. 385-394.
- _____. *Os meandros dos rios nos meandros do poder. Tietê e Pinheiros: valorização dos rios e das várzeas na cidade de São Paulo*. São Paulo, 1987. Tese (Doutorado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1987. 301 p.
- SELVA, Vanice Santiago F. Organização espacial urbana de Natal. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS SOBRE CRESCIMENTO URBANO, 1., 1987. *Comunicações*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1987. p. 55-59.

- SELVA, Vanice Santiago F. *Organização espacial urbana de Natal*. Recife, 1989. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Ciências Geográficas, Universidade Federal de Pernambuco, 1989.
- SERRA, Carlos Alberto T. A função portuária. In: DUARTE, Aluizio C. (Coord.). *A área central da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IBGE, 1967. p. 69-71.
- SÉRVIO, Wanderley. *O abastecimento de produtos olerícolas em Teresina*. Recife, 1985. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Ciências Geográficas, Universidade Federal de Pernambuco, 1985.
- SETTE, Hilton. Origem e evolução urbana de Garanhuns. *Boletim Carioca de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 9, n.1/2, p. 37-48, 1956a.
- _____. *Pesqueira: aspectos de sua geografia urbana e de suas interrelações regionais*. Recife: Sette, 1956b. 104 p.
- SIEGLER, Ireneu Antonio. Avenida Rondon Pacheco, canal aberto ou fechado. *Sociedade e Natureza*, Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 35-38, 1989.
- SILVA, Adevair Mendes. *O migrante rondonopolitano*. Rio Claro, 1988. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista de Mesquita Filho, 1988.
- SILVA, Ana Maria Calazans. *A desruralização e as transformações espaciais no município de Ribeirão: 1970-1980*. Recife, 1986. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Ciências Geográficas, Universidade Federal de Pernambuco, 1986. Parte deste trabalho foi publicado com o título: O comércio da cidade do Ribeirão e sua interligação com o setor rural, no 1. Encontro Nacional de Estudos sobre Crescimento Urbano, 1987. Comunicações. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1987. p. 281-285.
- SILVA, Antonio Francisco da et al. A suburbanização dos velhos núcleos rurais do ramal de Santa Cruz no estado da Guanabara. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 2., 1965, Rio de Janeiro. *Resumos de teses e comunicações*. Rio de Janeiro: Delta, 1965. p. 89-91.
- _____. O centro funcional de Madureira. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 242, p. 52-87, 1974.
- SILVA, Antonio Rodrigues da. "Folias de Reis" na baixada fluminense: reprodução das relações sócio-culturais do campo no tecido urbano. Rio de Janeiro, 1987. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1987. 192 p.
- SILVA, Armando Corrêa da. Geografia e Ideologia. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 52, p. 93, p. 93-99, 1976.
- _____. Sobrepopoamento e estrutura urbana. In: SILVA, Armando Corrêa da. *O espaço fora do lugar*. São Paulo: HUCITEC, 1978a. p. 48-60. Um resumo deste trabalho foi publicado anteriormente em: Anais do 2. Encontro Nacional de Geógrafos. Comunicações. Belo Horizonte: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1976. p. 48-49.
- _____. Uma técnica de pesquisa no estudo de pequenas cidades: In: SILVA, Armando Corrêa da. *O espaço fora do lugar*. São Paulo: HUCITEC, 1978b. p. 100-103.
- _____. A cartografia teórica como cartografia do concreto. O exemplo dos espaços absoluto, relativo e relacional de D. Harvey, referidos ao universo urbano. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 4., 1980, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1980. p. 613-621.
- _____. *A metrópole ampliada e o bairro metropolitano - o caso de São Paulo: o bairro da Consolação*. São Paulo, 1982a. Tese (Livre Docência) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1982a.
- _____. O valor geoeconômico do solo urbano como indicador do grau de monopolização do espaço nas metrópoles dos países de desenvolvimento capitalista dependente ou associado. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 5., 1982, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1982b. p. 402-405.
- _____. A renovação geográfica no Brasil - 1976-1983 (As geografias crítica e radical em uma perspectiva teórica). *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 60, p. 73-140, 1983/1984.

- SILVA, Carlos Frederico S. Atibaia (Aspectos físicos e humanos). *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 4, p. 543-569, 1949.
- SILVA, Elizabeth di Gesu V. O metropolitano e a renovação urbana do Catete. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 43, n. 3, p. 359-381, 1981.
- SILVA, Hilda da. A evolução do comércio varejista do centro do Rio de Janeiro e suas relações com o aparecimento dos subcentros. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 2., 1965, Rio de Janeiro. *Resumos de teses e comunicações*. Rio de Janeiro: Delta, 1965. p. 92-94.
- _____. Campos (Notas decorrentes de uma pesquisa sobre migrações). *Boletim Carioca de Geografia*, Rio de Janeiro, n. 22, p. 149-155, 1971.
- _____. A natureza da política habitacional para grupos de baixa e média renda no Rio de Janeiro e seus efeitos no modelo residencial da referida cidade. *Boletim Carioca de Geografia*, Rio de Janeiro, n. 26, p. 115-130, 1976.
- _____. et al. A função comercial. In: DUARTE, Aluizio C. (Coord.). *A área central da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IBGE, 1967. p. 77-91.
- SILVA, José Borzacchiolo da. Geografia urbana: algumas considerações. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 4., 1984. São Paulo. *Anais...* São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1984. p. 472-477.
- _____. *Movimentos sociais em Fortaleza: uma abordagem geográfica*. São Paulo, 1987. Tese (Doutorado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1987. 314 p.
- SILVA, Moacir M. F. Como se distribui a iluminação pública do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 4, p. 547-572, 1945.
- SILVA, Raul de Andrada e. A cidade de Santo André e sua função industrial. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA, 9., 1940, Florianópolis. *Anais...* Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1944. p. 550-559.
- _____. São Paulo nos tempos coloniais. In: AZEVEDO, Aroldo de (Coord.). *A cidade de São Paulo*. São Paulo: Nacional, 1958, v. 2: p. 5-48.
- SILVA FILHO, Manoel Feliciano da. *Cadastro municipal de intervenções públicas do solo*. Recife, 1989. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Ciências Geográficas, Universidade Federal de Pernambuco, 1989.
- SILVEIRA, João Dias da. 9. Congresso Brasileiro de Geografia. *Folha da Manhã*, São Paulo, 5 mar. 1940. Transcrito em: *Revista Brasileira de Geografia*, v. 2, n. 2, p. 264-265, abr./jun. 1940.
- _____. A zona de Amparo e suas vizinhanças. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA, 9., 1940, Florianópolis. *Anais...* Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1944. p. 604-630.
- SIMÕES, Ruth Mattos Almeida. Contribuição à geografia carioca: notas sobre a geografia do bairro Laranjeiras. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 171-206, 1952/1953.
- SINGER, Paul, BRANT, Vinicius C. *São Paulo: o povo em movimento*. Petrópolis: Vozes, 1981. 230 p.
- SOARES, Beatriz Ribeiro. *Habitação e produção do espaço em Uberlândia*. São Paulo, 1988. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1988. 222 p.
- SOARES, Douracy et al. Memória técnica e uso do solo. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 4., 1980, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1980. p. 427-484.
- SOARES, Maria Therezinha de Segadas. A primeira vila portuguesa no Brasil. *Boletim Carioca de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1/2, p. 65-76, 1958a.
- _____. O conceito geográfico de bairro e sua exemplificação na cidade do Rio de Janeiro. *Boletim Carioca de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3/4, p. 47-68, 1958b. Transcrito em: Aspectos da Geografia Carioca. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1962. p. 105-124, e também em:

BERNARDES, Lysia M. C., SOARES, Maria Therezinha de Segadas. Rio de Janeiro: cidade e região. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1987. p. 105-120.

SOARES, Maria Therezinha de Segadas. Divisões principais e limites externos do Grande Rio de Janeiro. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, v. 12, p. 187-205. Também publicado em: BERNARDES, Lysia M. C., SOARES, Maria Therezinha de Segadas. Rio de Janeiro: cidade e região. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1987. p. 134-146.

_____. Nova Iguaçu: absorção de uma célula urbana pelo Grande Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 155-256, abr./jun. 1962. (Tese de Livre Docência não defendida). Um capítulo deste trabalho, com o título: A integração do recôncavo da Guanabara na Área Metropolitana do Grande Rio de Janeiro, foi transcrito em: BERNARDES, Lysia M. C., SOARES, Maria Therezinha de Segadas. Rio de Janeiro: cidade e região. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1987. p. 42-67.

_____. Fisionomia e estrutura do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 329-387, 1965.

_____. A organização interna das cidades segundo seu estágio de desenvolvimento. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 203, p. 86-93, 1968a.

_____. Critérios de delimitação de áreas metropolitanas e a possibilidade de sua aplicação ao Brasil. In: SIMPÓSIO DE GEOGRAFIA URBANA, 1966, Buenos Aires. Rio de Janeiro: Instituto Panamericano de Geografia e História, 1968b. p. 91-106.

_____. As diversificações do espaço urbano. In: CURSO de Geografia da Guanabara. Rio de Janeiro: IBGE, 1968c. p. 47-56.

_____. Bairros, bairros suburbanos e subcentros. In: CURSO de Geografia da Guanabara. Rio de Janeiro: IBGE, 1968d. p. 74-89. Transcrito em: BERNARDES, Lysia M. C., SOARES, Maria Therezinha de Segadas. Rio de Janeiro: cidade e região. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1987. p. 121-133.

_____. LIMA, Maria Helena Palmer. A ocorrência de favelas em pequenas e médias cidades do Estado do Rio de Janeiro: o caso de Teresópolis. *Anuário do Instituto de Geociências [da] Universidade Federal do Rio de Janeiro*, 1981. p. 42-55. Publicado também em: JATOBÁ, Lucivânio (Org.). Estudos nordestinos sobre crescimento urbano. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1987. p. 201-221. Resumo em: Anais do 5. Encontro Nacional de Geógrafos. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1982. p. 461-463.

_____. et al. Um indicador de qualidade de vida nas favelas do Rio de Janeiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 4., 1984, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1984. p. 225-239. Também publicado em: JATOBÁ, Lucivânio (Org.). Estudos nordestinos sobre crescimento urbano. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1987. p. 101-120.

SOARES, Willian Gonçalves. Catete: exemplo de localidade central intra-urbana. In: LINDGREN, Carlos Ernesto (Org.). *Leituras em organização espacial*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Coordenação dos Programas de Pós-Graduação em Engenharia, 1975. p. 204-290.

_____. A política urbana no Estado: para além da Região Metropolitana. *Espaço & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 38-48, 1983/1984.

SOUSA, Francineide Bezerra de. Uma análise geográfica da política de desfavelamento de Fortaleza - o caso do Conjunto Palmeiras. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 6., 1986, Campo Grande. *Contribuições científicas*. Campo Grande: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1986. p. 37.

SOUTO, Celso Roberto R. O conjunto habitacional e as condições restritivas de uma política habitacional: considerações primárias. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 4., 1980, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1980. p. 417-419.

SOUZA, Albenides Ramos de. *Estudo locacional para a implantação de escolas profissionalizantes de segundo grau no município de Nova Iguaçu - Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 1978. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1978. p. 138.

- SOUZA, Elza Coelho de. Águas da Prata, uma estância mineral. *Boletim Carioca de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, p. 14-29, 1950.
- SOUZA, Gustavo de Oliveira C. Invasões urbanas e poder político. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 6., Campo Grande. *Contribuições científicas*. Campo Grande: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1986. p. 35.
- SOUZA, Marcelo José Lopes de. Agricultura peri-urbana e desruralização na Vargem Grande. *Espaço & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 71-74, 1983/1984.
- _____. Algumas palavras sobre a periferização carioca. In: BERNARDES, Júlia A. (Coord.). *Rio de Janeiro: painel de um espaço em crise*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1987. p. 98-109.
- _____. *O que pode o ativismo de bairro? Reflexões sobre as limitações e potencialidades do ativismo de bairro à luz de um pensamento autonomista*. Rio de Janeiro, 1988. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1988. 241p.
- SOUZA, Maria Adélia A. de. Teoria e metodologia em geografia urbana. In: TEORIA e método da Geografia. São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros/Secção São Paulo, 1982. (Borrador n. 1).
- _____. Produção e apropriação do espaço metropolitano: a Avenida Paulista em São Paulo. In: UNIÃO GEOGRÁFICA INTERNACIONAL/Grupo de Trabalho sobre Grandes Metrôpoles do Mundo. Anais do 1. Seminário (Brasília/Rio, 1982). Rio de Janeiro: UGI, 1983. p. 57-73. Transcrito em: SOUZA, Maria Adélia A. de, SANTOS, Milton (Orgs.). *A construção do espaço*. São Paulo: Nobel, 1986. p. 135-149.
- _____. *Governo urbano*. São Paulo: Nobel, 1988. 84 p.
- _____. *A identidade da metrópole: a verticalização em São Paulo*. São Paulo, 1989. Tese (Livre Docência) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1989. 407 p.
- SOUZA, Maria Salete de. Fortaleza: uma análise da estrutura urbana. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 3., 1978. Fortaleza. *Guias de excursões*. Fortaleza: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1978. p. 61-114.
- SPADA, Sheila B. Salek. Contribuição à Geografia Médica: padrão espacial-temporal da meningite meningocócica no município do Rio de Janeiro. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 3., 1978, Fortaleza. *Comunicações*. Fortaleza: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1978. p. 261-263.
- SPOSITO, Eliseu Savério. Localização industrial em Presidente Prudente. *Revista de Geografia [da] UNESP*, São Paulo, n. 5/6, p. 83-102, 1986/1987.
- _____. et al. Transporte coletivo urbano em Presidente Prudente. *Revista de Geografia [da] UNESP*, São Paulo, n. 5/6, p. 143-181, 1986/1987.
- _____. O crescimento urbano e a questão habitacional em Presidente Prudente - SP. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS SOBRE CRESCIMENTO URBANO, 1., 1987. *Comunicações*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1987. p. 105-106.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. *O chão em Presidente Prudente: a lógica da expansão territorial urbana*. Rio Claro, SP, 1984. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, 1984.
- _____. *Capitalismo e urbanização*. São Paulo: Contexto, 1988. 80 p.
- STAMP, L. Dudley. *Applied geography*. Londres: Penguin Books, 1960.
- STERNBERG, Hilgard O'Reilly. Paquetá: ensaio geográfico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA, 9., 1940, Florianópolis. *Anais...* Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1944. p. 697-727.
- STRAUCH, Lourdes M. M. Distribuição da população na ilha do Governador. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 301-325, 1955.
- STROHAECKER, Tânia Marques. *O bairro de São Cristóvão: de arrabalde aristocrático a periferia do centro*. Rio de Janeiro, 1989. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1989. 208 p. Parte deste trabalho foi publicada com o título:

A zona periférica ao centro: uma revisão bibliográfica, em *Revista Brasileira de Geografia*, v. 50, n. 4, p. 171-183, out./dez. 1988.

SUDO, Hideo, ASARI, Alice Y. A ação do poder público no esforço de uma industrialização planejada: o exemplo dos distritos industriais em Londrina - PR e Presidente Prudente - SP. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 5., 1982, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1982. p. 359-360.

SUERTEGARAY, Dirce Maria A., SCHÄFFER, Neiva Otero. *Análise ambiental: a atuação do geógrafo na sociedade*. Porto Alegre: a metrópole e seu delta. Terra Livre 3: 89-103, [19__].

TEIXEIRA, Marise C. C. Avenida Paulista: de Champs Elísées, a 5th Avenue, a Wall Street, a In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 4., 1984, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1984. p. 241-244.

TEIXEIRA, Marlene P. V. Relação residência-trabalho: Indústria naval no município de Niterói, RJ. In: LINDGREN, Carlos Ernesto (Org.). *Leituras em organização espacial*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Coordenação dos Programas de Pós-Graduação em Engenharia, PUR, 1975. p. 230-242.

_____. Contribuição ao estudo da localização industrial - o caso de Niterói. *Anuário do Instituto de Geociências [da] Universidade Federal do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, p. 54-61, 1979.

_____. O fortalecimento de pequenas cidades como alternativa para a crise nas regiões metropolitanas. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 4., 1980, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1980. p. 437-440.

_____. Localização e realocação industrial - Região Metropolitana do Rio de Janeiro (setor oriental). *Anuário do Instituto de Geociências [da] Universidade Federal do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, p. 12-39, 1982.

_____. SOARES, Willian G. Integração de Maricá à área metropolitana do Rio de Janeiro. *Boletim Carioca de Geografia*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 79-98, 1973/1975.

_____. MACHADO, Rosa M. Conceito de bairro: unidade popular ou técnica? *Anuário do Instituto de Geociências [da] Universidade Federal do Rio de Janeiro*, 1986. p. 66-71. Resumo publicado em: *Anais do 6. Encontro Nacional de Geógrafos. Contribuições científicas*. Campo Grande: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1986. p. 133.

TEULIERES, Roger. Favelas de Belo Horizonte. *Boletim Mineiro de Geografia*, v. 1, p. 7-37, 1957.

THOMAS, William (Org.). *Man's role in changing the face of the earth*. Chicago: University of Chicago Press, 1956.

TÍRICO, José Domingos. Contribuição à geografia urbana de Mogi das Cruzes. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 197-234, 1957/1958.

_____. Rua da Consolação, uma das artérias da capital paulista. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 29, p. 20-56, 1958.

_____. Sosas, subúrbio de Campinas. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 35, p. 32-54, 1960a.

_____. A região do alto curso superior do Tietê. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 4, p. 519-583, 1960b.

_____. Aspectos geográficos da indústria em Campinas. *Revista da Universidade Católica de Campinas*, v. 6, n. 18, p. 109-116, 1960c.

TOLEDO, Gil Sodero de. Aspectos da geografia urbana paulistana - aerofotointerpretação. *Orientação*, São Paulo, v. 1, p. 6-11, 1965.

TRICART, Jean. *Cours de Géographie Humaine*. Paris: Centre de Documentation Universitaire, 1954. v. 2: L'Habitat Urbain. 295 p.

- TRICART, Jean. Contribuição ao estudo das estruturas urbanas. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 135, p. 473-481, 1954. Publicado originalmente em: *Révues de Géographie de Lyon*, v. 25, n. 3, p. 145-156, 1950.
- TROPPEMAIR, Helmut. Estrutura de um centro têxtil: Americana. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 2., 1965, Rio de Janeiro. *Resumos de teses e comunicações*. Rio de Janeiro: Delta, 1965. p. 58-60.
- POMPILIO, Maria José. Contribuição ao estudo da indústria têxtil de Americana (estado de São Paulo). *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 43, p. 62-82, 1966.
- POMPILIO, Maria José. Estudo biogeográfico das áreas verdes de duas cidades médias do interior paulista: Piracicaba e Rio Claro. *Geografia*, Rio Claro, v. 1, n. 1, p. 63-78, 1976.
- _____. Estudo biogeográfico de líquens como vegetais indicadores de poluição aérea da cidade de Campinas (SP). *Geografia*, Rio Claro, v. 2, n. 4, p. 1-38, 1977.
- TSUKAMOTO, Ruth Youko. A estrutura sócio-econômica do Jardim do Sol - Londrina. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 6., 1986, Campo Grande. *Contribuições científicas*. Campo Grande: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1986. p. 135.
- TURNOWSKI, Salomon. A indústria no Estado da Guanabara: aspectos de sua implantação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 2., 1965, Rio de Janeiro. *Resumos de teses e comunicações*. Rio de Janeiro: Delta, 1965. p. 63-64.
- _____. *Deslocamento das indústrias cariocas*. Rio de Janeiro: Secretaria de Governo, Coordenação de Planos e Orçamento, 1967. 23 p.
- _____. A função industrial e a industrialização. In: CURSO de Geografia da Guanabara. Rio de Janeiro: IBGE, 1968. p. 125-142.
- _____. *Aspectos da geografia das indústrias no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Secretaria de Governo, Coordenação de Planos e Orçamentos, 1969. 153 p.
- _____. ENÉAS, Yara Simas. Subúrbios industriais do eixo Linha Auxiliar, Rio d'Ouro e Bangú. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 2., 1965, Rio de Janeiro. *Roteiro das excursões*. Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1965. p. 53-60.
- VACHER, A. Montluçon: essai de géographie urbaine. *Annales de Géographie*, Paris, v.13, p. 121-137, 1904.
- VALLADARES, Licia do Prado (Org.). *Habitação em questão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980. 196 p.
- _____. (Org.). *Repensando a habitação no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. 197 p.
- VALVERDE, Orlando. Dois ensaios de geografia urbana: Pirapora e Lapa. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 4, p. 509-526, out./dez. 1944.
- _____. Excursão à região colonial antiga do Rio Grande do Sul. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 4, p. 477-534, out./dez. 1948.
- _____. Estudo regional da zona da mata de Minas Gerais. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 3-82, jan./mar. 1958.
- _____. O noroeste da mata pernambucana (a região de Timbaúba). *Boletim Carioca de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1/2, p. 5-68, 1960.
- _____. Os distritos meridionais do município de Colatina, Espírito Santo. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 178, p. 83-107, 1964.
- _____. O sítio da cidade. In: CURSO de Geografia da Guanabara. Rio de Janeiro: IBGE, 1968. p. 3-14.
- _____. Carta aberta de Orlando a Orlando. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 60, p. 5-20, 1984.
- _____. et al. Geografia econômica do nordeste potiguar. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 3-42, jan./mar. 1962.

- VASCONCELLOS, Luiz G. Falcão. Algumas considerações sobre conforto ambiental, arborização e áreas verdes na cidade de Manaus - AM. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 5., 1982, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1982. p. 516-524.
- VASCONCELOS, Pedro de Almeida. O trabalho informal nas metrópoles brasileiras: uma análise comparativa. *Geografia*, Rio Claro, v. 12, n. 24, p. 141-148, 1987.
- _____. Região Metropolitana de Salvador: elementos da sua estruturação espacial. *Revista de Urbanismo e Arquitetura-RUA*, Salvador, v. 2, n. 2, p. 103-124, 1989.
- VELOSO FILHO, Francisco de Assis. A expansão urbana no Distrito Federal. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 6., 1986, Campo Grande. *Contribuições científicas*. Campo Grande: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1986. p. 120.
- VETTER, David M., MASSENA, Rosa Maria R. O espaço e a apropriação dos benefícios líquidos dos investimentos do Estado em infra-estrutura urbana. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 4., 1980, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1980. p. 73-82.
- _____. et al. Espaço, valor da terra e equidade dos investimentos em infra-estrutura do município do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 41, n. 1/2, p. 32-71, jan./jun. 1979.
- _____. A proposição dos benefícios das ações do Estado em áreas urbanas: seus determinantes e análise através de ecologia fatorial. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 43, n. 4, p. 457-576, out./dez. 1981. Publicado também em: Espaço & Debates, São Paulo, v. 4, p. 5-37, 1981.
- VIANA, Myrna T. Rego. Algumas reflexões sobre a luta pela terra nas cidades. *Boletim Paulista de Geografia*, n. 57, p. 93-99, 1980. Transcrito em: MOREIRA, Ruy (Org.). *Geografia: teoria e crítica*. Petrópolis: Vozes, 1982. p. 125-130. Resumo publicado em: Anais do 4. Encontro Nacional de Geógrafos. Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1980. p. 407. Editorial: por quê mudar?, *Boletim Paulista de Geografia*, n. 51, p. 5-6, jun. 1976.
- _____. São Miguel Paulista: o chão dos desterrados. São Paulo, 1982. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1982. 131 p.
- VIANNA, Pedro C. Guedes, SANTOS, Marcos Antonio. Projeto Rio: uma análise crítica. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 4., 1980, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1980. p. 83-96.
- VIANNA, Márcia C. Segadas. Um estudo de renda de migrantes e naturais na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 2., 1976, Belo Horizonte. *Comunicações*. Belo Horizonte: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1976. p. 201-206.
- VIDAL DE LA BLACHE, Paul. La géographie politique à propos les écrits de M. Frédéric Ratzel. *Annales de Géographie*, Paris, v. 7, n. 32, p. 97-111, 1898.
- _____. Les caractères distinctifs de la Géographie. *Annales de Géographie*, Paris, v. 22, n. 124, p. 289-299, 1913. Versão em português: As características próprias da geografia, na obra de CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.). *Perspectivas da geografia*. São Paulo: DIFEL, 1985. p. 37-47.
- _____. *Principes de Géographie Humaine*. Paris: Armand Colin, 1922. 327 p. Versão em português como: *Princípios de Geografia Humana*. Lisboa: Cosmos. 461 p.
- VIEIRA, Sonia Bogado. Jurujuba: um estudo de caso de segregação urbana. In: LINDGREN, Carlos Ernesto (Org.). *Leituras em organização espacial*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Coordenação dos Programas de Pós-Graduação em Engenharia, 1975. p. 243-266.
- VILARINHO NETO, Cornélio Silvano. *Projeto CURA - Cuiabá*: um exemplo da intervenção do Estado nas transformações do espaço urbano. Rio Claro, São Paulo, 1983. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, 1983. 2 v. Resumo publicado em: Anais do 6. Encontro Nacional de Geógrafos. *Contribuições científicas*. Campo Grande: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1986. p. 140.
- VILLAÇA, Flávio. *A estrutura territorial da metrópole sul-brasileira: áreas residenciais e comerciais*. São Paulo, 1979. Tese (Doutorado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1979. 2 v.

- VINAGRE, Jane, SANT'ANNA, Marina del N. C. A intervenção espacial do governo e a política sócio-econômica: o caso do conjunto habitacional de Cordovil - Cidade Alta. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 5., 1982, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1982. p. 390-391.
- _____, TEIXEIRA, Marlene P. V. Contribuição ao estudo da função turística - Mangaratiba (RJ). In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 5., 1982, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1982. p. 379-381.
- VLACH, Vânia R. Farias. *A propósito do ensino da Geografia: em questão o nacionalismo patriótico*. São Paulo, 1988. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1988. 206 p.
- VOCABULÁRIO de Geografia urbana. Rio de Janeiro: Instituto Panamericano de Geografia e História, Comissão de Geografia, 1971. 156 p.
- WADA, Carmelita Yoshiko. O setor informal de Londrina: o espaço público como locus dessa atividade. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 6., 1986, Campo Grande. *Contribuições científicas*. Campo Grande: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1986. p. 127.
- _____, et al. Crescimento vertical de Londrina: uma questão a ser estudada. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 6., 1986, Campo Grande. *Contribuições científicas*. Campo Grande: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1986. p. 123.
- YOSHIOKA, Reimei. *Avaliação de implantação de núcleo urbano na Amazônia: exemplo de Nova Marabá, Pará*. São Paulo, 1986. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1986. 188p.
- ZAMPIERI, Helvécio. *Birigui, cidade industrial do oeste paulista: exemplo recente da fabricação de calçados*. São Paulo, 1977. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1977.

RESUMO

Este trabalho procura recuperar o processo de desenvolvimento da Geografia Urbana Brasileira, analisando criticamente a produção realizada sobre a organização interna das cidades. Identificando os diversos caminhos percorridos pelos geógrafos desde o início do Século XX, o trabalho discute os grandes temas abordados em cada fase de desenvolvimento do estudo geográfico da cidade no Brasil, contextualizando-os em relação à evolução do pensamento geográfico, por um lado, e em função do processo histórico de desenvolvimento da formação social brasileira, por outro. Aponta, ainda, as orientações teóricas e metodológicas predominantes a cada momento, indicando os impasses enfrentados e as soluções propostas. Oferece, finalmente, como subsídio a outros estudos, uma extensa bibliografia, que inclui livros, artigos, teses e comunicações em congressos.

ABSTRACT

The city as an object of geographical enquiry in Brazil: evolution and evaluation

This article studies the development of Brazilian urban geography in the twentieth century. In attempting to attain this goal, the work identifies the main paths followed by geographers in their studies of urban structure, and relates them to the history of geographical thought, on the one hand, and to the process of Brazilian societal development, on the other. Theoretical and methodological bottlenecks faced by geographers are also discussed, along with the solutions they arrived at. The article includes a comprehensive bibliography, which contains most of the scientific production of Brazilian geographers in the last sixty years.